



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

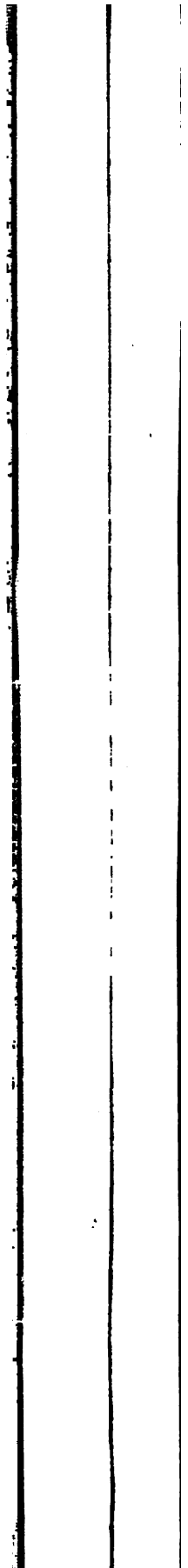
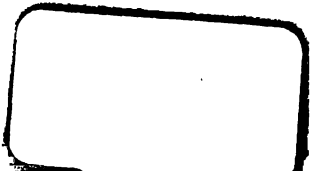
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

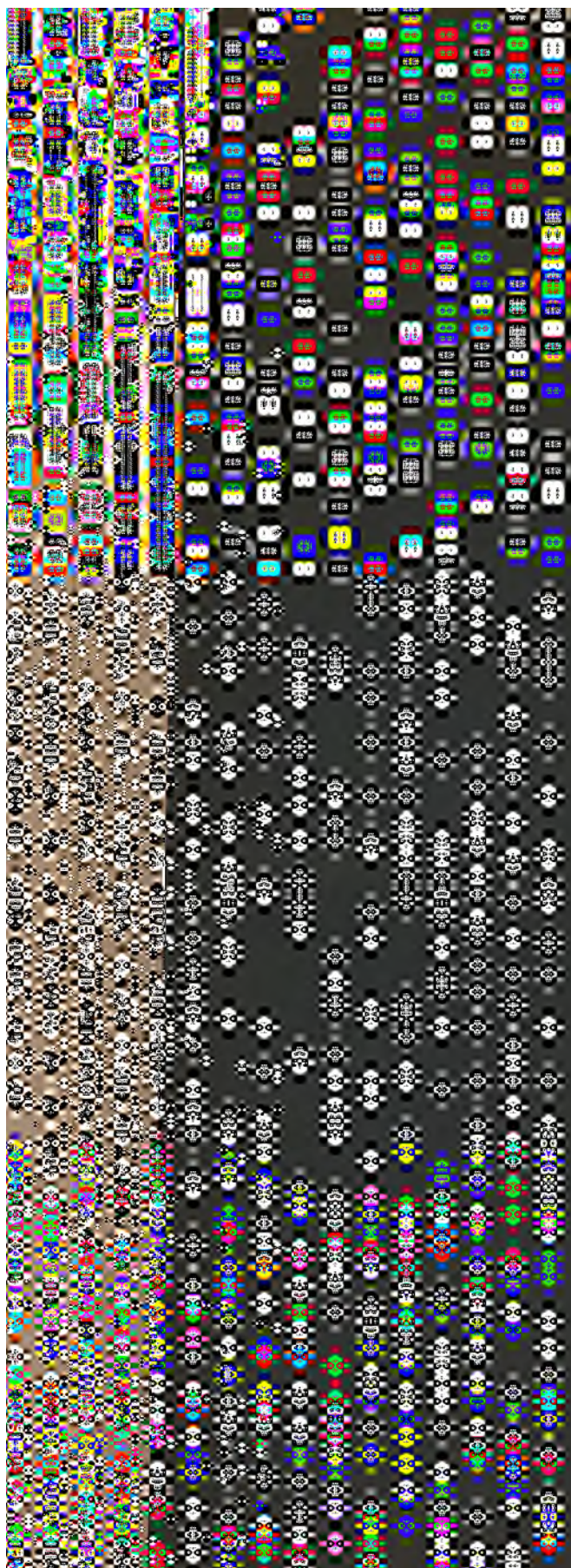
Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





02/11/11

12/11/11

150

100

LIVRO
DAS
DONAS E DONZELLAS

OBRAS DA MESMA AUCTORA

TRAÇOS E ILLUMINURAS, contos.

A FAMILIA MEDEIROS, romance.

A VIUVA SIMÕES, romance.

MEMORIAS DE MARTHA, novella.

LIVRO DAS NOIVAS.

A FALLENCIA, romance.

HISTORIAS DA NOSSA TERRA, contos para creanças.

ANCIA ETERNA, contos.

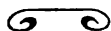
A INTRUSA, romance.

De collaboração :

CONTOS INFANTIS, com Adelina Lopes Vieira.

A CASA VERDE, romance, com Filinto de Almeida.

JULIA LOPES DE ALMEIDA,



LIVRO

DAS

DONAS E DONZELLAS



DESENHOS DE Jeanne MAHIEU



FRANCISCO ALVES & C.^a

RIO DE JANEIRO — 134, RUA DO OUVIDOR, 134

RUA DA BAHIA
BELLO HORIZONTE (MINAS)

RUA DE S. BENTO, 45
SÃO PAULO

1906

Haasmeider

PQ 9697
L74L5

PRIMEIRA PARTE

MINHAS AMIGAS!

89

Mez das cigarras e das flôres de flamboyant, como diria Fradique Mendes se tivesse de datar em Dezembro uma carta no Rio de Janeiro. Prescindo, como elle, da enumeração do dia. Datas são algarismos sem forças para fazer sentir o violento azul do nosso céu, nem os ramalhões purpurinos das nossas arvores, nem este chiar incessante das cigarras entontecidas de luz, annunciando o calor.

Este lindo mez, em que o anno morre engalanado de côres e de sons, obriga-nos a volver o olhar para o passado, numa inquirição pensativa e saudosa... e logo a querer sondar o futuro impenetravel com a frouxa luz de uma esperança. Nada se descortina bem, visto de longe; e é melhor assim...

O que torna a vida encantadora é o imprevisto; e a prova é que ninguém desejaria recomeçal-a da mesma forma por que a já viveu; nem creio mesmo que, se tal milagre se pudesse cumprir, houvesse alguém, por mais venturosa que lhe houvesse corrido a curta vida, que tivesse coragem de a recomeçar!

Cerre alguém os olhos, pense, siga o curso da sua existencia, e ficará convencido de que só alguns dias lhe mereceram o desejo de serem revividos. Dias? Nada mais que momentos, de inolvidavel doçura...

Para a gente moça o maior encanto da vida está no que ha de vir, no que se ignora; para a que transpõe o cabo dos quarenta, está no presente, que passa ligeiro, ligeiro, como a corrente de um rio caudoloso...

Minhas boas amigas, donas e donzellas, velhas e meninas, perdi o endereço de algumas de vós; outras... reze-mos-lhes por alma, estão mortas; de sorte que esta carta, de incerta direcção, pretende ir até ás portas do céu, na ondulação do acaso e da saudade.

Nós, as mulheres, não temos sempre facilidade de bem exprimir os sentimentos por palavras; elles parecem-nos por demais subtis e complexos; ellas insufficientes e frá-quissimas. Dizem que ha para todas as coisas expressões precisas, de inquestionavel exactidão; a lingua modula no som, e inalterada, a essencia da mais rara alegria ou do mais terrivel desespero. Mas essa é a interpretação dos fortes; a nossa dilue-se, numa gotta incolor e inodora, que é como um chuveiro em uma rosa, se nasce da alegria; ou, se vem da dôr, como um floco de neve em uma brasa, que apaga a luz e deixa a nú o carvão.

Lembranças de amisade não são como lembranças de amor, que pungem e delíam; têm outra suavidade, um perfume indistincto, e por isso são mais difficeis de des-criminar nas meias tintas do passado; todavia, quanta commoção ellas nos trazem na sua nevoenta apparição!

Minhas amigas de outros tempos, supponde que eu en-feixo as graças e virtudes de vós todas em uma só figura, que podereis chamar de Mocidade, ou de Primavera, como vos aprouver.

Para ser suprema a sua formosura ella terá os teus dôces olhos azues, tão cedo fechados, Elvira; e o teu riso alegre, Maria Laura; e a tua voz, Janan; e a tua bondade adoravel, Marie; e as linhas do teu corpo, Alice; e a doçura da tua tez, Carlota! Terá da negra Josepha, tão triste por não ser branca, a branca innocencia; e de vós todas, com que topei na minha infancia, a garrula alegria e a trefega imaginação.

Não sacudo a uma esphinge o meu lenço saudoso, mas a uma figura tangivel, feita de perfeições e que permanece, immutavel e risonha, no horizonte que me foge.

De algumas de vós não sei, amigas da meninice; outras vieram depois, na idade das confidencias, e ainda hoje eu sinto o calor de sympathias moças que vêm vindo como aves annunciadoras do bom tempo, para me dizerem que floresce ainda na Terra a sagrada planta da amizade.

Entre todas, não sois vós, amigas desconhecidas e minhas leitoras, cujo influxo tantas vezes me alenta, a quem menos se lança o meu pensamento de mulher, num desejo de felicidade perfeita...

*
* *

Nesta noite, uma das ultimas do fim do anno, que de lembranças suaves me esvoaçam pelo espirito!

Crêde, esta carta é um desabafo. Não só vós, minhas queridas, voltejaes na minha memoria, como nas rondas do collegio; ha outros amigos adorados, invisiveis, de poderosa influencia, a que me lanço com significativa gratidão: — os auctores. O primeiro livro lido; as paginas mais vezes relidas; as musicas que melhor interpretei; os versos que me fizeram estremecer ou sonhar; singulares sensibilidades, acordadas por extranhos que amei como

amo o sol que me aquece, ou a flôr que me inebria, — tudo renasce e passa pelo meu pensamento, numa irradiação purissima, de devaneio...

Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas azas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas...

Mas isso que vos importa?

Valerá a pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?

O anno em que parte da nossa vida discorreu, acaba? Deixal-o acabar! O outro que vier terá as mesmas quatro estações; o sol inflammará a terra no verão, o vento fará cahir as folhas no outomno, as neves caracterisarão o inverno, e as boninas esmaltarão os campos na primavera...

Assim como o tempo, fuseo ou luminoso, os homens serão máos ou serão bons e a vida fará o seu giro imperturbavel, desfazendo e creando entre declínios e triumphos.

Para o mundo será assim, mas para nós, queridas?





BRASILEIRO

placelar de usos e
s, poucas pessoas
anda encanto em
es de avós que se
uito tempo, e de
irais, lá no fundo
não guardam nem
belle!

A nossa vida agitada precisa de um esforço para relembrar os divertimentos antigos, e não é senão por condescendencia que muita gente faz horas para ir á missa do gallo ou que deixa o espectáculo pela ceia caseira, obrigada a certos pratos que o desuso tornou para muitos paladares simplesmente abominaveis !

Noites quentes, maravilhosas noites de verão, banhadas de luar, impregnadas do aroma da magnolia e do jasmim-manga, convidaes por certo muito mais aos passeios pelos arredores da cidade, ouvindo cigarras e violas de serenatas, do que a fecharmo-nos em uma sala, em frente a um prato de canja fumegante, entre os globos de gaz a toda a luz e uma toalha branca onde a loiçaria brilhe com o seu luzimento de esmalte.

Estas festas são dôces ás mamães, porque chamam para o seu redil as ovelhas soltas por diversos pontos da cidade. Nestes dias, como que se ouvem badaladas de sinos de ouro que, a cada repique, dizem assim :

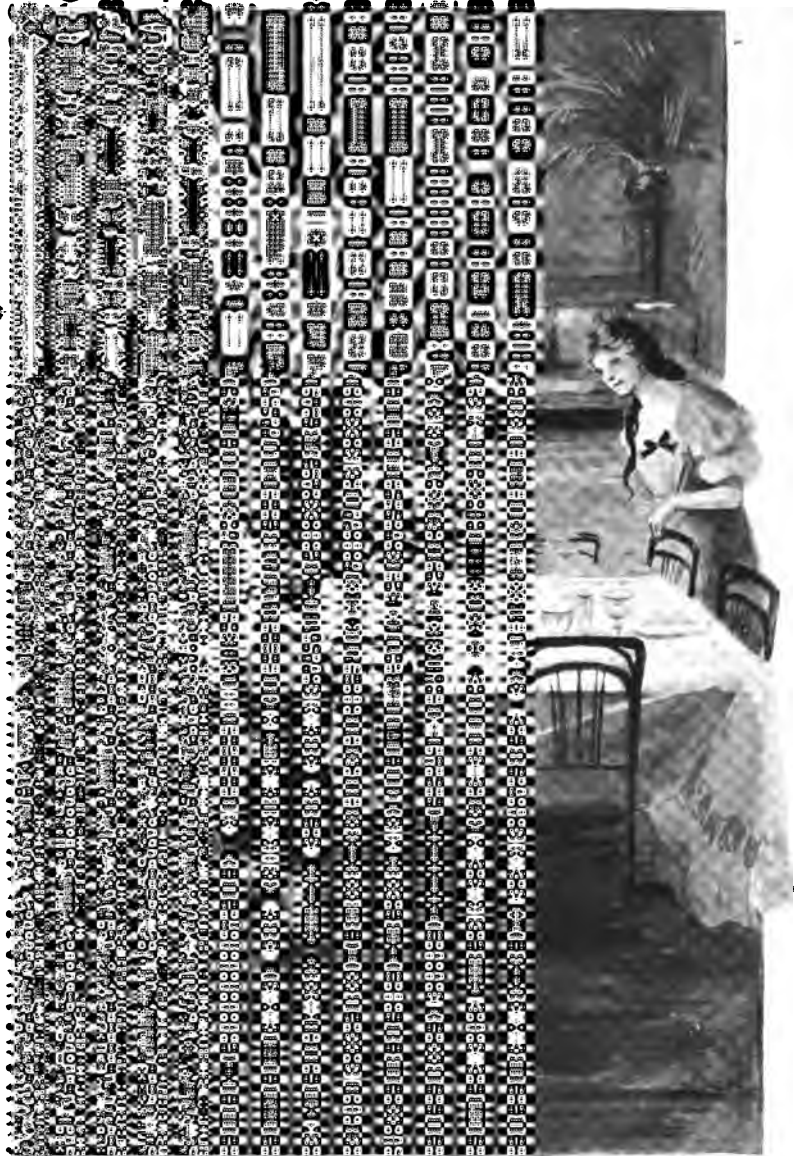
— Vinde para casa ! Vinde para casa ! É aqui que vos amam !

E as ovelhas param, escutam, torcem caminho e voltam para o aprisco de onde tinham partido.

A amante que espere, pensam os rapazes ; que se estorça de raiva vendo-se preferida. É preciso tambem contentar a mamãe, que sorri acudindo a tudo e a todos com a mesma paciencia de ha trinta annos, quando os filhos eram pequenos e não sabiam de nada na vida que egualasse á sua companhia !

« Boa mamãe ! dizem-lhe elles agora, perdoae os nossos desvarios de rapazes ! Nós cá estamos no teu regaço, olhando para o teu rosto, beijando as nossas irmãs. »

bios risonhos e os



casa, cujas bada-
o sabe! é o seu

NAS E DONZELLAS

ustiado, pisado de soffrimentos, mas que todo se enflora
he é de mãe!

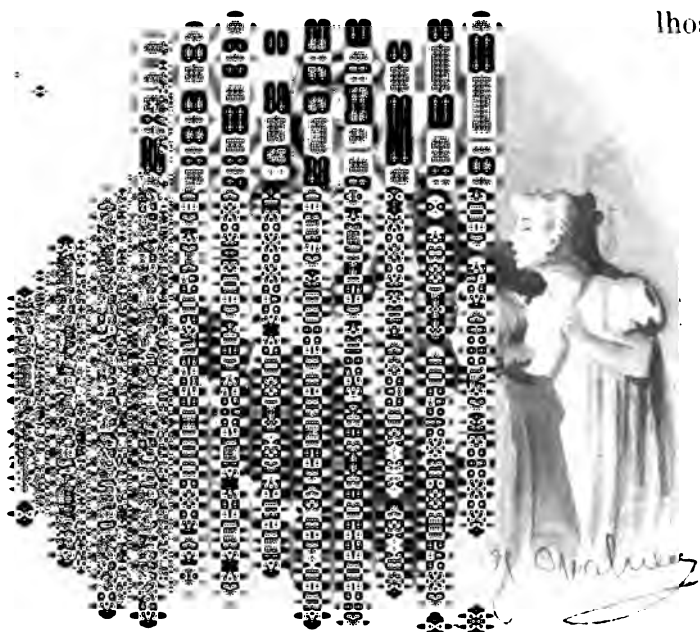
familiares, sois peregrina-
mente bondosas e cle-
mentes para os ve-
lhos!

..

Sim, é por
condescen-
dencia que
muita gente
deixa a noi-
tada ao re-
lento pela
ceia caseira,
em que se
comem coi-
sas succu-
lentas, se ou-

ao piano, ou se conversam

tas do Natal e do Anno-Bom
tra. Aqui na cidade fazemol-as
portuguezes. O frio do Natal
as para o interior das suas
ões e das ceias fumegantes.
so! Em vez da neve temos o
aspera, que obriga as pobres
egreja envoltas em capotes,



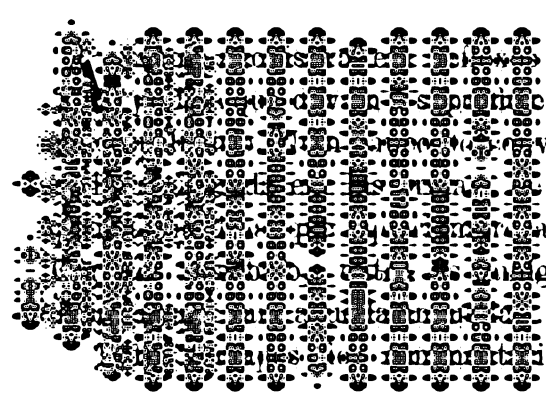
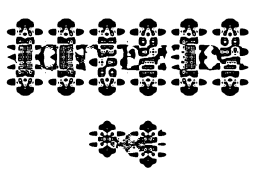
salpicadas de lama e de chuva, temos noites estrelladas, cheirosas, em que moças e rapazes vão á meia noite ouvir a missa do gallo, com trages alegres, sem receiar bronchites, podendo folgar pelos caminhos á luz das estrellas palpitantes e coloridas. Na roça é assim. A creançada come ao ar livre pinhões cozidos e faz a algazarra que lhe apraz. As moças dansam no terreiro com os namorados, e os velhos, sentados sob o alpendre, contam anedotas, rememoram visitas a presepios antigos, até que o sino os chame e elles partam todos, aos magotes, para a capella tão sua conhecida, tão sua amada!

Se fosse possível deveríamos inventar festas adequadas ao nosso clima, estabelecel-as, fixal-as, tornal-as nossas.

Os costumes europeus não podem, em absoluto, ser reproduzidos aqui. Ha no Brasil climas mais frios do que em alguns paizes da Europa; no alto Paraná o gelo quebra os galhos das arvores e o aldeão tiritava lavrando a terra. Mas de que vale isso, se as estações são trocadas e o nosso Natal desabrocha em pleno verão! O nosso Natal! Bem que elle precisa de outro emblema. O velho de longas barbas brancas, nariz côr de morango maduro, capote espesso lanzudo e gorro de pelles, é filho das terras nevadas, cortadas pelos uivos do vento, tão cruel para os pobres. O nosso Natal é moço, é risonho, é caritativo; abriga os sem vintem, e as creancinhas nús não o temem, porque elle afaga-as com o seu bafo cheiroso e veste-as com a sua luz quente e doirada!







brancos de prata
do mar um tom de
vêz da barca, uma
lucto, sussurrava
ar por um convento.
gas, que todas se
...
os percebi que as

donzellas não levariam ao claustro contingente que o exalçasse... Uma d'ellas faria versos mysticos, a outra rezaria ladainhas, sem que das suas genuflexões ou dos seus arroubos viesse beneficio ao mundo.

A mãe não sabia explicar aquelle fervor subito. Suppunha que a mais velha, poetisa, procurasse na religião os ideaes que não via realizados na terra; mas a outra? Debatia-se ante o enigma da outra.

Optaram as amigas por uma paixão. Algum amor mal correspondido.....

Pobre creança, pensava eu de mim para mim, o veu de freira não tem por certo a magia que ella espera... Se o mal de que ella soffre é esse que dizem, leval-o-á comsigo, que para a fatalidade do amor não ha amuletos nem cilícios que valham. O convento excitará no principio a sua phantasia, vinculará a sua saudade, sem lhe trazer a pacificação, a *vida saborosa*, que é o preparo do Paraizo.

Houve tempo em que o convento tinha, com todos os rigores, certos attractivos, como tudo que é forte e que domina. Tempos houve tambem em que elle era menos um lugar de reclusão que de galanteio; então bilhetes amorosos e versos dos torneios perpassavam por entre aquellas paredes severas, como revoadas de mariposas tontas; e havia freiras, como a freira Serafina, que, escrevendo a respeito da abbadessa de Santo André, deixava transparecer a convicção de que não é o amor divino, mas o humano, a melhor e a maior preocupação de toda a gente, tanto de lá de dentro como de cá de fóra. Dizem mesmo chronicas velhas e chronistas modernos que nem sempre os

conventos foram santuarios de castidade. Fossem lá o que fossem, a verdade é que tinham vida propria e o enorme prestigio que facilita esuggere os grandes devotamentos. Depois, a mulher não tinha outros destinos : ou elle ou o casamento. Hoje não é assim ; o pulso paterno já não tem o poder de aferrolhar filhas insubmissas, e a poesia, que naquelles tempos o habito pudesse ter, foi substituida no nosso tempo — por uma funebre idéa de mortalha. Hoje os conventos parecem tumulos.

Imagino a melancholia d'esses casarões enormes. Que silencio de corredores, onde as sandalias já não batem de minuto a minuto ; que ar de mofo nas cellas sem dono, fechadas ha annos e em que as aranhas tecem irreverentes a rede da sua prole ; que abandono nos pateos, onde as fontes choram, sem o consolo de vêr as suas lagrimas suspensas pelas mãos macias de umas freiras bonitas ; que aspecto frio o do refeitório, onde na immensa mesa conventual meia duzia de freiras sornbaticas trocam receitas de pasteis e benzem distraidamente o pão, e o comem depois sem alegria, a bella alegria, que a tão citada Santa Thereza de Jesus aconselhava ás freiras da sua communitade, a par de trabalho activo, vassouradas, costuras, roupas limpas e polimento de metaes ! Essa feição salutar da santa modificou a immundicie do convento, mas não lhe tirou a grandeza austera e a soturnidade doentia.

Dirão : os nossos conventos têm uma feição mais modesta e mais acanhada ; estão pintadinhos de fresco e assoalhados de novo.

Tanto peor. Não haverá ao menos espaço para uma

E DONZELLAS



iosidade, um estudo
cajada e um pateo
ssidades práticas da
moça ?

o riso travesso e das
adadas ; do espelho do



os campos de trigo.
é que quem tem fé
nde por elle se vive
grossos ferrolhos de
a mulher com pro-
e o ardor do seu sa-
s, as ruas cheias de
es, as ambulancias,
ncores ; são a escola,

onde ensina ; a propria familia, que a sua influencia alegre e pacifica ; o hospital, onde consola ; o pedaço de terra, onde planta a arvore, que dará sombra a quem vier mais tarde e ramos para as ninhadas entoarem hymnos ao Creador.

Podemos ser uteis e ser religiosas sem fugir da sociedade ; podemos amar o Senhor, sem desprezar os irmãos, que mais ou menos carecem do nosso amparo, ou da nossa presença.

Este egoismo de esconder as feridas da paixão em lugar imperscrutavel ao olhar humano não é digno d'este tempo, em que as almas se desnudam para o combate, porque hoje não ha santos, ha heróes ; não ha milagres, ha virtudes.

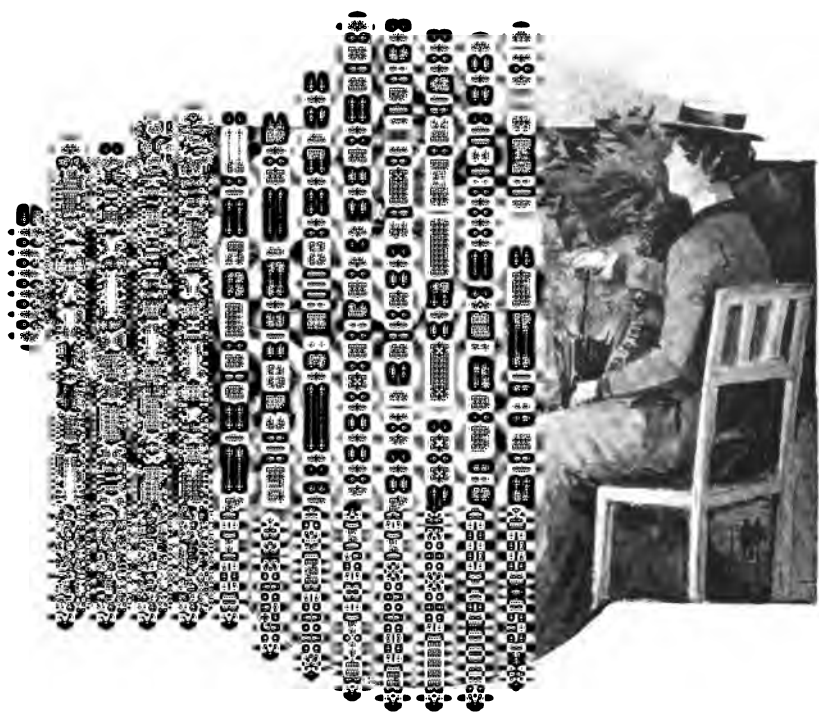
Os eleitos de Deus são os eleitos da humanidade, somos nós, as mães, que criamos os filhos para a glorificação do mundo ; são os homens, que cultivam a terra em paz abençoada, ou morrem por uma idéa generosa.

A religião tem com certeza melhores serviços nos hospitaes, nos pulpitos, nas missões, em todas as suas fórmulas de expansão, que nos conventos mudos, abafados pelo rumor que os cerca.....

A irmã de caridade tem ao menos a sublimidade, a abnegação de viver para os outros. Essa é a sua doutrina. A freira para quem vive ?

.

A barca atracou á ponte, e a senhora de lucto, puxando para o queixo o véu do toucado, sahiu, levando comsigo o mysterio d'aquelle romance apenas entrevisto.....



O PAPEL DO FEMININO

O papel do feminino entre senhoras
 e senhoras, em geral, é o de ser o
 primeiro a apresentar-se em publico,
 e a ser o primeiro a physico, com os
 seus vestidos, e a ser as approxima-
 ções da vida social. O papel do
 masculino é o de ser o primeiro a
 fazer pensar que :
 a mente, que a menta-
 ção, e a sendo ellas excepção

da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que ao nosso, fragilimo; ou que isso revela apenas pretensão de despretenção.

Seja o que fôr, nem a moral nem a esthetica ganham nada com isso. Ao contrario; se uma mulher triumphá da má vontade dos homens e das leis, dos preconceitos do meio e da raça, todas as vezes que fôr chamada ao seu posto de trabalho, com tanta dôr, tanta esperança, e tanto susto adquirido, deve ufanar-se em apresentar-se como mulher. Seria isso um desafio?

Não; naturalissimo pareceria a toda a gente que uma mulher se apresentasse em publico como todas as outras.

Basta vêr um jornal feminista para toparmos logo com muitos retratos de mulheres celebres, cujos paletots, colletes e collarinhos de homem, parece quererem mostrar ao mundo que está alli dentro um character viril e um espirito de atrevidos impulsos. Cabellos sacrificados á tesoura, lapelas (sem flôr!) de casacos escuros, saias esguias e murchas, afeiam corpos que a natureza talhou para os altos destinos da graça e da belleza.

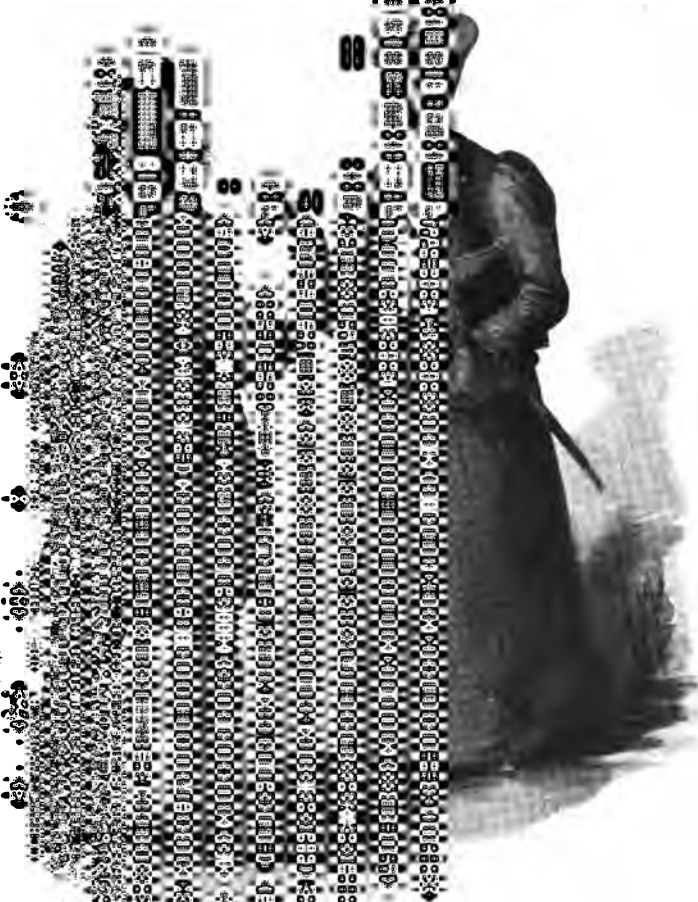
Os collarinhos engommados, as camisas de peito chato, dão ás mulheres uma linha pouco sinuosa, e contrafeita, porque é disfarçada.

Medicas, engenheiras, advogadas, pharmaceuticas, escriptoras, pintoras, etc., por amarem e se devotarem ás sciencias e ás artes, porque hão de desdenhar em absoluto a elegancia feminina e procurar nos figurinos dos homens a expressão da sua individualidade?

Ha certas mulheres, precisamos convir, que têm desculpa na adopção dos murchos trages masculinos,

Ante uma questão de
segurança — as explo-

das passadas e os



cipoes, entre todos
as de espinhos e

as e as bainas são para ellas,

fantasia, mas de commodi-
no fluctuante do vestido
instante aos troncos e ás
tas do caminho, e, quando
hado, pesar-lhes-ia no
po como chumbo.

Por exigencias de commo-
de no trabalho, tambem
esculptoras e pintoras se
sujeitam muitas vezes a

vestirem-se assim
e só quando exe-
cutam obras de
grandes dimen-
sões. As calças
facilitam então as
subidas e as des-
cidas de andaimes
e de escadas.

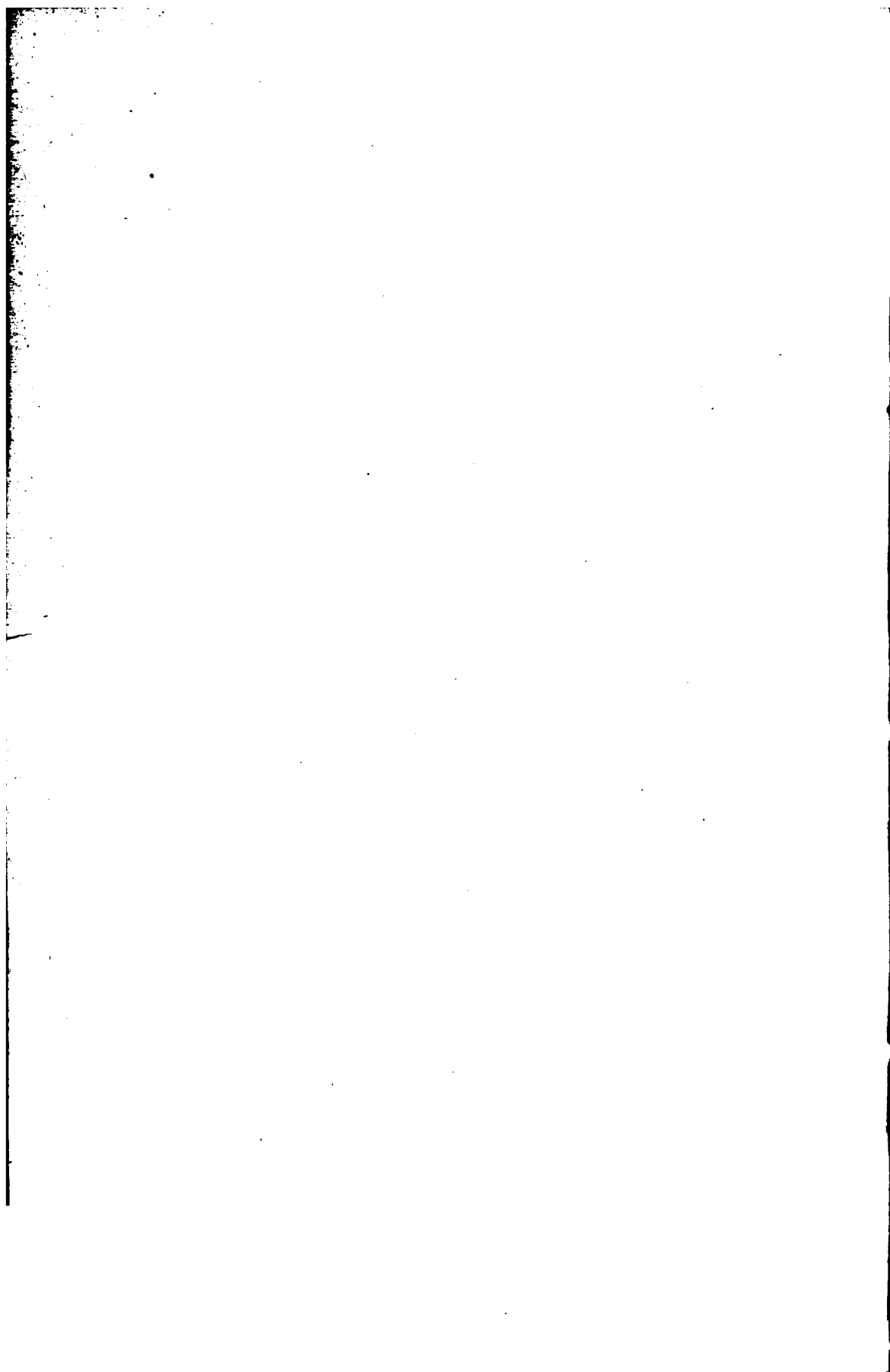
Rosa Bon-
heur, conta-nos um
seu biographo, surpre-

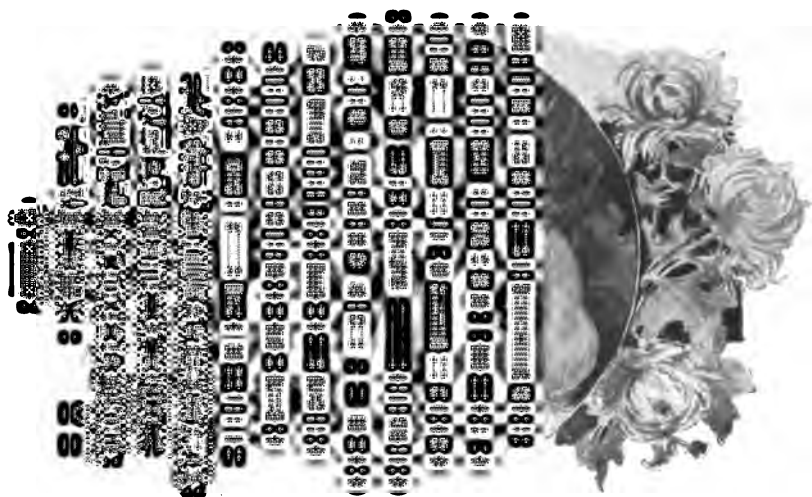
endida no *atelier* pela noticia
entrava em sua casa para
ra, — viu-se atrapalhada
do seu sexo e poder rece-
na.

abusava d'essas entradas
com liberdade de todos os
que a artista era procu-
recia como mulher.

Nas cidades, sobre o asfalto das ruas ou o saibro das alamedas, não sabe a gente verdadeiramente para que razão appelar, quando vê, cingidas a corpos femininos, essas *toilettes* híbridas, compostas de saias de mulher, colletes e paletots de homem... Nem tampouco é fácil de perceber o motivo por que, em vez da fita macia, preferem essas senhoras especar o pescoço num collarinho lustrado a ferro, e duro como um papelão!







PARA DE INFERECER



amigas, que vemos
 as nossa madeixas
 eiro fio de cabelo
 d'esse momento
 no se não nascera-
 receio de se con-
 z que a primeira
 marguras mais sub-
 nos mais feias, teve
 sorriso de inclemente
 elles, e que Deus

lhes prolongue a raça ! engrinaldaram de rimas e periodos suaves a dôr d'esse momento sagrado, em que as nossas esperanças fecham as azas, repentinamente murchas, e a luz dos nossos sonhos esmorece...

Mas se elles adivinharam a delicadeza do nosso sentimento, não nos contaram a especie do seu, ao vêr a luz pallida e fina de um fio prateado colleando por entre as ondas negras da cabelleira, ou as pontas castanhas do bigode.

Pensavamos que os primeiros signaes outoniços, que são para as mulheres os mais terriveis, não os alarmassem a elles, sempre embebidos em tão grandes ideaes, que nem tivessem vagar para perceber a ruina do proprio corpo. Enganamo-nos ; o homem é tambem sensível como nós ás apprehensões que a vista do primeiro cabello branco suggere...

Um fio de cabello, nada ha mais fragil, nem mais quebradiço, nem mais leve, e entretanto vê-se que mundo de sensações elle prende e arrasta ! Até aqui, eram só as nossas, suppunhamos, mas agora sabemos que são as de toda a gente !

Tenho deante dos olhos uma pagina de homem — *A arte de envelhecer* — que se me affigura ter sido escripta deante de um espelho perfido. Essa pagina suave e bem feita analysa essa hora delicada e de difficil interpretação, em que ha em todos o mesmo estremecimento de susto, e o mesmo estender de mãos para agarrar o que passou e que não voltará jámais — a mocidade.

A mocidade ! aos quarenta annos ainda a sentimos perto, aspiramos-lhe o aroma, como que lhe sentimos



o halito quente ; já ella nos deixou, já ella se foi embora, e todavia recrudescce em nós, mulheres, toda a alacridade vivaz da sua exuberancia ; ha mais calor no nosso peito, mais ardor na nossa paixão, mais firmeza na nossa vontade. É nesse instante de supremo gaudio que um insignificante fio de cabello branco nos vem lembrar que o bem que gosamos, tão conscientemente como o gosamos até então com indifferença... ha de acabar !

Suppuz, não sei porque, á força de ouvir dizer, talvez, que essa hora para os homens chegasse mais tarde. Vejo que não. Sempre é consolador ter bons companheiros na desgraça...

Na arte de envelhecer, thema delicioso e que o auctor poderia desenvolver em um volume grosso, ha uma pincelada geitosa e leve na referencia á maneira por que sabemos disfarçar os estragos impiedosos do tempo... O que as palavras não dizem, mas a insinuação aponta, é que esse meio é o *maquillage*, o artificio, o auxilio das côres sabiamente combinadas, a discreção dos véos e o effeito artistico do penteado...

Saber compôr a physionomia, dar-lhe apparencia agradável, tornal-a bonita quanto possivel, é a mais commum das preocupações femininas, para que não a confessemos.

Todavia, ha uma revelação a fazer : é que raramente se põe aqui ao serviço d'esse cuidado o uso das tintas, das pomadas e dos vernizes.

A não ser a ingleza, protegida por um clima que lhe avelluda a tez, não conheço mulher que menos recorra aos embustes do toucador que a brasileira.

estigamente alguns
nico auxilio de que
complemento de
avel, que mesmo
luzidio da pelle,



que se quizesse
damos-lhe caixas
az incide em refra-

inda não mereceu
as brasileiras o sa-
onada em sessões
oleos, tintas e es-

ve por objectivo a
n de padecer com
audança. Isso de-

AS E DONZELLAS

as circumstancias de cada

velhecer sem arte, com ou-

levadas e menos egoistas...

anos de escola que os mestres

compreender ás creanças que a

menos vale do que a bondade,

que devenir

la su qu'ètre belle

ção material é sempre im-

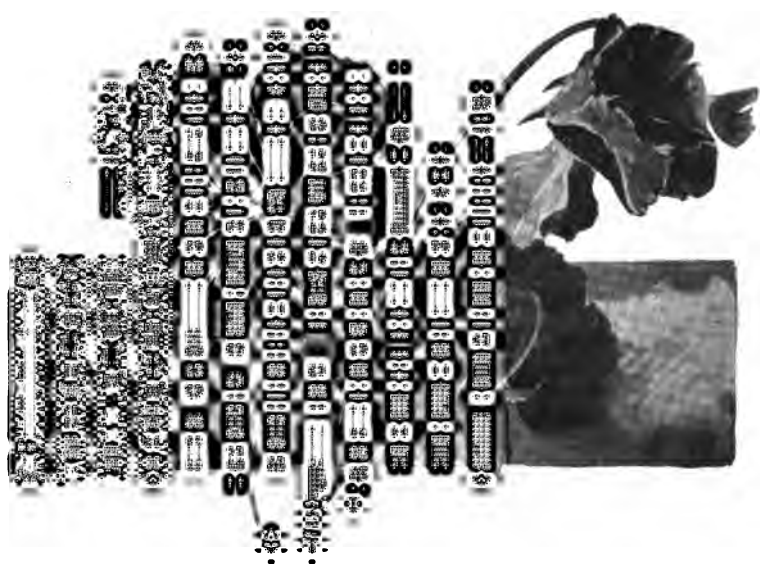
perfeição moral sempre

a de exercitar a alma nas

e saber derramar em torno a

sciencia, a sombra que alli-





CELEBRAR LEIRA

mulher brasileira uma
 nós só nascemos para
 sendo para tudo mais
 nós desliza como um
 recebemos do céu o
 impõe a adoração...
 mulher brasileira é
 primeira mocidade,
 atifa a vida de faci-
 de observação elo-
 ente, pela presteza

com que se submette aos sacrificios, a bem dos seus, e pela sua virtude. A brasileira não se contenta com o ser amada: ama; não se resigna a ser inutil: age, vibrando á felicidade ou á dôr, sem offender os tristes com a sua alegria e sabendo subjugar o soffrimento. Parecerá por isso indifferente ou socegada, a quem não a conhecer senão pelas exterioridades. Mas não tivesse ella capacidade para a lucta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto, nem teria conseguido leccionar em collegios superiores. A esses logares de responsabilidade ninguem vae por phantasia nem chega sem sacrificios e coragem. Apesar da antipathia do homem pela mulher intellectual, que elle agride e ridicularisa, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua intelligencia frequentando cursos que lhe illustrem o espirito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades....

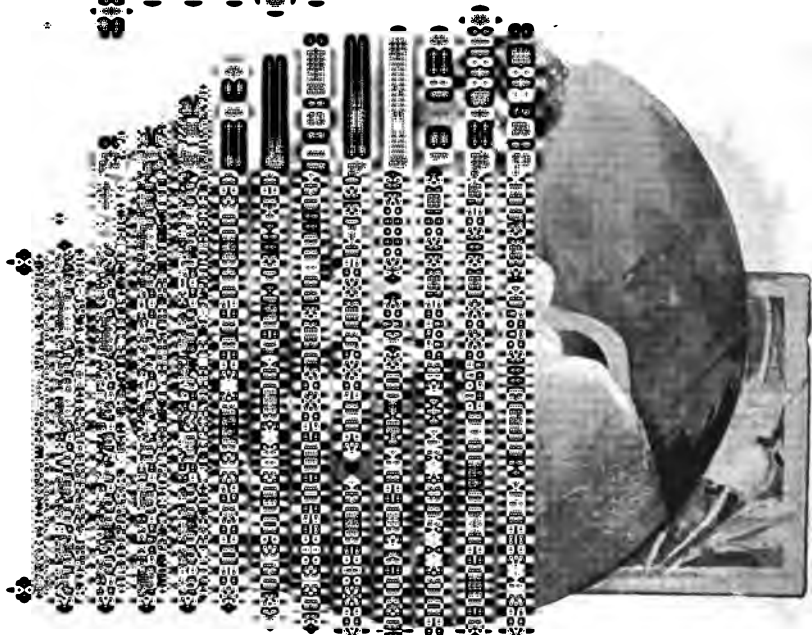
Se o seu temperamento é calido e voluptuoso, a sua indole é honesta e activa e o seu pensamento despedido de preconceitos.

Se uma mulher brasileira, (se ha excepções? ha-as de certo!) cae de uma posição ornamental em outra humilde, é de rosto descoberto que ella procura trabalho; então vae ser costureira, mestra, typographa, telegraphista, aia, qualquer coisa, conforme a educação recebida, ou o ambiente em que vive...

Nessas acções, não ha simplicidade, — ha stoicismo e uma comprehensão perfeita da vida moderna: que é a guerra das competencias. A brasileira vive ociosa; é uma phrase injusta e que anda a correr mundo, infelizmente sem protesto. Porque?

só não amamenta
que não tem leite ou
efico!

uma aspiração: —
emplo devia ser ci-
virtude se accentua



ais civilizados vac-se

ais intensidade, tal-
e estragar a sua
vi vemos as pobres
s á guerra, acom-
ado quem os fere,
hes das mãos mori-
ngam!

Estas energias não são filhas do acaso, vêm-nos da mistura de sangues com que fomos geradas, vêm-nos d'esta natureza portentosa e que por toda a parte nos ensina que a vida é uma grande fonte que não deve seccar inutilmente!

*
* *

Nos paizes tropicaes a precocidade é tamanha que a existencia da menina passa como um sopro e começam bem cedo as responsabilidades da mulher. Por vezes o assalto é tão repentino que não ha tempo de preparar na creança o espirito da donzella. Namorada de si mesma, no deslumbramento da mocidade, ella affigura-se-nos então frivola e perigosa. Receia a gente pelo futuro da pobre creança, estonteada pela vida como uma mariposa pela luz. Quanto mais melindrosa é essa quadra, quanto mais vagares tem a imaginação, alvoroçada pelos sentidos, de architectar castellos mentirosos! Felizes as donzellas pobres, obrigadas pelas circumstancias apertadas da vida a empregar a sua intelligencia e a sua actividade no trabalho e no estudo! São as mocinhas que, para irem ás aulas que frequentam, engomam as suas saias ou cosem as suas blusas, as mais habilitadas para a resistencia das paixões ruins. Decididamente, o trabalho é o melhor saneador de almas! E nós precisamos da nossa muito sã, porque só a virtude da mulher póde salvar os homens, seus filhos e seus irmãos, no descalabro das sociedades arruinadas ou em deliquencia... A nossa força está na nossa bondade e no nosso criterio, coisas que, quando não são naturaes, fazem-se pela vontade.

Nós, as brasileiras, perdemos-nos pelo excesso de sentimento. Ainda não aprendemos a dominar o nosso coração, que se dá em demasia, sem colher por isso grandes resultados...

O europeu, tractado com rigor pela mãe, não tem por ella menos respeito (talvez tenha mais !) nem menos carinhos que os nossos filhos têm por nós... que nos desfazemos por elles em sacrificios e ternuras ! Parece que a blandicie perenne enfraquece a alma do individuo, tornando-o um pouco indifferente...



Ha muito quem affirme que no Brasil a mulher domina como soberana ; e já um escriptor portuguez disse d'ella, relatando as suas observações em um livro de viagem :

« ... A mulher deve ser, entre esta raça, superior a todas as coisas. Vê-a passar na rua e comprehender a commoção que ella causa é ter reconhecido todo o alcance do seu prestigio. Inspira devoção, tem um culto. Não é a mulher companheira do homem, sua irmã de trabalhos e de penas ; é a mulher idolo, a mulher sacrario. Mãe, filha, esposa ou cortezã, ella será neste paiz e para este povo a suprema instigadora, e a sua vontade, como o seu capricho, terão o cunho authenticico de leis, assim no lar como nas alcovas. Será ella quem predomine e da sua boa ou má influencia dependerá, talvez, o destino historico d'esta nacionalidade. »

É possivel que assim seja de futuro, visto que a brasileira de hoje tem mais ampla noção da vida ; a licção do passado, porém, desgraçadamente, é outra.

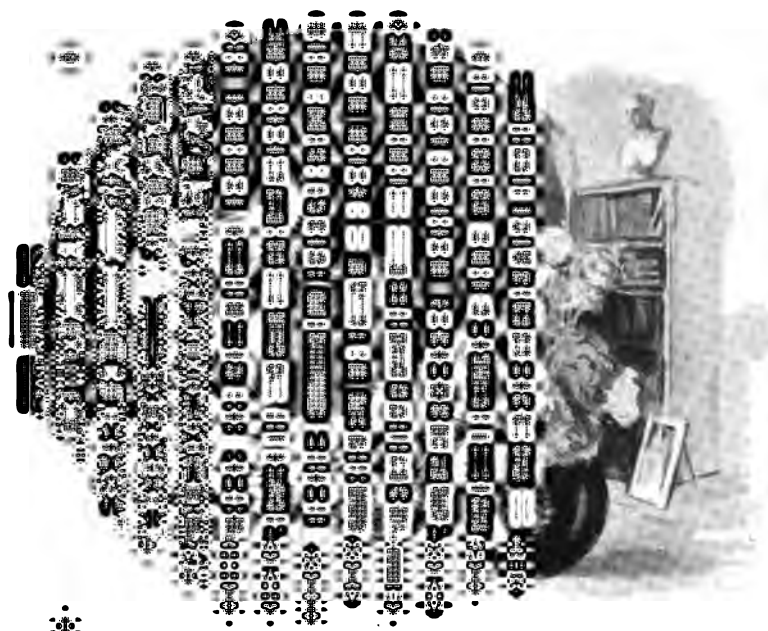
E DONZELLAS

parecer aqui, é que nos
la nossa historia, aquelles
ade brasileira iniciam pe-
gresso — a independencia.
ntervenção da mulher, di-
siderada, quando não foi

para só fallar dos princi-
rsistente, tenacissima pro-
a mulher ou... apesar da

. exige este desabafo dolo-





Minha querida.

A vaidade de dona de
Vou dizer-te por

fantasias de *menage*
chemin de table de
turaes para a minha
z-se o desenho, e no
Flora, a indagar se

louvou a idéa, mas
desenho e voltei des-

consolada. Passadas algumas semanas, quando eu já nem me lembrava de ter pensado um dia num *chemin de table* de arame, eis que elle me entrou pela porta a dentro. Era tal e qual um esqueleto, bem descarnado e extravagante. Franziu-me a bôca o classico muxoxo da decepção. Senhor! como é facil á gente imaginar coisas bonitas, mas como é difficil executal-as! Não valerá muito mais deixal-as para sempre em sonho? Sim, mais valeria; mas, já agora, seria preciso cobrir aquella nudez fria, cinzenta e desenxabida do arame, todo contorcido em voltas e reviravoltas, e disfarçal-a sob um delicado manto de avencas e de jasmins.

Pois nem jasmins nem avencas. Só encontrei nessa tarde hastes de hera e de sylvina, cujo verde sombrio alegrei a espaços com rosas e margaridas. O effeito não era positivamente encantador; registrei mais uma desillusão na vida, e no dia seguinte mandei atirar com a causa d'ella para o fundo do quarto das malas e badulaques.

Pendurado rente á parede, mais o desgraçado me fazia lembrar, de novo despido da folhagem, a ossada de um peixe enorme e exquisitissimo.

C'est de l'art nouveau! Tinha-me dito o dono da Casa Flora, ao observar o desenho que eu lhe levava, com um ar de lisonjeiro agrado. Pois sim! estava fresco o novo estylo! Naquelle erriçamento das duras folhas de hera ficara tão bem disfarçado que ninguem o percebera, e um amigo mesmo zombara, com a sua fina graça, do meu amor ás novidades e do meu gosto pelas invenções...

Pois, minha adorada, fiquei com pena de que oito

dias depois esse senhor não tivesse voltado a jantar commigo, não já só pelo prazer que a sua companhia me proporcionaria, como porque, d'essa vez, o meu invento não fez triste figura, antes pelo contrario...

E por ter dado á minha mesa modesta um encanto singular, determinei revelar-te a maneira porque, querendo, te poderás servir com segurança d'essa especie de adorno.

Por ser teimosa, e não desistir, logo á primeira difficuldade, das intenções que tenho, mandei arriar da parede o tal aparelho de arame (que deve ser feito segundo o gosto da dona da casa e o tamanho da mesa) e com paciencia (que é de todas as obrigações que me imponho a mais terrivel de cumprir) comecei a cobrir o arame do *chemin de table* com uma flôr delicada, cujas petalas de seda e de arminho parece terem-se reunido por um sopro de brisa. Esta florinha tem o nome harmonioso de — *Rodanthe*.

Umas são brancas, de uma brancura pallida de edelweiss, e outras de um roseo desmaiado e dôce.

Victoria! vestido por ellas, o desengraçadissimo *chemin de table*, desenhou sobre a toalha, em finas hastes ondeadas, uma renda de flôres delicadissima.

Para dar-lhe mais vida e quebrar-lhe a uniformidade, colloquei, em uma volta da moldura, á cabeceira, um ramo leve de orchideas sulferinas e de, á falta de crysanthemos, margaridas côr de ouro. Flôres sem aroma, como convém para a mesa. O effeito d'essa ornamentação pareceu-me lindo, e é por isso que t'o communico; encantador, e foi por isso que o aproveitei para assumpto d'esta pagina.... domestica. O egoismo tem a

ordem de sentimentos ; nestas
magère parece-me, além de

amplo, não é tornar a minha
pobre casa melhor que a do

meu visinho, que é rico e

que tem bom gosto; mas

sim tornal-a tão boa

quanto está nas mi-

nhas posses fa-

zel-o. Assim,

quando nesse es-

forço consigo al-

guma coisa que

corresponda ou

ultra-passe a

minha expectativa,

apresso-me em com-

municar-a ás amigas,

para seu regalo e seu uso.

« Não é o temor do in-

ferno o que me ha de levar

ao céu » — disse o padre

Antonio Vieira em uma

das suas cartas, não me

lembra agora a quem.

Deixando á tua perspicacia

a minha esperança de goso

á a bemaventurança, és tu,

e me mandáste...

Um observador maligno disse-me um dia que quem prestar o ouvido ao cochichar de duas brasileiras ouvirá fallar de amor ou de receitas culinarias !

O dito não me incommodou, e fiz-lhe mesmo notar que ainda é por amor que tamanha attenção prestamos á mesa.

Não me lembra quem disse que um homem tudo perdoa, menos um máo jantar !

E repara que os homens são muito mais exigentes do que nós. Fico tonta...

Variar ! variar é bom de dizer. Ha cerca de uns tres dias appetiteu-me comer perdiz. A minha cozinheira sacudiu a sua molleza por essas ruas e voltou para casa como sahira : com as mãos a abanar. Nenhuma perdi-zinha para a minha salvação. Disse-lhe eu então que me enganasse com uma galinhola, o que ella fez assás regularmente, mas que eu mastiguei com tão pouca convicção, que me não soube ao que pretendia !

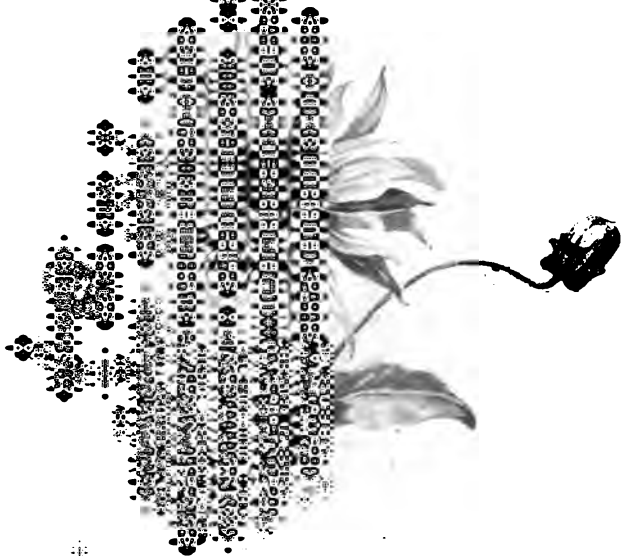
Por estar enfronhada nestes embarços domesticos é que me rejubilo sempre que topo com uma novidade util, e logo me expando em descrevel-a ás outras. Ha ainda um motivo para esta tagarelice : é ter um pretexto de te fallar em flôres.

Estas taes *rodanthes*, pequeninas e sedosas, são tão leves e de tão bom auxilio para qualquer especie de ornamento, que devemos saudar o seu apparecimento no Rio com algumas palavras de sympathia. Não saudámos tambem a *crysanthème* e o *muguet* ? Esta agora, pela sonoridade do nome, parece resuscitada dos famosos tempos da cavallaria. Deveria ser de *rodanthes* o ramo offerecido por D. Quixote á sua Dulcinéa.

o em que escrevo, sorri na
 m galho vermelho de umas
 nda ignoro. É tal qual uma
 são de avezinhas minuscu-
 pais intenso, tivessem pou-
 do suspensas para o vôo.
 s reservam as nossas flores-
 curiosidade da flôr! Entre-
 s (filha, flôr não tem patria!)
 maior carinho. Olha, um dia
 afirmou-nos ter obtido no
 melias perfeitas, de uma al-
 milagrosa essa maravilha,
 chando, impassivel, numa

da!

JULIETTA.





AGUA

sem escumas e sem
sornos os animaes
lados para a volupia
a, que no baptismo
peccado original, e a
dicção da vida. Fria
nrijandonos a carne
é sempre a ella que
limpeza.

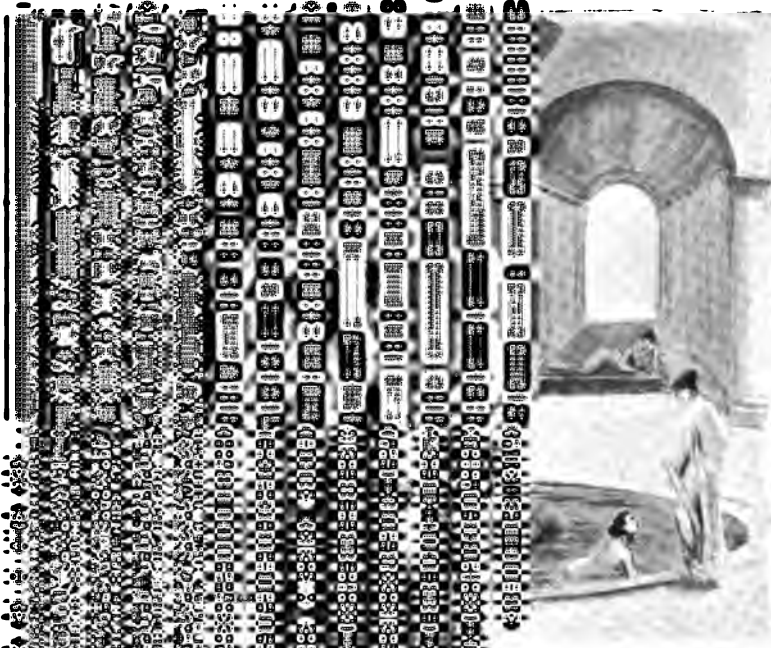
da idade-média fu-
cuz, e que, entretanto,
neiras de porphyro e

thermas deslumbrantes, onde iam deleitar o corpo cansado do pó e do ar.

As bellas ruinas de Pompeia assim o attestam.

Já tive a ventura de errar os meus leves passos de mulher distrahida pelos templos de Isis, de Jupiter e de Venus, de calcar as grandes pedras deseguaes das estreitissimas ruas da cidade morta, desolada, triste, eloquente na sua mudez de tumulto ! E a cada caminhada por entre casas de oradores, poetas e philosophos, cujos nomes retinem ainda hoje como campanulas de ouro nos carunchosos e carcomidos monumentos da historia ; a cada passada sobre os mosaicos ou por entre as columnas de marmore do *Forum*, da Basilica, do theatro e dos templos, que de mysteriosos segredos de extinctas grandezas e serenissima fé meus olhos descortinavam ! Dentro d'aquelle cemiterio, que mais parece uma legenda viva, ao dobrar uma esquina ou ao penetrar no *atrium* de uma casa luxuosa, eu esperava, de instante a instante, vêr extendida para mim, cavalheirosamente, a mão patricia de um pompeiano illustre : riso nos labios, tunica roçagante, fallas amaveis com rythmos de versos, em que offerecesse ao meu corpo, cansado de percorrer toda a cidade, desde a sua Porta Marina e Fonte da Abundancia até aos seus ultimos limites, o dôce repouso num triclinio dourado, o sabor das suas fructas mais finas e dos seus mais exquisitos licores ! Mas... ai de mim ! No meio d'aquellas estreitissimas ruas e d'aquellas paredes derrocadas nem viva alma, a não ser, de longe em longe, quebrando o poetico respeito do local, a de algum guarda de boné e galões nas mangas do casaco...

No meio das coisas maximas, commovem muitas



vezes as minimas.
 Tu sabia que Pom-
 peia tinha a sua
 pintura caracteris-
 tica, e alegrei os
 olhos vendo sobre o
 estuque vermelho-
 escuro, ou mesmo
 preto, as suas gri-
 nhalдинhas de flôres,
 e de taças mimosas
 de estylo tão original
 como o Raphael — o
 tempo — que a
 da das galerias do

Vaticano em Roma; ouvira fallar e lêra noticias dos mosaicos esplendidos de Pompeia e das suas incomparaveis thermas, mas não imaginei nunca que o seu amor á agua tivesse sido tamanho; e essa particularidade tão simples, tão da obrigação de toda a gente, tornou logo sympathico aos meus olhos esse grande povo, extincto tantos annos antes de ter nascido Christo!

Foi, portanto, um pedaço de chumbo torcido, miseravel resto de um cano velho, uma das coisas que mais assombro me fizeram! Pompeia gastava agua em abundancia: a canalisação extendia-se por todas as ruas e todas as casas, com torneiras eguaes ás de hoje, e havia thermas luxuosas, com largos tanques, piscinas claras, salas bem decoradas. Não lhes bastando isso, todas as habitações tinham o seu *atrium*, sala sem tecto, aberta ao sol e ás aguas puras do céu, que encontravam no sólo um reservatorio de marmore — o *impluvium*.

Roma, na sua parte antiga, mostra-nos tambem thermas e mais thermas; desde as mais soturnas, como as de Tito, que se não vêm sem auxilio de luzes, até ás de Caracala, onde no seu tempo de brilhantismo *viviam* estatuas celebres, Hercules Farnese, Venus Callipigia, Flora e outras! Mas... ruinas, como as thermas, só vistas por artistas ou por philosophos, historiadores ou poetas, para que o saber ou a imaginação reconstrua o que o tempo e os homens perversamente destruíram.

Dizia eu que os povos da idade-média não imitaram os seus antepassados, e fugiam da agua como o diabo da cruz!... Felizmente, porém, houve grandes *coquettes* em todos os tempos e essas tiveram sempre a phantasia extravagante... do banho!

agua nem o sabo-
lavavam-se em leite
; outras em summo
a pelle e que alegra
!) da chuva, como
distilada de mel de
bem dissolvida, ou



colhava-se todas as
em de thymo e de

uberrimo, sobejam
cheirosos. Mas para
neces nos mandam
antes, as mais finas
ou pulverisadas de-
o com muito menor

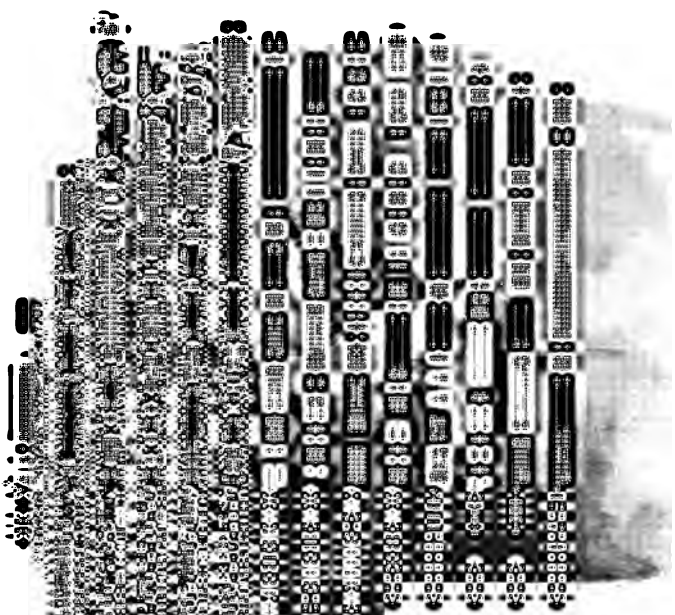
trabalho? Além de que, os cozimentos, desde que não sejam prescriptos pelo medico, podem ser perigosos!

Para fazer a *toilette* á pelle, isto é, vestil-a de uma côr suave e brandamente velludosa, julgo bastante... a agua pura e um sabonete delicado. Emfim, para não ser avara, concedo que se deite no banho um pouco de agua de Colonia.

Eu aconselharia a todas as moças ricas luxo de marmores e de metaes nos seus quartos de banho. Uma mulher moça e formosa (qual é d'ellas que não se julga assim?) ao escorregar na agua quente, que todo o corpo enlaça, lambe e amollenta, que dôces sonhos teceria, vendo por entre as pestanas cerradas as côres eternamente fugitivas dos marmores e os reflexos dos vidros e dos metaes! Para a burguezia apressada ou fraca o caso é outro — o quarto de banho deverá ser simples, amplo e risonho. Um oleado rodeará ahi a banheira, para que a agua não apodreça o assoalho, se não houver ladrilho; bastará mais um tapete para os pés, uma larga cadeira de encosto, cabides, um porta-toalhas, e, fixadas na parede, perto da banheira, e ao alcance da mão, a cesta da esponja e a concha do sabonete. Além d'isso, numa solida cantoneira de marmore, as escovas e o pulverizador, o porta-grampos, etc.

A agua é um elemento essencial da vida e o principal factor da saude humana. Uma casa em que a talha de philtro seja bem tratada, e o quarto de banho diariamente frequentado, atravessará largos periodos de serenidade e de alegria!





GUARDA!

, ao cair da noite,
e senta nos joelhos
nado e o interroga
tos do seu dia, para
feliz quando tem,
, a contar-lhe um
olime, documentados
ou uma audição de
nha que coisa alguma
ente o seu rapazinho
a sua cidade mesmo,

com o seu pião, ou escrevia
egaladamente o seu somno,
naça, da mesma lingua, seu
arriscava a sua vida para
escalando janellas incen-
impetuosas, atrevendo-se,
orte horrivel e quasi ine-

para a alma, estas paginas
do sangue, ou empapadas
ms. Percebendo isso, não ha
ando, relatando-as ao filho,
d'elle despontar e dilatar-
osidade e do enthusiasmo

tudo que é regido pelas leis
nado, vistos através a dis-
le diminuir e crescer de
ambem é que essa lente
ponto de os tornar como
ar que de imitar.

des homens da antiguidade
rito, mas não sei se terá o
ntimento.

veis no seu tempo, em um
racia e em que se destacam
para o culto das gerações
lendo ou ouvindo as suas
desconfiança da sua authen-
de que nos tempos moder-
te impossiveis.

as e nos livros pôde
homens que talvez
exagerado, e que
tumulos dispersos e

que parece feito da



d'aqui a pouco, ou

intelligentes d'essas
parece tão insigni-
do periodico, sem
al qual como uma
ome numa esquina.
quem lhe tirasse o
om a vista.

Por mais que bramem contra o egoismo e a maldade d'estes tempos, olhem que ha por ahi muitos exemplos de abnegação e de bondade dignos de toda a nossa reverencia. Lendo-os, na maior parte das vezes, levantamos os hombros, não fazemos caso.

É que a noticia, feita sobre o joelho, vinha mal enroupada, com falta do estylo que seduz e obriga á commoção. Reflectindo, porém, um bocadinho, a educadora perspicaz pesca, no lodo que as secções policiaes revolvem, perolas de inapreciavel valor! O resto depende da habilidade dos seus dedos, quando as mostrem á clara luz para fazel-as admirar.

Ha quem prohiba a meninas e rapazinhos a leitura dos jornaes. Por mim não me parece que haja nisso bom senso. O jornal é toda a alma da cidade, com os seus vicios, as suas misérias e as suas glorias, que fazem tremer de horror ou de enthusiasmo, e que, melhor que todos os livros de philosophia, ensina a conhecer o coração de um povo.

Que descortinará o jornal mais indiscretamente do que descortina a rua, onde a mocinha, incitada á faceirice por elogios sem termos, entrevê os graves amigos do papae conversando com as *cocottes*, sentindo nas faces puras o bafejo de todas as tentações, desde as do luxo das *vitruines* até as do jogo, em bilhetes de loteria que fluctuam deante dos seus olhos, sacudidos por mãos teimosas e impertinentes?

Ah, o jogo! Por toda a parte se alastra a mania das rifas e das loterias; algumas casas mesmo do commercio especulam com a sua seducção. Ha já sapatarias, alfaiatarias, casas de papel ou de joias, que offerecem

coupons sujeitos a uma fortuna de acaso, que habilita uma pessoa a alcançar, de graça, um terno novo, um par de botinas, ou meia duzia de lapis. Ora, estes *coupons* e bilhetinhos de azar entram pelas portas e pelas janellas, como que trazidos pelo vento, e são sempre as mãos curiosas dos rapazinhos que primeiro os agarram, os reviram e os estudam!

Parece nada? pois nessa insinuação manhosa de economia caseira está uma terrivel ameaça de ruina.

Sei que ha algumas mulheres que, sem cogitar em que o germen de uma grande chaga é quasi sempre um atomo invisivel, acoroçoam os filhos a espalhar entre os collegas de escola cartões em que fluctuam promessas, que, quando se cumprem pervertem, e quando se não cumprem desesperam.

Uma vez, descia eu a praia de Botafogo, ao calor brando de um dia sem sol, quando ouvi, com o *frou-frou* de uma saia de seda, a voz de um menino dizer a uma moça que ia ao seu lado:

— Olhe, mamãe, já passei cinco *coupons* da chape-laria e ainda não tirei nenhum chapéo.

Áquelle lamento, respondeu ella, com a sua linda voz bem timbrada:

— Continúa, que ha de chegar a tua vez.....

Passaram ligeiros, ella arrepanhando a sua linda saia de seda còr de gravanço, elle impertigado na sua farda de collegial. Ficou um rastro de aroma no ar.....

Estremeci. Mãe e filho! elle queixava-se da má sorte do jogo, ella incitava-o a continuar.

Então, não é verdade que a rua tem revelações extraordinarias, confidencias imprevistas e absurdas?

Em quatro palavras apanhadas no ar, vi toda núa a alma d'aquella mulher perfumada e ligeira, que já se sumia na primeira esquina, sob a umbela rendada e rosea do guarda-sol, que era como uma flôr de que ella fosse a haste.....

Ora, se aos filhos dos ricos, que têm meias finas e roupas caras, interessa o bafejo da sorte que lhes conceda um chapéo vulgarissimo ou umas botinas ordinarias, imaginae que anceios de coração terão os seus collegas pobres, para quem esse chapéo representaria um luxo a que estão pouco acostumados !

Com egual razão, se a mãe rica condescende com um: — continúa —, a mãe pobre, sabendo que o filho tem no bolso papeis que o habilitem a ter, sem gastar um vintem, um terno novo, uma carteira ou um relógio de ouro, supplicar-lhe-á que se avie na aquisição ainda de outros bilhetes, tanto mais que a flanella do seu casaco já está poída, ameaçando fim proximo.

Oh ! estes terriveis papeizinhos que o vento espalha pela cidade e faz entrar pelas janellas e portas das casas de familia onde ha rapazes, como se para máo ensino e perdição d'elles não fosse de sobra a rua, onde,

du soir au matin, roule le grand peut-être,
Le hasard, noir flambeau de ces siècles d'ennui,

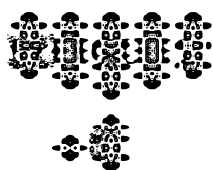
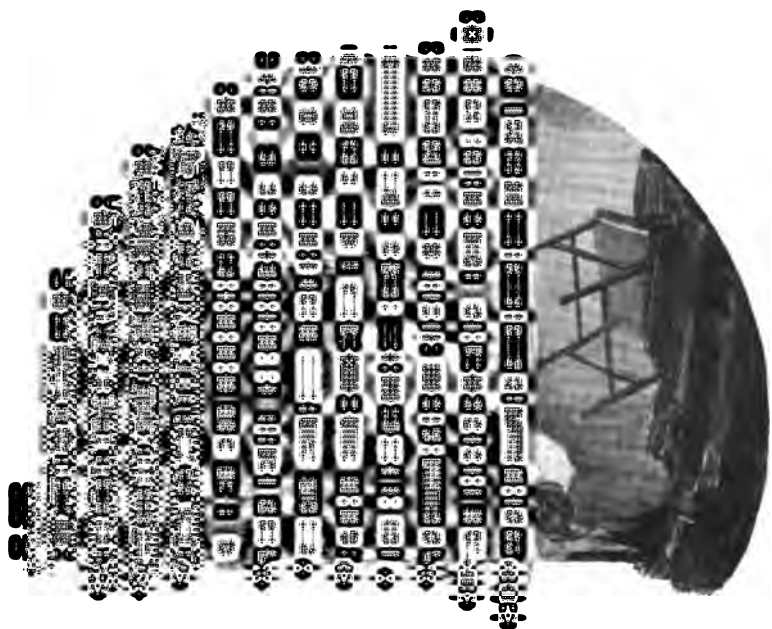
como disse o adoravel Musset !

Quantas e quantas vezes, o proprio chefe da familia se gaba distrahida e imprudentemente, deante dos seus filhos, de ter ganho nesta ou naquella especie de jogo ! No que elle não repara, arrastado pela sua influencia, é como as creanças arregalam os olhos de espanto,

ainda desconhecem,
 os attráe.
 a destruir pela raiz
 epressa nasce e se
 da, feita minuto a
 epiadora, visto que o
 as tambem, quando
 as palpebras dos
 itos, sentem que a
 um esforço, talvez
 onado, levar aquel-
 z e de ventura.







esse eterno revolu-
o com o seu amargo
strando-lhe os men-
roupas em farrapos
Foi essa visão que
garrucha ?
que a sua beleza
alher, e que o seu

espírito e a sua bondade, mais o seu amor, não bastassem para prender toda a attenção d'aquelle a quem se dedicava de corpo e alma?

Não.

Perderia algum ente amado, um filho, por exemplo, em quem depositasse todas as floridas esperanças de melhor futuro, e de quem as saudades fossem tamanhas que lhe tornassem insupportavel a existencia?

Não.

Teria sido attingida por uma d'essas molestias incuraveis e nauseantes, que todos os extremos justificam?

Não.

Adulterio?

Não.

Loucura?

Não.

Que hypothese formular então que explique o motivo por que uma senhora honesta, casada, em boa paz com o marido, mãe de uma unica filha, pega em uma arma carregada e manda com uma bala a sua pobre alma ao inferno (que é o logar em que se purgam taes peccados negros), para os martyrios do fogo e as aguas enlodadas e amargosas do Acheronte?

Porquê? Se não adivinhaes é que não sois donas de casa, e se o não sabeis é porque não lestes, ou ouvistes lèr, num grande jornal do Rio, uma noticia simples, sem commentarios, do suicidio de uma senhora, a qual noticia dizia assim:

« No logar denominado — Areal — do municipio de Itaguahy, suicidou-se D. Amanda Augusta Fernandes,

esposa do cidadão Julio Augusto Fernandes. A arma de que se serviu a inditosa senhora foi uma garrucha de dois canos e a bala atravessou o pulmão, saindo pelas costas.

« A autoridade policial tomou conhecimento do facto, encontrando proximo do cadaver um bilhete concebido nos seguintes termos :

« Morro porque não posso supportar empregados. O meu maior desgosto é morrer sem vêr meu marido e minha filha. Só peço perdão para esta que não devia ter vindo ao mundo. » Não estava assignada, mas foi reconhecida a letra como a do proprio punho da suicida. »

Que o exemplo não tenha imitadoras. Este triste desfecho, ai de nós ! faz rir. E o ridiculo na morte é a coisa mais lugubre e mais terrivel que até aqui tenho visto.

Ah, no Brasil as criadas fariam tremer de raiva as proprias santas de cera, se com ellas tivessem de lidar ; mas nem assim se comprehende o desatino d'essa infeliz creatura, cuja paciencia arrebentou, á força de esticada. Mas arrebentou por máu lado, a sua colera deveria explodir por outro modo menos ruinoso...

Não seria de mulheres este livro, donas e donzellas, se não houvesse nelle um cantinho para fallar das criadas... E a pobre suicida offerece-nos um ensejo magnifico para tal fim. Eu sou das que têm mais pena e mais sympathia pela gente de serviço, do que resentimento ou queixa, na convicção de que nem sempre servir seja mais agradável do que ser servida... Todavia não posso deixar de sorrir, ouvindo uma amiga, que, lendo

« palavras que escrevo, exclama
 « ena? sympathia?! não és
 « a é fazer jus a um cantinho
 « ar nos degrãos do throno
 « que fiquem, com o eterno
 « orriso, os eleitos entre os
 « eleitos. »

A dona de casa no
 Brasil é a martyr
 mais digna de
 commiserção,
 entre todas as ci-
 tadas pela histo-
 ria. Viver em
 baixo das mesmas
 telhas com uma ini-
 miga que faz tudo o
 que póde para ator-
 mentar as nossas horas,

inda fazel-os de parceria,
 ade dos mãos jantares
 sleixada por que arrasta a
 r e ser desobedecida; pedir
 ar com doçura e ouvir res-
 ertir com justiça e ouvir
 brutalidade; recommendar
 calma, e vèr só desperdi-
 violencia, confessa que é
 rações dolorosas os nervos
 anquillos e mais saudavel-

Na Europa não é preciso que uma família tenha fortuna para receber em sua casa meia dúzia de amigos, sem receio de que os copos venham pouco crystalinos á sala ou que a sopa esteja desenxabida, caso a dona do *ménage* não vá á copa vêr os crystaes ou á cozinha cheirar as panellas...

Aqui, a coisa chega a ser comica, mas de um comico que obriga á careta em que não entra a sympathia do riso. Dirás : mas hoje as nossas criadas vêm de lá ! Parece-me que sim ; mas julgo que só emigram das aldeias esfomeadas e de povoações do interior bandos de creaturas só habituadas ao plantio das vinhas ou á colheita do trigo.

As das cidades, já desbastadas da crosta nativa e mais ou menos educadas, essas deixam-se ficar gosando, nos poucos intervallos da sua vida trabalhosa, os gosos das capitaes. Porque lá dá-se esta anomalia : quem trabalha não é a dona da casa, é a criada !

A praga chegou até ao logar do Areal, e com tamanha furia que a pobre da D. Amanda, a quem atiras o teu punhadinho de ironias, apesar de esposa affectuosa e mãe apaixonada, preferiu um tiro de garrucha a supportar por mais tempo os seus criados !

Não cuides tu que se rirão d'essa morte desesperada e que não haja por ahi muita gente bôa que, revoltada pela estupidez, ignorancia, preguiça ou má vontade dos famulos, não tenha muitas vezes desejo de fugir d'esta vida para a outra, onde não seja preciso comer feijão queimado, *roast-beef* absolutamente crú, e onde o furto e a incuria não tenham o mesmo impudor nem os mesmos assomos.

A sombra de D. Amanda, que a estas horas se recosta, placida e alliviada das penas da Terra, a uma borda da barca de Charonte, sahirá contente, porque foi comprehendida!

Como o morrer é facil para algumas pessoas!



FORMALIDADES



As formalidades mundanas transformam-se com a moda, pouco mais ou menos como os vestidos.

Uma pessoa rigorista não póde estar tranquilla !

A maneira de calçar a luva, tirar o chapéo, dobrar uma carta, fazer um convite, receber uma visita, comer a uma mesa, ir a um enterro ou a uma festa, andar, sorrir, etc., varia como as estações !

Nestes cuidados, apparentemente futeis, existe um trabalho complicadissimo, porque emfim, mudar de habitos de anno em anno sempre é mais difficil do que mudar de gravata todos os dias...

Que dolorosas raivinhas sentirá uma creatura, mesmo bondosa e placida, mas com apuros de exterioridade, ao verificar que pôz um sello num sobrescripto, no logar designado pela moda antiga, ou que dobrou a ponta do bilhete de visita á moda antiga, ou que distrahidamente apertou a mão de alguém na rua á moda antiga !

É para enlouquecer...

Não digo que se não acatem com afan certas modifi-

espargos á moderna, com
de sujar os dedos e fazer
vezes embaraçosa ; mas
etiquetas e costumes, pa-
que póde acarretar pre-

são as meias tintas, que
fazem realçar a edu-
cação do individuo ;
para que ellas se-
jam naturaes devem
ser cultivadas desde
a infancia, nesse uso
que as faz parecer
uma segunda natu-
reza. O dôce pre-
ceito antigo de que
o que se aprende no
berço dura até á
morte, fica abalado
com esse continuo

com que as civilisações
correcto ha alguns annos
da moda tyrannica dos

sorrir, com benigno escar-
ocidade trefega.

es eram de uma cortezia
mais equal.

sociedade aprendia-se de
da vida inteira. Aquelles

habitos amaneirados impregnavam-se nas pessoas como um perfume na pelle e passavam por isso a ser — essencia propria.

Hoje os habitos são moveiços como as turbas. Tão depressa é de praxe que seja o homem o primeiro a cumprimentar uma senhora, como é o de uma senhora cumprimentar primeiramente um homem; ora estabelecem que devem ser as damas edosas que offereçam a face para o beijo das novas, ora que sejam as novas que entreguem a face para o beijo das velhas, etc.

Para quem não estiver bem firme na maneira por que se deve conduzir, estes renovamentos só podem crear indecisões e afflicção.

Este embaraço não é só nosso.

Na velha sociedade da França, civilisada e primorosa, ainda é preciso que de vez em quando surja um livro ensinando regras, o que é indispensavel, visto as transformações, ou se espalhem artigos em revistas e jornaes, cheios de preceitos de civilidade.

É sempre com uma solemnidade dogmatica, que esses auctores ensinam a comer ameixas em calda, disfarçando a queda dos caróços no prato; a chupar uvas sem engulir as grainhas; a pedir a mão de uma moça; a pôr o pé no estribo, a descer do carro, a pegar na aba do chapéu para um cumprimento e até a apertar a mão dos amigos!

Este acto tão simples de polidez e de sympathia é motivo grave de preocupações. O gesto expressivo de se estender a mão aos outros, com naturalidade, póde, na opinião dos formalistas, ser tão ridiculo como uma cartola velha num sujeito elegante, ou uns oculos de

E DONZELLAS

quinze annos... Assim, ora
cotovelo até á altura da
molleza e que seja nessa
que as mãos amigas se
de dedos, ora que seja o
peixo, acoimando de brutal
mãos fortes esmagam as

ões surgem todos os dias
cogumelos na terra humida.
sem exame. Ha cogume-
s risiveis. O ridiculo d'es-
elles...



PARA A MORTE!



DIZEM que não ha na mesma arvore duas folhas eguaes e que as proprias flôres, bem comparadas, divergem entre si, ou na fórma, ou no colorido, ou no aroma.

É uma differença quasi imperceptivel e só apprehendida pela vista e o olphato argutos de um botanico estudioso e observador.

Quer isto dizer que no fundo da sua natureza mysteriosa, a propria planta tem tambem os seus desacôrdos impenetraveis....

Como as folhas da mesma arvore, irmãs! somos todas dissemelhantes, e como as folhas somos levadas ou pela aragem dôce que nos atira para a velludosa alfombra aos pés da propria arvore; ou pela lufada do temporal, que nos impelle para a terra em torvelinho ou para as aguas torrencias !

Que culpa temos nós de ficarmos aqui ou irmos para além, se somos levadas pelo vento?

Nos tempos antigos, a mulher era calma, submissa, pacifica e retraída; mas seria tudo isso por ter mais

E DONZELLAS

menos ambição? Não me
outro; o motivo devia de
evolveria e em que não exis-
r. Não somos nós que mu-
e nos mudam a nós.
do acaba, tudo recomeça,



, destinado para o mesmo
no intervallo de uma e
a que o nosso tempo nos
amente á mulher é o des-
s, a lucta, sempre dolorosa,
culminancias em que os
repellem.
ra que lhe façam, o femi-

nismo vencerá, por que não nasceu da vaidade, mas da necessidade que obriga a triumphar.

A vida é cada vez mais exigente, absorve todas as aptidões; quem a póde servir, serve-a, e com isso só se enobrece, porque o trabalho nunca aviltou ninguém. Desde as classes inferiores, em que as mulheres queimam as mãos nas barrellas e carregam fardos, ou passam noites dobradas sobre as costuras, estragando os olhos e os pulmões, até ás professoras, ás medicas, ás negociantes, qual não terá a consciencia de sacrificar ao dever a sua alegria, o seu corpo, a sua mocidade?

Eu só não posso reprimir um movimento de estupefacção deante da mulher que liga o seu nome a uma propaganda de exterminio e de sangue. Quando ha tempos li o de Emma Gáldman, acusada de instigar a morte de Mac Kinley senti uma revolta n'alma e a suspeita de que comettiam uma injustiça. Se em vez d'esse, viesse no mesmo lugar um nome de homem eu não vibraria ao mesmo estremecimento.

Não leio todos os dias noticias de mortes, de assassinatos e de crimes com igual direito á minha compaixão? E tremo por isso? E atordôo com ella os ouvidos do meu visinho?

Absolutamente!

A intenção de Emma, de bem fazer ás classes opprimidas e de só abater os grandes para mais livremente fazer circular os pequenos; a sua fé divina em um futuro de pacificação e de harmonia, em que a fraternidade dos homens não seja uma palavra vã, toda a generosidade do sonho em que ella afoga a sua alma de

alucinada, não lograram, ai de mim ! convencer-me de que ha desculpa para uma mulher que só por via do mal procure fazer o bem !

Nem creio que ella o propagasse assim. O papel mais difficil é e será sempre o da conciliação, e é esse que todas as mulheres, mesmo as mais extremadas nos seus ideaes, deveriam desempenhar. O mundo está farto de sangue e de odios, e a espera de um bem, que tarda, e que o pacifique sem que para isso se amon-toem cadaveres nem se accrescente o numero dos encarcerados.

Oh ! se para o triumpho do sonho anarchista, os fanaticos não quizessem a destruição; se a sua obra libertadora não exigisse o diluvio do sangue e a devastação das cidades, como elle seria seductor e desejado !

* * *

Como todas as revolucionarias, Emma exgottava-se em escriptos e em conferencias, levando de terra em terra a chamma da sua palavra incendiada; prégando as suas doutrinas pelas cidades e villas da União, perturbando os cerebros espessos de operarios, sujeitos, até ao dia nefasto de a ouvirem, com maior ou menor resignação, ás privações da sua dura sorte. Entretanto, ella, querendo illuminal-os, plantava-lhes n'alma o descontentamento e a dôr. A infelicidade que se ignora, não é infelicidade...

No dia em que foi executado o assassino de Mac Kinley alguma mulher o chorou como mulher; e Emma, sem consolar essa desconhecida, mãe, amante ou irmã do homem que perdeu, sentiu natural-

subir ás suas pu-
resequidas pela
das vigílias e do
ho, uma lagrima de

imível inquieta-

sua alma de mu-
presentiu a outra
e, aquella que não



ue da vida só tem

A escriptora anarchista comprehendeu que é bem espinhoso e duro o caminho por onde ella busca a felicidade; mas acharia tarde para voltar, sentindo medo do caminho percorrido. Assim, haja o que houver e sinta o que sentir, ella continuará...

Continuára, lavada em lagrimas, ao sopro erradio do seu destino, como a folha ao vento, espalhando o seu aroma venenoso pelos caminhos das fabricas e os careadouros dos campos de lavoura. Ella continuára pré-gando e prophetisando um bem irrealizavel.

Ella continuará, e outros correrão a ouvil-a, e morrerão por cumprirem os seus mandamentos, e serão chorados por mulheres que ainda não saibam ser outra coisa no mundo... e na face serena da terra a inundação do sangue e das lagrimas não mudará nunca a essencia das coisas nem a dos seres !

*
* *

Sim, a culpa é do tempo; é elle que obriga as mulheres a olharem para a vida com uma attenção tão rude e tão penosa. Sentem-se muito sós, precisam trabalhar, para ellas e para as que nascem d'ellas, porque a onda da miseria cresce, e mesmo as que não se afogam nella, sentem-lhe os respingos amargos e a sua sombra pavorosa.

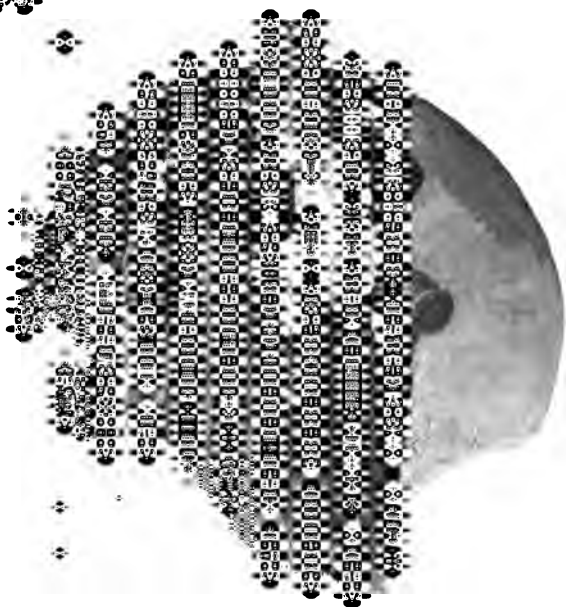
Oh, certamente que não foi por mœra e caprichosa phantasia que a mulher se despojou das suas attribuições de ornamento para endurecer a alma e calejar as mãos na lufa-lufa do trabalho angustioso e viril.

Ellas protestam, porque vão para elle de rastos,

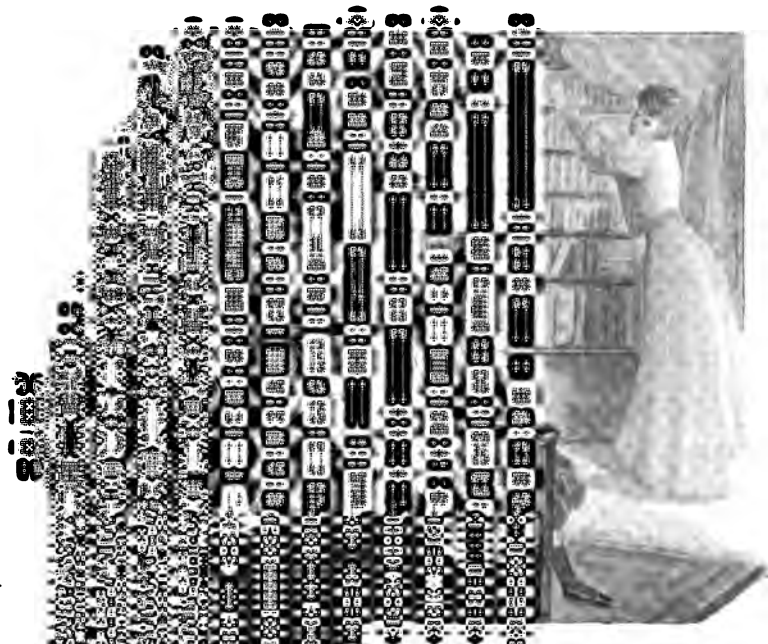
ou attrahidas pela
a mesma voragem

ida perdem a for-
tristeza, porque o
mas com altiva re-
uine e se perca no
t, o seu acoroçoas
es maternas e pa-

Galdman, aturdir-
uturos impossiveis,
por onde o destino
r á mesma porta



SEGUNDA PARTE



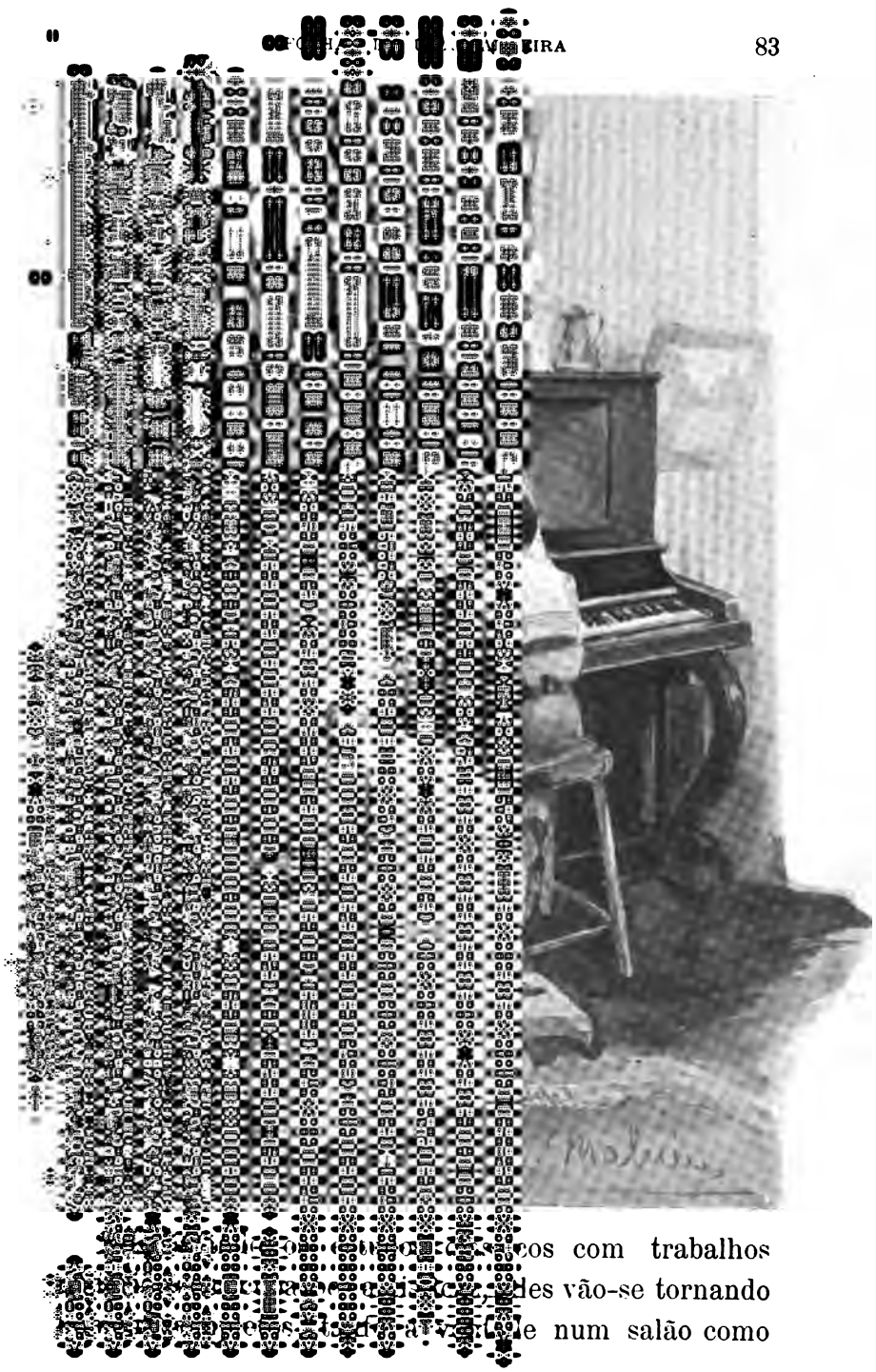
FOLHAS DA CARTEIRA



go :
ao e de hygiene que
ca de senhoras. As
os homens estragam
rança. Aos espiritos
astidiosas; mas de-
das pela saude e o
interesse em folhear

paginas serias de educadores modernos. É um erro pensar que, hoje, o ensino deve ser ministrado como ha cincoenta annos e entregar os nossos rapazes aos nossos collegios atrophadores. Ha tempos enviei um livro a minha filha : *L'Education nouvelle*, de Edmond Demoulins. Pois os meus netos já lucraram alguma coisa com a leitura da mãe. O livro é uma exposição clarissima da Escóla moderna, prática, que trata de aperfeiçoar ao mesmo tempo o corpo e o espirito dos rapazes. « *L'École doit développer à la fois chez l'enfant la largeur de l'intelligence et la largeur de la poitrine.* »

Minha filha leu esse livro com muito carinho, e, na impossibilidade de executar em casa todo o programma do collegio, iniciou alguns dos seus exercicios com proveito, graças á instrucção que recebeu... Os meus netos vivem no campo, onde têm bom theatro para os seus estudos de historia natural. Um d'elles frequenta uma officina de carpintaria, o outro uma de ferreiro... A mãe preside ás suas leituras, livros escolhidos, na boa lingua portugueza, e ensina-lhes desenho e musica. O pae dá-lhes uma hora de mathematicas e geographia, e contractaram um professor francez para a lingua franceza e um inglez para a lingua ingleza, obedecendo á ordem da Escóla moderna de que nunca uma lingua deve ser ensinada senão pelos da sua nacionalidade. Os pequenos nadam como peixes e correm como gamos. Não têm as mãos assetinadas, está claro... imagine um ferreiro ! um marceneiro ! Por emquanto não barafustaram pelos labyrinthos da grammatica, mas já escrevem cartas muito limpas e já movem a lima e o malho com algum desembaraço...



os com trabalhos
es vão-se tornando
e num salão como

em uma officina... Em uma das suas cartas diz-me a mãe :

« João e Luiz têm o andar firme e olham para toda a gente de rosto, com a cabeça alta, já demonstrando consciencia de homens ! »

E em outra carta :

« João está hoje trabalhando no jardim e Luiz na horta, a meu mandado. Às quintas e sabbados vem um homem guial-os nesse serviço, depois da hora das officinas. Cada qual me faz mais lindas promessas ; se ellas se realizarem, ninguém terá nem tão lindas rosas nem tão magníficos repolhos. »

Ainda noutra carta :

« João tocou hoje a sua primeira sonatina para alguns amigos ouvirem, e Luiz offereceu ao mestre de inglez um desenho razoavel. Embora eu disfarce o meu entusiasmo, elles percebem que estou contente. »

Esta mãe que assim cultivava nos filhos todas as boas qualidades de corpo e de intelligencia, a que deve essa satisfação ? Ao seu amor ? Não só ao seu amor, pelo qual os filhos nada lhe devem, porque todos os animaes amam os filhos ; mas a ter estudado como um homem sciencias naturaes e linguas vivas. Ella sabe ; logo ella póde transmittir, e os seus filhos são assim, duplamente — suas creaturas.

* * *

Os russos, quando querem ser bons e simples, dizem coisas enternecedoras. Aqui estão palavras de um romance russo :

« Repara no cavallo, esse grande animal, e no boi:

o robusto trabalhador que te alimenta : vê que phisionomias sonhadoras ! que submissão, que fina timidez ! que devotamento por quem tantas vezes os castiga sem dó ! É enternecedor o pensarmos que taes entes são sem peccado, porque tudo é perfeito, tudo é sem peccado, menos o homem. »

Menos o homem ; e para que este seja tambem puro quantas lagrimas de arrependimento e de contricção terá que verter ! Mas para se ser perfeito não basta amar a humanidade ; é preciso que o nosso olhar abranja toda a natureza e confunda na sua harmonia, com egual carinho, todos os seres que soffrem e que se submettem.

No meu bairro, ás vezes, tenho de encostar-me a um paredão da estrada para deixar passar uma carroçada de pedras puxada por uma ou duas juntas de bois. Elles vão cobertos de suor, sob o peso da canga, num esforço valente e com ar humilde, e ainda o bruto do carroceiro os espicaça com o seu pampilho ! Na cara do homem não se lê senão a furia bestial da impaciencia, emquanto que os *robustos trabalhadores*, vergados e submissos, olham para a estrada adeante, com uma expressão de bondade sonhadora...

Caminho então para casa, pensando que realmente nós tratamos muito mal os animaes. Só os vemos embaixó do trabalho pesado.

Nessas lindas tardes de setembro, em que vagavam no ar pipilos de aves e pennugens brancas de paineiras, porque não passaria pelas lindas estradas de Santa Thereza uma ou outra amazona em cavallo bem tratado ?

Passado o instante do *electrico* os folhudos galhos das arvores que se debruçam sobre as estradas núas, só vêm passar cavallos magros, lanhados de chicote, ou os fortes bois submissos e sonhadores...

*
* *

Ha na comedia *Blanchette*, de Brieux, uma phrase que synthetisa, com delicadeza e exactidão, o amor ufano com que as mulheres servem a sua casa. São palavras simples, sem litteratura, sempre as mais sinceras, que nascem da alma e definem com clareza uma ideia ou um sentimento.

Lembram-se? *Blanchette*, deslocada em casa pela educação recebida no collegio, abandonára o lar em uma rebentina, ouvindo as maldições do pae a apontar-lhe a porta da rua com a mão nodosa de vendeiro avaro. *Blanchette*, que se recusára a atar á cintura os atilhos do avental, para servir os freguezes do pae, volta pela segunda vez ao ninho paterno, mas agora como um cão batido, magra, morta de fome, coberta de humilhações.

Tivera de servir de criada para viver. O mundo ensinara-a.

Vendo-a, a mãe acolhe-a, aquecendo-a de encontro á sua carne martyrisada e submissa... O pae, teimoso, lá chega ao seu momento de ceder e ella, emfim restituída á sua casa e á sua familia, exclama radiante :

— « Como é bom pôr a gente um avental em sua casa ! »

E com que alegria os seus dedos ageis amarram então na cintura os atilhos do avental ! É que os aven-

taes que as patrôas lá fóra lhe haviam atirado á cara tinham bem diversa significação. A independencia do nosso canto, a felicidade do sacrificio feito pelo nosso lar e por os que amamos, estão bem dentro d'essas palavras, que dirieis escriptas por uma mulher, tão impregnadas estão de sentimento feminino !

E ahi está como um pedaço de panno incolor pôde ter tão alta significação moral...

* *

O lenço desempenha na vida um papel bem variado !

Mesmo os lenços de luxo que com renda e tudo não medem mais que uns vinte e cinco centímetros, mera futilidade incapaz de descer ás necessidades prosaicas, até esses têm o destino clemente de enxugar lagrimas e disfarçar ironias.

Quando pertença a uma senhora, — que o do homem é obrigado a um exercicio activo, — o lenço branco, de meio metro quadrado, paternalmente carinhoso nos defluxos e nas bronchites, não sae do recato da gaveta, bem guardadinho para as urgencias de occasião, dobrado em quatro entre *sachets* ou raizes de capim cheiroso.

No fundo da sua consciencia (supponhamos que os lenços tambem têm d'isso), elles sentirão a satisfacção do dever cumprido, tão apregoado pelos que o não cumprem, e esperarão que os chamem ao serviço interino de um nariz precisado do seu soccorro, e da sua abnegação.

Mesmo os lenços de chita, tão caricatos e nojosos,

linhos, são postos em cruz camponeza bonita. Então cheiram a trevo e alecrim; não têm nodoas de rapé, têm a sombra da cruz redemptora ou dos bentinhos que a dona traz pendurados no pescoço; não representam a torpeza de um vício que desmoraliza o nariz, mas sim o recato que poetisa o seio.

De mais, são alegres com as suas côres turbulentas e ramagens vistosas, que despertam a ideia de campos de papoulas, onde bata o sol.

Não sei precisar se são só de minha cabeça, ou suggestão de alguma leitura fugitiva, estes repaue por escrupulo vão entre

É no lenço que nós impregnamos o nosso perfume favorito, a nossa individualidade e nos orgulhamos. É o lenço que secca as lágrimas aos nossos sorrisos, que escondidos, dissimula a careta e

guarda amarguras do coração : triste pranto secreto e que ninguém adivinha. Recurso de afflicções, elle, impassivel e mudo, deixa que o crispemos, que o mordamos, que o estraçalhemos, nos movimentos de odio e de despeito, quando não possamos com a palavra repellir a má intenção de um olhar ou de um gesto que offenda! Victimada das nossas agonias, elle é então o salvador da nossa dignidade.»

É ainda o lenço que, participando da expressão do nosso sentimento, se agita no ar numa saudação de applauso ou na saudade de uma despedida.

Quem não viu, ao menos uma vez na vida, esse acceno branco, repetindo em silencio a palavra que já não póde ser ouvida? Onde a voz já não chega, chega ainda o adeus do lenço, batendo-se no ar como uma aza na agonia.

Imaginae se a amada do poeta teria lido nunca estes versos

« Este teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'ó, pois roubei-o
E foi meu crime em breve descoberto. » (1)

se ella o não usasse e o não tivesse deixado roubar, já naturalmente com o proposito, muito humano, de o reaver, quando

« Pando, enfunado, concavo de beijos! »

Esse trapinho, que se embebe de lagrimas que secam, de beijos que se não vêm, que falla nos aparta-

(1) *Versos de um simples.* Guimarães Passos.

mentos e nas acclamações, que designa para o amor de um rei a mulher preferida, que abafa os soluços, guia as pesquisas das cartomantes e das feiticeiras, dá signaes aos namorados, protege os espirros e rescende aos aromas mais capitósos; que é muitas vezes cúmplice em intrigas, fingindo seccar olhos enxutos e escondendo caretas que desejem parecer sorrisos, tem ainda uma missão misericordiosa: a de encobrir a face feia e fria dos cadaveres. E na hora extrema do cadafalso, vendam-se com o lenço os olhos dos suppliciados, para não verem a morte!

*Have you not sometimes seen a handkerchief
Spotted with strawberries in your wife's hand?*

Quantas vezes o notára Othelo; se era dadiva sua!

Pois foi com esse lencinho salpicado de morangos que o honesto Yago assanou no seu senhor o monstro de olhos verdes, o negregado ciume, que fez morrer a pallida Desdemona.

Na acção como na intriga os lenços representam muitas vezes no theatro extraordinarias ficções!

São almas que se dilaceram entre os dedos apaixonados de Margarida, ou os dentinhos terríveis de *Frou-frou*; são como pedacinhos de pelle amada de encontro aos labios de Romeu; e quando não exaltem paixões nem enxuguem o suor da agonia, são ainda um magnifico pretexto para que a mão desoccupada vá e venha, cortando a monotonia da inercia.

Quem inventou o lenço bordado e circumdado de rendas foi a imperatriz Josephina, que por ter máus dentes escondia com elle continuamente a bôca. Graças

o essa carie irreverente o lencinho fino tornou-se objecto de luxo e entrou na actividade dos passeios, das procições, dos minuetos, onde elle era o succedaneo do leque, dobrado em ponta entre os dedos carregadinhos de anneis, de benjoim e de verbena. Era talvez a parte mais expressiva da *toilette*, o seu complemento precioso, com o nome da dona sublinhado a rendas caras.

Rendas...

Ha no Brasil, em terras do norte, umas rendeiras cujos dedos conhecem segredos de fadas. Rendas de lenços, fazem-nas tão bonitas e tão finas que se nos affigura impossivel terem sido tecidas por gente inculta, sem noção de desenho.

Quando se lê o apreço que em certos paizes dão, e agora mais que nunca, ás rendas feitas á mão, e como nelles cultivam essa prenda delicada, agremiando camponezas, dando-lhes mestres, fomentando uma industria que é ao mesmo tempo uma arte, receia a gente que as rendeiras do Norte, já velhinhas, deixem cahir os bilros dos dedos engelhados, sem que outras mãos, mais lépidas, os apanhem para continuar a tarefa interrompida.....



Iamos pela rua do Senador Furtado. O dia estava lindo, cheirava a murtha. Subitamente começámos a ouvir gemidos, arrancados de uma grande afflicção. Mais alguns metros, e vimos agachada numa soleira de portão, com o busto cahido sobre os joelhos pontudos, uma negra cadaverica, que a tosse sacudia como o vento sacode um trapo. Sentindo gente, ella levantou a

allidos para o céu illumi-
com um farrapo de chaile,
as mãos magrissimas e
arelladas. Parámos, e a voz
ella explicou entre uivos :

— Foi o cock... foi o
carvão de cock que
me matou !

As palavras, in-
terrompidas pelas
guinadas da tosse,
repetiram a queixa
no mesmo estribi-
lho recriminativo :

— Foi o carvão de
cock que me matou !

aram-n'a em braços.

Um assassino de mulheres.
que desprende. Nunca me
falta irremediavel...

a rua com uma menina,
o mestre :

alvorecer ;

hada rosa,

ouco de mulher (1).

é sempre agradável, se
com o resto de meninice,

que vae desaparecendo, e o começo da mocidade, que vem apontando, uma graça ingenua e um modo desartificialioso de andar e de vestir-se.

Ah, mas quando ella passa empapada de essencias caras, de passo estudado e muito espartilhada, com meneios grosseiros e rosto empoado, vem a quem a olha um desejo absurdo de sacudir pelos hombros a mamãe inconsciente, e de lhe gritar aos ouvidos que a dôce creatura que o céu lhe confiou, e cujos passos ella segue como má pastora, vae carregadinha de ridiculo...

O artificio do pó de arroz é o véo benevolo para os rostos de quarenta annos. A pelle moça não precisa d'isso. A belleza das donzellas está na sua candura, na sua alegria natural, e sobretudo na sua simplicidade...

*
* * *

Vi em uma revista franceza o retrato de uma velhinha que aprendeu a lêr depois dos setenta annos. Olhando-lhe para a cabecinha e para o rostinho todo sulcado de rugas, tive vontade de beijal-a.

A historia d'ella: Todas as manhãs costurava a septuagenaria juncto á janella da sua choupana, á sombra de um castanheiro que lhe dava perfumes na primavera, sombras no verão, fructas no outomno e ouriços para o foguinho do inverno.

Que mais seria preciso para a vida? O alphabeto não foi feito por Deus; e para amal-o e servil-o bastaria adorar a natureza. Entretanto, eis que depois de longos annos lhe cortam a frente da casa por um caminho novo, atalho para a villa, por onde o rapazio de uma aldeia proxima passava para a escola.

A dôce velhinha, ouvindo todos os dias a tagarellice das creanças levantou os olhos da costura e voltou-os para o horizonte infinito...

Saber lêr seria tão util, que os pobres paes, cavadores sem vintem, se abalançassem a mandar os filhos todos os dias á escôla, com prejuizo do seu trabalho?

Alguns d'esses pequenos já sabiam lidar nos campos, e tinham força para mover a enxada ou guiar os bois... Com que duros sacrificios a mãe lhes compraria os sapatos e as roupas de ir ao mestre!

Esse exemplo fêl-a pensar que vivêra toda a sua longa vida de setenta annos, como um animal inferior, em que o pensamento mal animava a materia. A vida teria outros intuitos mais elevados que os de servir a carne com o alimento e o agasalho?

Dos seus dedos encarquilhados e tremulos a costura cahiu, e no dia seguinte ella se incorporou ao bando das creanças, a caminho da escôla.

Foi uma alegria. Os pequenos não riram. Emprestou-lhe, um, uma cartilha; outro offereceu-lhe uma taboada; e todos se sentiram muito honrados com aquella condiscipula de rosto franzido e cabello nevado.

No fim de tres mezes de uma applicação teimosa, a velha aldeã, escrevia a sua primeira carta á neta mais velha, que vivia numa colonia franceza da Africa. Nas suas garatujas aconselhava ella a moça a ir á escôla, para aprender a mandar-lhe noticias com a sua propria lettra.

As cartas escriptas pelos outros não são inteiramente nossas; nas lettras como nas palavras vae alguma coisa do ente amado e ausente...

jornaes : « ... Per-
na creança... »

ções ! Para prevenir
pescoço dos anjinhos
moradas. Tal e qual



de soluços : — ma-
deixaram sem saber

hando tontas para a
ção do sitio, afflictas,

ido todas as portas,
para todas as janellas.

sempre enternecem,
eunte commovido faz,

duzir a pobre creatu-
ta — costta — mamãe !...

— mamãe !...

— Para onde ia ? — Mamãe !...

— Como se chama ella, a sua mãe ? -- Mamãe, mamãe, mamãe !

Por seu lado, a mãe volve á loja de onde saiu, julgando encontrar o filhinho embasbacado deante da mesma boneca ; já não o encontra, sae tremula, — que o não pise um carro ! — e, enquanto allucinada sóbe para a direita, interrogando toda a gente, olhando como louca para todas as lojas e todas as esquinas, elle desce para a esquerda, engrolando termos, segurando-se a todas as saias, contemplando com avidez e susto todas as mulheres.

E nós, que nada vimos, commovemo-nos no dia seguinte ao lêr nas gazetas : « ... Perdeu-se uma creança... »

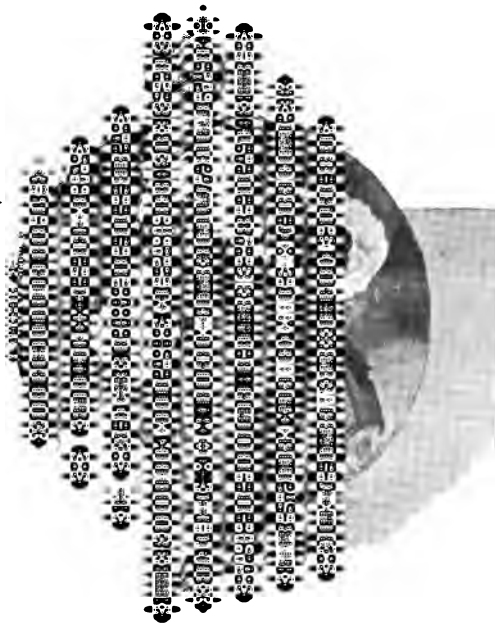
* * *

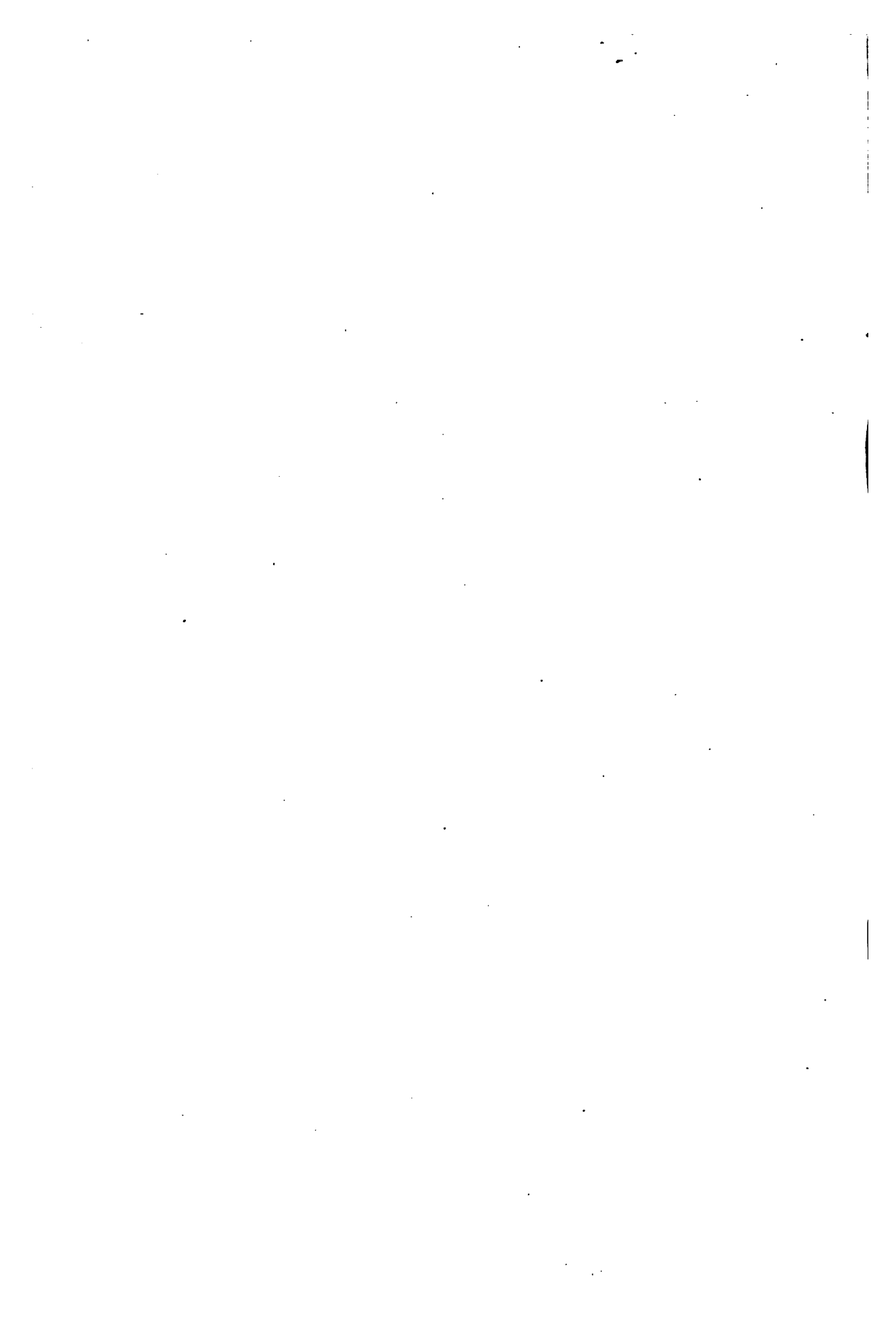
Um dia encontrei em uma esquina o velho Dr. Serra, que, apesar dos seus setenta annos, gosta de observar as moças que passam. Disse-me elle :

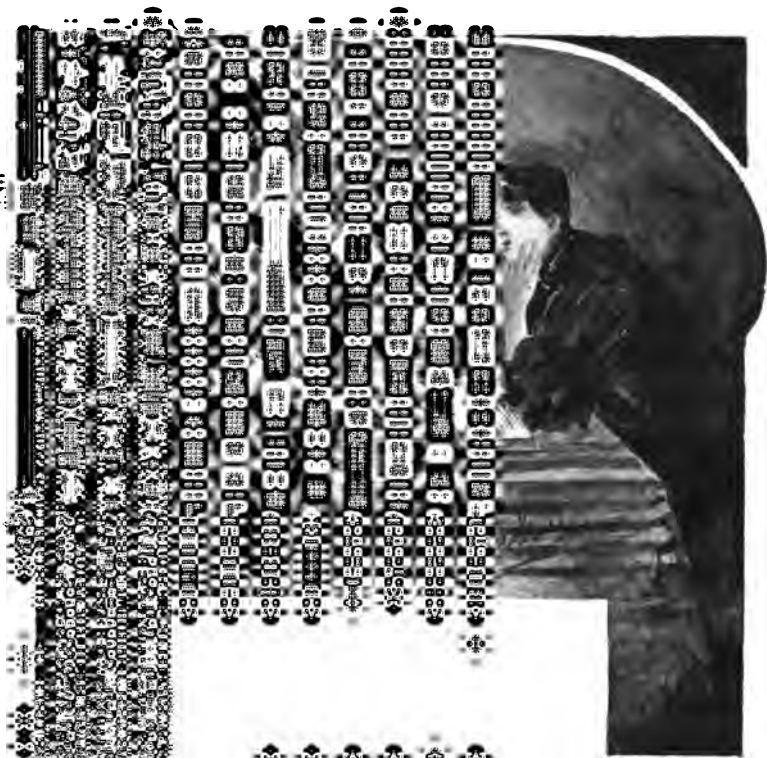
Estou convencido de que o simples movimento de levantar o vestido exige uma graça muito particular. Ha senhoras que erguem a saia de um lado e vão com ella a rastos do outro, descrevendo uma linha diagonal, como se caminhassem de esguelha. Outras, não levantam coisa nenhuma, varrem as ruas com desassombro ; outras, levantam de mais o vestido, mostrando as saias de baixo, que só devem ter o merito de se deixar adivinhar ; outras, arrepanham as duas saias ao mesmo tempo, para mostrarem a toda gente os tacões das botinas ; e é raro vêr-se uma que, reunindo as prégas da saia á mesma dis-

em distracções nem
 ver o que se não
 . A mão que segura
 o alta, nem muito
 muito para trás; de
 ente e não desenh
 brigam também a
 s senhoras do meu

para outro lado e
 não sem a preoc-
 visse os tacões, ou







IA

Raphaela entrou
na saleta de trabalho e
sentou-se nos meus pés.
Ela estava sustada, percebendo-
me repousado.
Ela deu-me a mão espal-
mada e os seus olhos claros,
que tinham visto o anel
na oitava no piano e

desistes de o estudar? Terás rheumatismo nos dedos?!... Bem; se não queres responder, vae-te embora, mas arranja primeiro o chapéo, que está torto, e modifica esse ar de quem foge de alguém que o persegue na rua...

— Ninguém me seguiu na rua... o anel que elle me deu está na outra mão...

E, como orvalho em violetas, borbulharam lagrimas nos olhos da pobre Raphaela.

— Se pudesses explicar-te...

— Escuta: venho da casa da Noemia Saldanha; havia lá gente de fóra, uns homens de quem já não me lembro do nome e um certo rapaz que lia nas mãos das senhoras a *buena dicha*, ou que melhor nome tenha. Quando eu entrei, a Saldanha disse alto, com os seus guinchinhos de macaca: « Olhem quem vem ali! » e puxou-me com violencia para a roda, que se abriu muito amavel para me receber. O tal rapaz continuou nos seus prognosticos, que faziam rir a todos. Lia na mão da Sinhá Mendes coisas muito bonitas: que ella se haveria de casar com um moço que a adora... que ha de ir á Europa, que ha de ter tres filhos gordos, mansos, fortes e bonitos; que herdará uma grande fortuna de um parente afastado de quem não terá saudades; que terá lindos vestidos, bons carros, assignaturas no lyrico e que morrerá de velha, sem sentir, de uma syncope...

Todos riam; a Sinhá estava radiante! Com aquelle exemplo, eu fui insensivelmente desabotoando a luva e extendendo tambem a minha mão.

O rapaz tornou-se sombrio, á proporção que a observava. Como eu instasse para que dissesse a verdade,

estrangido, declarou
 e terei bexigas, apesar
 da cicatriz marcada como
 a culpa me abandonará e



ataque, na rua! Vida
 não!
 a minha! Vê tu!

— e isto é ver-
 paixão... também é
 qualidades de coração,

o que não me impedirá de morrer como um cão sem dono, na calçada...

— Que mais?

— Ainda querias mais?!

— Que respondeste?

— Fingi heroicidade, que é sempre o nosso costume; mas sabe Deus o que se passava cá dentro! Quando pude fugir, fugi. Os guinchos da Noemia perseguiam-me; a alegria da Sinhá irritava-me. A felicidade dos outros aggrava o nosso infortunio. Só hoje comprehendi isto. Por mais que eu olhe para a mão, para estes caminhos que parecem traçados na palma pela ponta finissima de um alfinete e por onde marcham os nossos instinctos, os nossos segredos e até o nosso futuro se esclarece, por mais que eu observe toda esta rêde complicadissima, não consigo descobrir nada! Se elle se tivesse enganado?! Mas não; vi que fallou com toda a convicção, disse a verdade. Eu agora já sei; abandono-me, acceito o meu destino, o meu feio destino, de ser medonha, não ser amada e morrer numa calçada, á vista de quem passar na occasião!

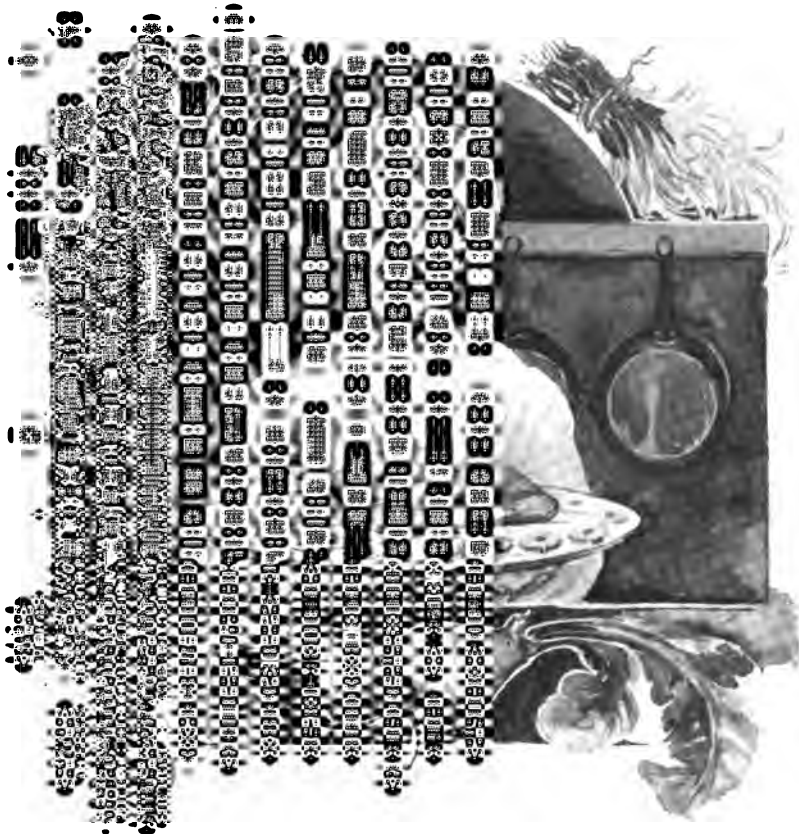
— Não vês, minha tontinha, que te metteram num enredo? Vou apostar eu como o tal rapaz entende tanto de chiromancia como eu.

— Ah, a chiromancia é uma arte!

— E nas salas uma armadilha maliciosa á ingenuidade de certas moças... Quando tiveres algum segredo que não queiras ver profanado, nem pela mais leve suspeita, abotôa bem as tuas luvas ao entrar em certas salas. Entretanto, fica certa de que não será nas linhas da mão que elle se mostre todo, mas no rubor das tuas

faces ou no pestanejar dos teus olhos, que serão consultados á proporção que se faça a leitura fatidica. Quanto ao resto, o rapaz, se não foi absolutamente delicado, não deixou de ter uma pontinha de espirito. Sinhá é feia, tu és bonita; ella roça pelos trinta annos, tu ainda não tens vinte, elle quiz egualar-vos momentaneamente, vestindo-te de desapontamento e illuminando a outra de alegria. Na tua idade os segredos são leves e faceis de adivinhar; em todo caso guarda-os contigo, ou só para a confidencia amiga. O recato do sentimento, fortifica-o e ennobrece-o. E o coração de uma donzella não se deve devassar a todas as curiosidades... Elle é, como disse o poeta Vigny : *un vase sacré tout rempli de secrets*.





ARIA

o ter fome. Quem tem
Ora, desde que o
panelas se enfeitou
temos uma certa obri-
E concordemos que é
a surge um pratinho

novo, com mil composições extravagantes, que espantam as *menagères* pobres e deleitam os cozinheiros da raça! Dão-se nomes litterarios, designações delicadas, procuradas com esforço, para condizer com a raridade do acepipe. Os temperos banaes, das velhas cozinhas burguezas, vão-se perdendo na sombra dos tempos. Fallar em alhos, salsa, vinagre, cebola verde, hortelã ou coentro, arrepiam a cabelluda epiderme dos mestres dos fogões actuaes. Agora em todas as despensas devem brilhar rotulos estrangeiros de conservas assassinas, e alcaparras, trufas, manteiga dinamarqueza (o toucinho passou a ser ignominioso), vinho Madeira para adubo do *filet*, emfim tudo o que houver de mais apurado, cheiroso e... caro!

As exigencias crescem, ameaçam-nos e, sem paradoxo, somos comidos pelo que comemos. Isto vem a proposito de uma exposição de arte culinaria que se fez, ha pouco tempo, em Paris. Imaginem como aquillo deve ser encantador e appetitoso!

Quem já viu as vitrines das *charcuteries*, das *crémeries*, das confeitarias, etc., e que sabe com quanto mimo e elegancia são expostos os queijos, os paos e os pasteis, entre *bouquets* de lilazes e fôfos colxões de papeis de seda bem combinados, crespos e leves como plumas, imagina que de novidades graciosas se juntarão no Palacio da Industria.

Naturalmente, cada expositor é um architecto e um artista na combinação das côres. Fazem-se castellos de biscoitos, torres engenhosas de chocolate, de crême, de morangos, onde tremulem, em crystalisações polichromas, as gelatinas de fructas ou de aves, reflectindo

luzes entre lacinhos de fita e flôres frescas, porque o francez tem a preocupação gentilissima de deleitar sempre os olhos alheios.

Abençoada mania !

O que eu invejo não são as trufas, nem os *champignons*, nem o seu *foie-gras*, porque tudo isso temos nós aqui e mais muitas coisas que elles lá desconhecem. O que eu invejo é aquella facilidade, aquella graça das exposições que se succedem e se multiplicam e que não podem deixar de ser uteis, porque abrem a curiosidade e ensinam muito.

A cozinha franceza tem-se intromettido em toda a parte.

A Inglaterra oppõe-lhe forte resistencia com as suas batatas cozidas e presunto crú ; mas a nossa, por exemplo, está muito modificada por ella. Entretanto, temos pratos caracteristicos, só nossos e que eu teimo em achar gostosos. Infelizmente falta-lhes o *chic*, o lado onde se possa atar a tal fitinha ou collocar o *bouquet* de violetas do inverno ou do *muquet* da primavera. O feijão preto com o respectivo e luctuoso acompanhamento não se presta por certo para a *coquetterie* de um adorno mimoso, mas nem por isso deixa de ser da primeira linha. Depois temos os pratos bahianos, o afamado vatapá e outros, quentes e lubricos, e o churrasco do Rio Grande, e o cús-cús de S. Paulo, e tantos que eu ignoro e que descobrem, demonstram, por assim dizer, as tendencias, o temperamento do povo.

Um paiz como o Brasil, tão vasto e variado, não teria proporções mais curiosas para realizar uma exposição neste genero ?

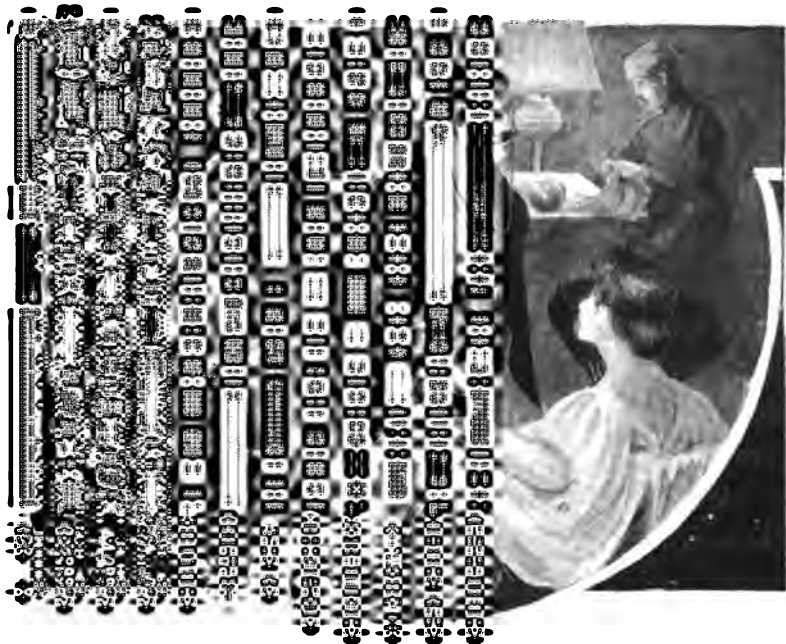
Só de fructas, que, tratando-se da mesa, tem todo o lugar, e de dôces... imaginem: fariamos um figurão! geralmente calumniam-se as fructas brasileiras e parece-me tempo de lhes irmos dando a merecida importancia. Não ha nenhum brasileiro que conheça todas as fructas do seu paiz. O europeu desdenha-nos nesse sentido; esquece-se de que em muitos logares do Paraná, Minas e Rio Grande, desenvolvem-se peras magnificas, damascos, cerejas, nozes, etc. E as fructas e as hortaliças indigenas? Innumeraveis! O que falta á nossa *gourmandise* é poder aggrupal-as, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquellas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importancia á mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de commercio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saude.

A exposição parisiense tem ainda um fito, e é a sua principal recommendação e a mais elevada, — é o de ensinar, por meio do exemplo, a cozinhar bem. Um dos seus cantos é occupado por *M. Charles Driessens*, que segundo leio, lucha ha dez annos com desesperada energia para fazer entrar o ensino da cozinha no programma do Estado. Este tal *M. Driessens* tem varias escolas de cozinha, e alli trabalham umas cincoenta discipulas, mostrando a toda a gente como se deve fazer um crêmc, estender uma massa, temperar uma salada, grelhar um bife ou enfeitar uns pézinhos de carneiro com papelotes e rosetas.

As senhoras não nasceram para fallar em camarões, carne ou palmito, em publico; mas, senhores roman-

apre nos bastam o
lho, das ondas para





S

Mathilde Abranches,
 e aliás sympathico,
 e maus por culpa das
 e as notas levissimas
 e lado Lydia sorvia o
 e comparado, fez-me
 e a Cid; Lydia tambem
 e do « Perfume. »
 e perguntou a voz em-

papada de uma mãe de família, que tem por habito tomar a sério todas as conversas.

— Como desde o principio do mundo. Agora então a influencia da mulher é nefasta. A nossa sociedade cae rapidamente da sua modesta franqueza, que a fazia encantadora, para um *snobismo* que a torna ridicula. A preocupação do *chic* estraga tudo. As portas já se não abrem como antigamente, e procuramos termos para as conversas mais simples!

Não ha naturalidade nem ha simplicidade. A virtude das mulheres, que era para as nossas culpas, como um tronco profundamente enraizado é para as lianas frageis — um sustentaculo que as eleva e ampara, sente-se abalada e já não nos inspira a confiança de outr'ora.

Como para Bruto, para mim a Virtude não é mais que uma palavra. Bebemos todos do veneno. Agora só o diluvio.

— Que mal lhe teriam feito as mulheres, sempre gostaria de saber.....

— Estragam tudo com a sua imprudencia, a sua *coquetterie* e o seu fanatismo. Basta olhar para uma mulherzinha moderna para a gente perceber que se preocupa com feitiços e é supersticiosa. A quantidade de figas e de amuletos que traz ao pescoço, bem o prova. Em vez de nos ensinarem a sermos simples e cordatos, tornam a vida cada vez mais complexa e difficil.

— Exemplo?

— Nas minimas coisas elle apparece. Vá o exemplo: convidam-nos para um jantar familiar e dão-nos um

banquete em que vagueiam perfumes de flôres caras e cheiros de molhos complicados. Aquillo não é o trivial: logo, aquelle não é o jantar familiar. Quem ordenou e determinou o *menu*, não foi certamente o dono, mas a dona da casa. Portanto a atmosphera de falsidade que se respira naquella casa amiga, foi creada pela mulher.

— Ora ahi está! São os nossos maridos que trazem dos hoteis e das festas a que assistem a exigencia d'esses molhos complicados, d'essas floreiras odoríferas, do champagne ruinoso e dos crystaes variegados das mesas ricas. São elles que nos suggerem novidades de serviço; e vêm os senhores depois pôr a ridiculo a nossa pretensão! Geralmente não somos nós que compramos a prataria e as porcelanas. Que sabemos nós, as mulheres?

— O que adivinham. Oh! e o que as mulheres adivinham! Conheço uma que, sem ter ouvido uma unica confidencia, sabe que uma certa pessoa evita encontral-a, porque é vê-la e logo nessa noite perder ao jogo!

— Esse alguem é o senhor. Vê? são os homens que jogam, que ficam amaveis se ganham ou mal humorados se perdem, que tem estragado a nossa alegria. Mas sempre quero agora que me explique: o senhor, que se ri das quatro folhas de trevo e dos corcundinhas de coral que trazemos ao peito, porque foge de cumprir uma senhora amiga só pelo receio de que esse encontro fortuito e rapido lhe traga o azar da fortuna?

— Males de raça, minha senhora, coisas que ficam da infancia. De algum modo precisamos mostrar que já fomos creanças. Creia que eu até adoro essa senhora!

— Adora-a e evita-a!

— Mas se ella tem *jetatura*!

— Use então de um expediente:

Quando a vir, pegue em qualquer objecto de ferro. Uma chave, por exemplo. Não traz uma chave comsigo?

— É bom?

— É magnifico!

— Não sabia!

A conversa embarafustava por um terreno amavel.

D. Mathilde confessou que deixára de se vestir de azul, porque essa côr lhe trazia infelicidade.

D. Joanna citou uma amiga que usava uma liga de cada côr, como *porte-bonheur*.

Quasi todos os presentes tinham a sua mania... voltou-se então alguem para o velho e sério dr. Braga e perguntou com um rizinho de duvida:

— O senhor tambem usa d'essas coisas?

Elle tirou do bolso um caquinho de vidro azulado e disse com seriedade:

— Isto. Podem examinar.

O pedacinho de vidro andou de mão em mão; olharam todos por elle para a luz e concordaram em que não seria facil encontrar outro tão ordinario!

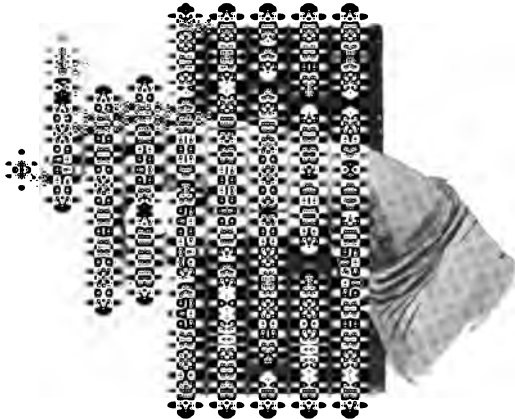
Dr. Braga explicou:

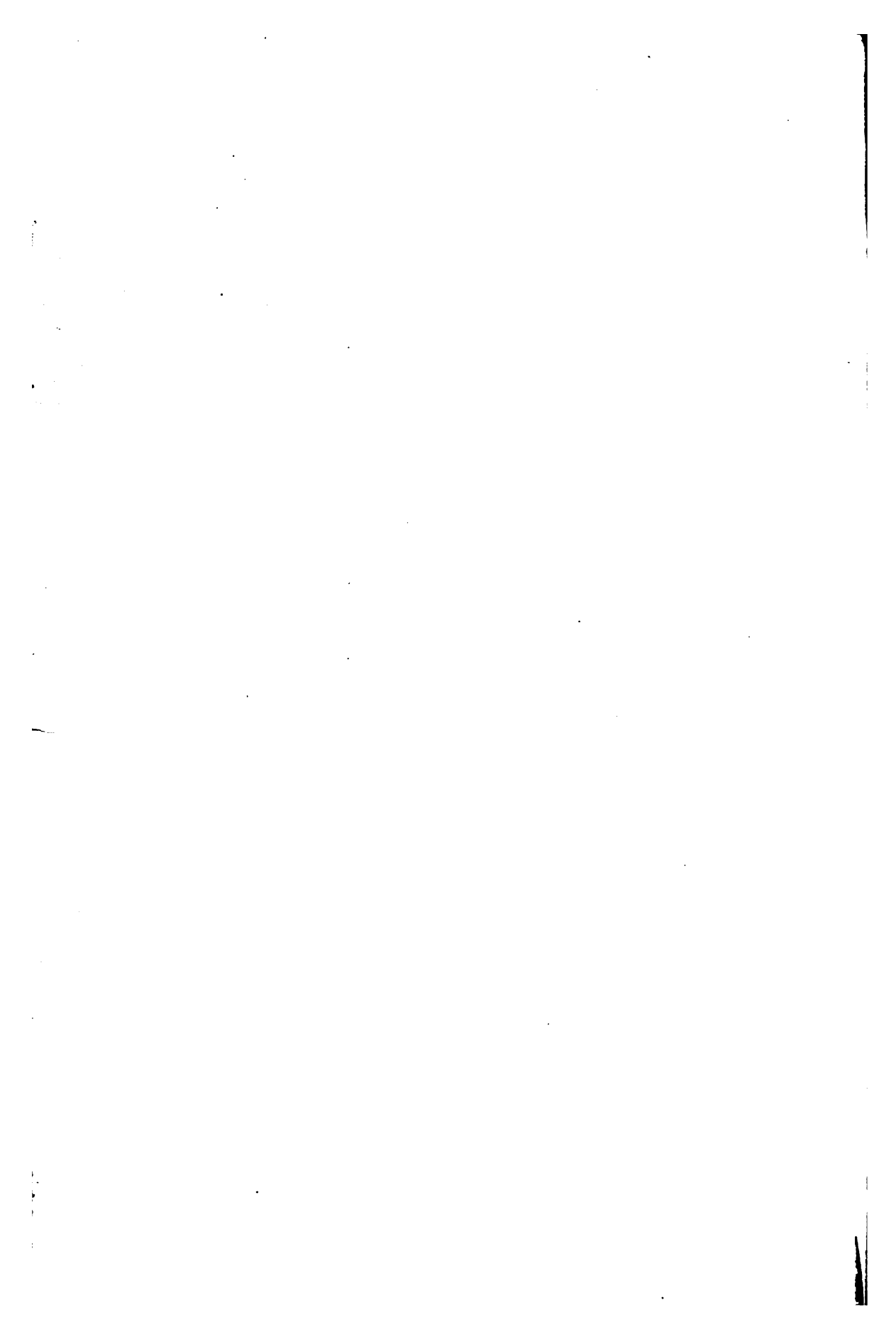
— Pois, minhas senhoras e senhores, isto não é um simples amuleto, mas um talisman.

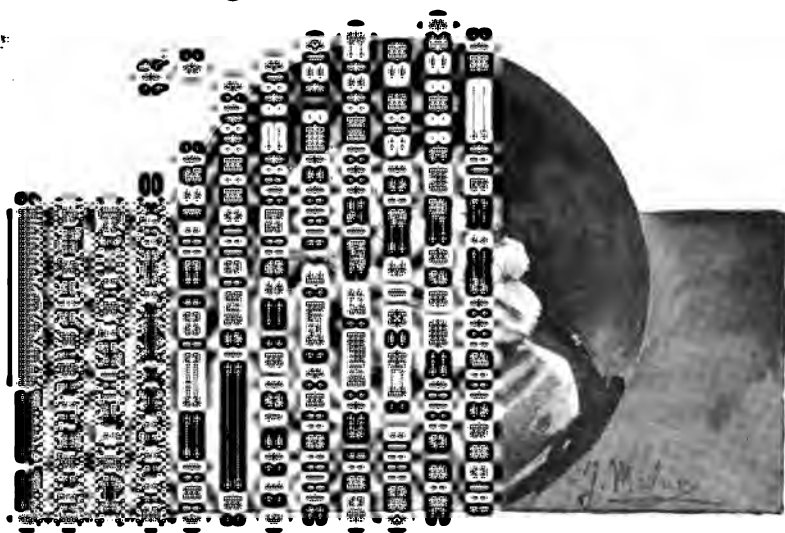
— Ainda ha d'isso?!

— Ha. Este chama-se o olho da tolerancia. Infelizmente, para se vêr bem por elle é preciso ter-se passado dos quarenta annos, ter-se gasto o bestunto em muitas observações e curvado a cabeça a duras exigencias da sorte... O olho da tolerancia, antes de censurar ou de

usa, mais disposto a
 a consciencia da fra-
 eu sentia como um
plus j'aime l'humai-
 Hoje não; o indivi-
 mão fraco que devo
 as suas impurezas
 ja origem não é só
 anciancia acalma o sys-
 na prática do bem.
 dignação ou a colera
 ça, sacco d'este ca-
 o impeto, olho atra-
 de piedade vem sub-
 le furia. Ah! minhas
 como a tolerancia para
 as!







contra os beijos, con-
 sutores de microbios
 eias doenças incuba-
 de uma para outra
 dos osculos.
 Formulas modernas dos
 e elles, para exemplo,
 ança que apregoam...
 por todo este mundo
 e tenha os labios ou
 que não sinta florir

no peito, com maior ou menor viço, o desejo imperioso de unir a sua bôca a outra bôca amada ou de refrescal-a nas faces assetinadas de uma creança?

Fagulhas das labaredas em que nos consumimos, os beijos crepitarão por toda a larga face da terra, embora a sciencia contra elles asseste a ducha gelada dos seus decretos prohibitivos.

Não ha em lingua humana palavra que, como o beijo, exprima, por mais silencioso que elle seja, a ternura e o amor.

A bôca de um mudo diz tudo quanto ha de mais elevado e de mais vehemente, quando beija; no beijo está o unico triumpho da sua alma encarcerada!

Bem préga Frei Thomaz... Não se beijem! dentro do beijo, como dentro do calice de uma flôr de aroma capitoso, está muitas vezes escondido o veneno que nos leva ao ultimo somno. Cuidado... Quando taes palavras escrevem, esses senhores que só olham para a vida através das lentes dos microscopios, deverão sentir em si proprios o rugido da natureza offendida a clamar contra essa impiedosa verdade da sciencia.

A vida sem beijos! a vida sem beijos é como um jardim sem flôres, um pomar sem fructos, ou (que escorregue ainda mais esta velha comparação) um deserto sem oasis. Não valeria a pena prolongar a existencia á custa de tamanho sacrificio. Por assim entender é que a humanidade faz e fará sempre ouvidos surdos á theoria da supressão do beijo. Para ella, elle não é tal o vehiculo da peçonha, a ameaça constante dos phantasmas terrificos de doenças asquerosas e tristes, coisa desvirtuada e malefica, mas sim, e por todos os

seculos dos seculos, o que d'elle disse um poeta meu amigo :

« o sello da amisade
E do amor ! Elle só nos dá felicidade.
Dois corações que o tedio ou o cansaço importune,
Só um beijo de amor os levanta e reúne.
O beijo é vida, o beijo é luz, o beijo é gloria !
Observae bem : vereis que o beijo é toda a historia
Da humanidade. Foi o beijo primitivo
Que na terra o primeiro homem tornou captivo
Da primeira mulher ; depois, ardente ou brando,
Veio o beijo de amor as raças perpetuando,
Unindo gerações a gerações, e unindo
O passado ao futuro insondavel e infindo.
O beijo é a transfusão das almas ; elle encerra
Tudo que possa haver de divino na terra. »

Não é só o beijo perpetuador das raças que derrama na alma o clarão mirifico da felicidade. Quando uma mãe beija um filho, como que sente o seu coração maior que o mundo e mais victorioso que todos os hymnos do universo ! Saberá alguem de coisa mais dôce nem mais pura, que o beijo da amisade ?

Infelizmente, nem todos os beijos são :

« Tudo que possa haver de divino na terra ! »

Como diz o poeta..

É que Filinto de Almeida desconhece o horror dos beijos convencionaes, que só os labios femininos trocam entre si.

Para esses o rigor das leis scientificas deveria ser bem acceito... Que se beijem duas amigas que se esti-

E DONZELLAS

o de sympathia, uma mu-
leiro dia de encontro, como
sim! Mas, que, sem espon-
delha estima, só por cortezia
creaturas indifferentes, e
m, troquem beijinhos cada
vez que se encontram...

por Deus, nem é de-
cente nem agra-
davel!

Por mais que
a gente queira
esquivar-se, não
póde, sem incor-
rer em falta
grave, furtar-se
ao impulso com que
certas damas attra-
hem as outras para o
cumprimento da praxe.

esse movimento! abas de
que se arrepanham, corpos
em: um chapéo torto, uma
s resaibos de mel avina-

a insistencia está muitas
imprime á outra o puxão
face a beijar, face em que
as e quasi sempre o *cold*

de livrar uma creatura de

taes assaltos; quer queira quer não queira, ella ha de beijar e ha de ser beijada em plena rua, em plena luz, por pessoas a quem não a prende nenhum laço de affecto, ou mesmo de sympathia muito forte.

Sei que me atiro para dentro de uma casa de mari-bondos, fallando assim; pouco importa.

De resto, esta impressão não é só minha. Nenhuma mulher deixará de sentir revolver-se no seu coração um sentimento de desagrado, ao unir a sua bôca a outra bôca de que tenham sahido por ventura epigrammas que a firam ou indirectas que a molestem.

O beijo é uma coisa muito nobre para ser esbanjada assim, sem significação, em encontros de acaso, em qualquer canto de rua...

Para que elle seja suave e dõce, deve ser dado com a consciencia da amisade; do contrario, quando não é perverso, é ridiculo.

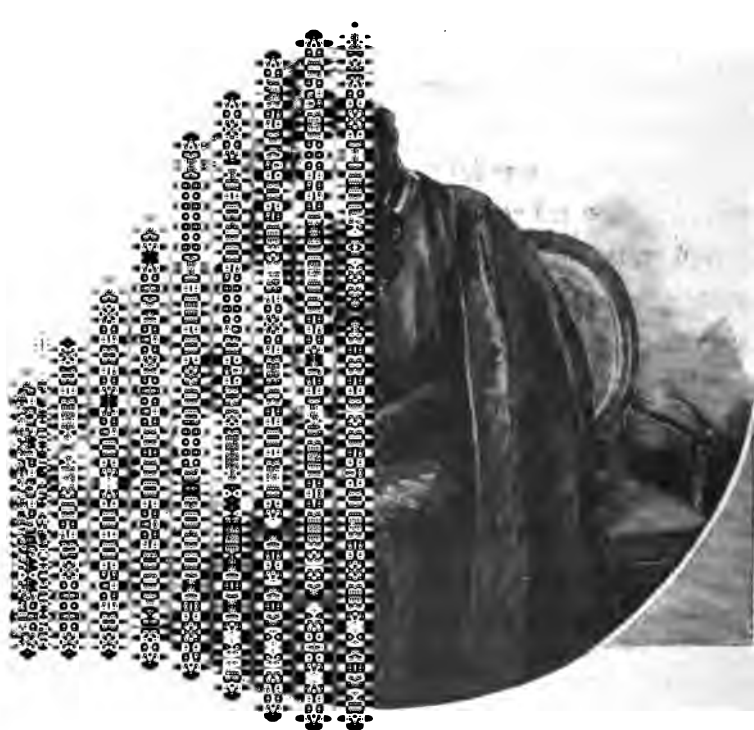
Não se diga que foi a nossa indole meiga e expansiva que inventou tal costume; elle foi importado, mas creio que já cahiu em desuso nas terras de que proveio. Pelo menos, as estrangeiras não se beijam entre si com tamanha effusão. Ellas desconfiam, talvez, de que perdem o valor os beijos de uma creatura que os dispensa a toda a gente, e por isso só os gastam em familia e pouco mais... Aqui, ao contrario, o furor do beijo a esmo tem augmentado; toda a gente se julga com direito a elle e o reclama num gesto imperioso, que não admite recusa...

Em resumo, a minha opinião neste assumpto melindroso e terrivel é esta: não comprehendendo a vida sem o beijo, como não comprehendendo o beijo sem o affecto.

AS E DONZELLAS

... mundo, ha de haver o amor,
... as as perseguições que lhe
... ologistas.

... horas e horas passadas no
... dos seus laboratorios, ao le-
... das paginas dos livros ou
... sentirão, para refrigerio das
... vertigem de tantas misérias
... avisarem num beijo, em que
... mens encontrem a fresca in-
... creança... E estou certa de
... para irem beijar em casa os



TERCEIRA PARTE



AS ARVORES

Tibre, os primeiros
arvore da flôr sa-
re compacto e dõce,
origem, fazendo da
a. Naquelle terra da
veu do solo a arden-
á purificada, á polpa
preferencia o mel do
u flôr, enxamearam
escuras da arvore,
eis punham um tom
anos, trabalhadores
stiga, o seu logar sa-

Naquelles tempos rudes, e em outros ainda de mais velha antiguidade, o respeito intuitivo pelas arvores era tamanho, que os homens as criam representantes de divindades. O carvalho, o loureiro, a palmeira e o myrtho, eram envolucros de deuses. Olhando para a corôa tufosa das tilias, sorvendo-lhe o aroma das pallidas umbellas esverdeadas, o grego ouvia suaves promessas de Venus, alma d'essa planta, tapetando-lhe de velludo as estradas da vida.

Este preito á arvore, que a poesia nativa e a crença pagã investiam de solemnidade, é para mim um dos encantos mais singulares da tradição.

Por fortuna de outros tempos, elle não ficou completamente extincto ; não teve a França a sua arvore da *Liberdade*, fincada na terra da patria pelos soldados da revolução, que a cobriam de flôres e fitas tricolores ?

Se hoje não ha arvores symbolicas, ha, entretanto, outras que o espirito do homem culto celebra. Não é raro vêr-se na Europa, mesmo em paizes de menor intellectualidade, uma arvore solitaria, secular, rugosa, em cujas raizes ninguem pisa, e que vive cercada por um gradil, para que não lhe toquem mãos irreverentes. Essa é uma arvore celebre, é uma arvore amada, porque abrigou um dia um dos heróes da patria. A municipalidade tem para ella cuidadissimos desvelos, o povo sabe-lhe a historia, e respeita-a só por ella ter dado frescura a alguem, que á sua sombra descansou de uma batalha cruenta ou escreveu versos immortaes.

Creio ter já lido que D. João VI, a quem nossa historia parece-me não ter feito ainda inteira justiça, tem a sua mais bella memoria na primeira palmeira do Jar-

dim Botanico, de cujas sementes nasceram os únicos adornos da Capital.

Dia formoso, aquelle em que o rei desceu do seu throno para, no rude mister de jardineiro, tocar com a mão macia a terra aspera e fertil da patria preferida. Suspeitaria elle que a alma da planta estrellada lhe perpetuaria a lembrança, melhor que as chronicas, tantas vezes confusas, tantas vezes mal interpretadas?

Talvez... Dizem que ouvindo ramalhar os mais velhos cedros do Lybano, que affirma a lenda serem contemporaneos de Salomão, alguns viandantes contemplativos creem sentir nesse sussurro toda a doçura do Cantico dos Canticos...



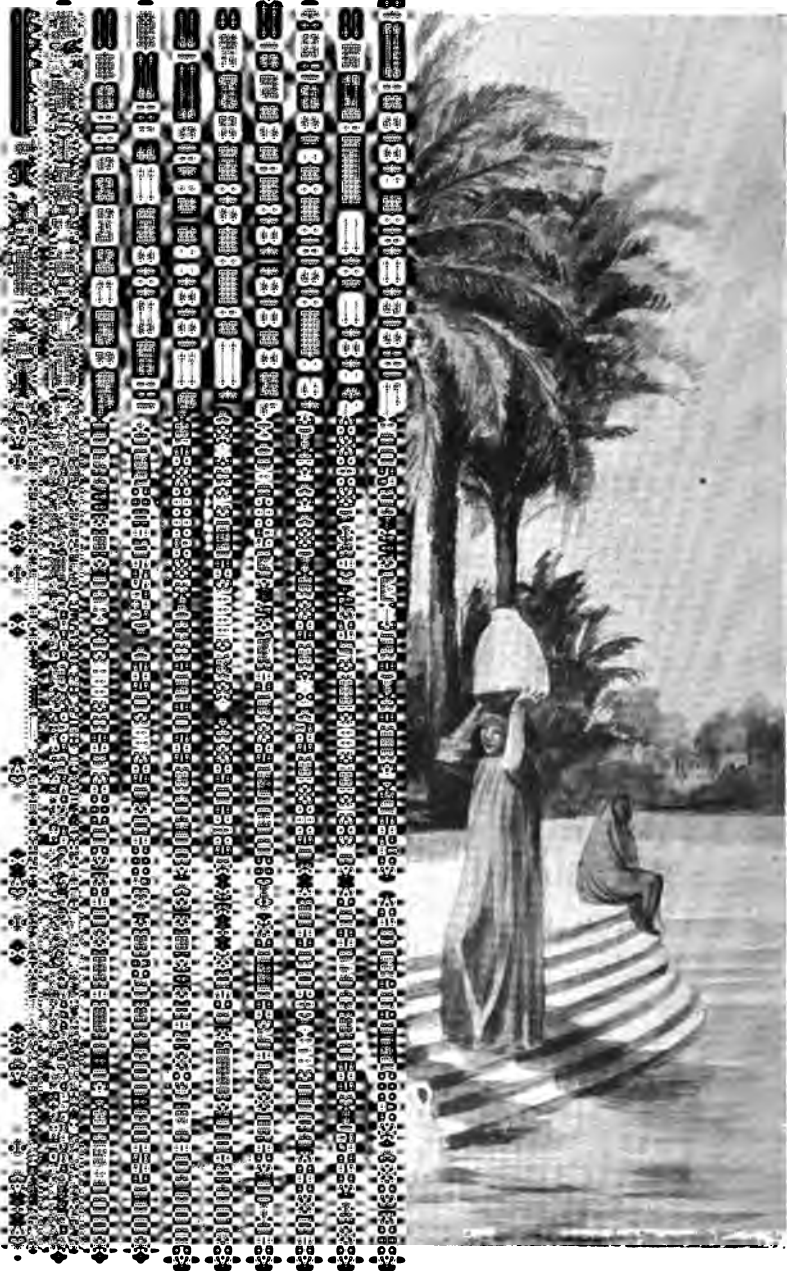
Conta um escriptor portuguez, descrevendo um campo estrangeiro, que nelle havia *a dóce e pallida oliveira de ramagem meída, que dá á paizagem um tom grego.*

Uma simples arvore accorda a ideia de um paiz e desenrola aos olhos de um poeta a vastidão de um sonho.

O pinheiro resistente á neve e querido dos povos scandinavos, traz á ideia planicies brancas em que a sua silhueta negra se destaca apontando para o céu pallido. É dos seus braços hispídos que se fazem as arvores do Natal, consagradas á infancia em nome de Jesus. Assim, o cypreste faz lembrar o cemiterio, e o bambual o lago da fazenda, em que os marrecos deslisam e o gado bebe.

Dir-se-ia que só por si a arvore delineia e fixa a physionomia dos logares. Nenhum viajante esquece os

AS E DONZELLAS



castanheiros de Londres, que são vigorosos traços da sua austeridade e grandeza, nem as arvores tosquiadas de Paris, onde pardaes chilréam e a Primavera põe delicados rebentões còr de alface; nem as mimosas de Cannes e de Nice, esgalhando-se em ramos delicados de folhas pequeninas e botões còr de palha, tão accòrdes com essas cidades elegantes e frivolas; nem tão pouco as luxuosas magnolias de Petropolis, em que as flôres se abrem como pequeninas urnas de ouro, capitosas.

Vendo os *algodoeiros* desgraciosos, inclinados e tortos como corpos doentes, e que por ahi ficaram com desigualdade em algumas ruas, tenho muitas vezes pensado na arvore que deveríamos escolher de preferencia para a nossa cidade. Deveria ser uma arvore pura, perfeita, indicada por eleição de artistas e conselho de sabedores.

O algodoeiro, com o seu aspecto desalinhado, sente-se contrafeito entre as duras pedras das calçadas e atira-se todo, numa attitude contorcida, para os lados ou para a frente, na ancia historica do sol.

A palmeira, de que todos levamos a imagem no coração quando saímos da patria, é inimiga da habitação do homem; quer a seus pés colchões de areia, ou extensos grammados sobre que derrube sem fragor o casco das suas palmas seccas.

Disse-me um dia um dos nossos melhores pintores, que, se tivesse poder para tanto, guarneceria toda a cidade de paineiras, a arvore das estações, que antes de desnudar-se se purpurisa em flôres.

Eu gostaria de vêr nas florestas que atapetam os morros e cingem a cidade, mais d'esses maravilhosos *flam-*

lates, que são a gloria dos
arvore ha mais pomposa,
e de petalas?

de palmas fiabelladas, mais
floresta e que todas as arvo-
a, eu adoro a mangueira, a
le, tranquilla, onde a herba
nde o ninho se occulta e que
mysterio dôce que fez com
de julgassem algumas arvo-

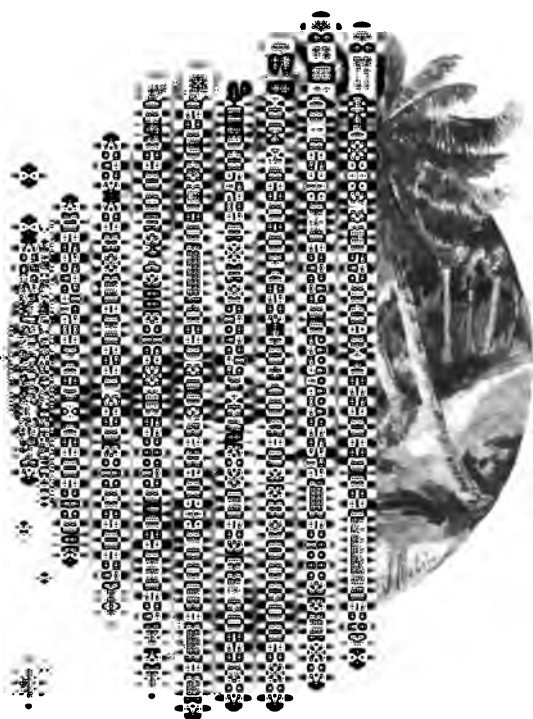
o seu conselho de sabios e
in o clima e, de accordo com
colhessem a arborisação se-

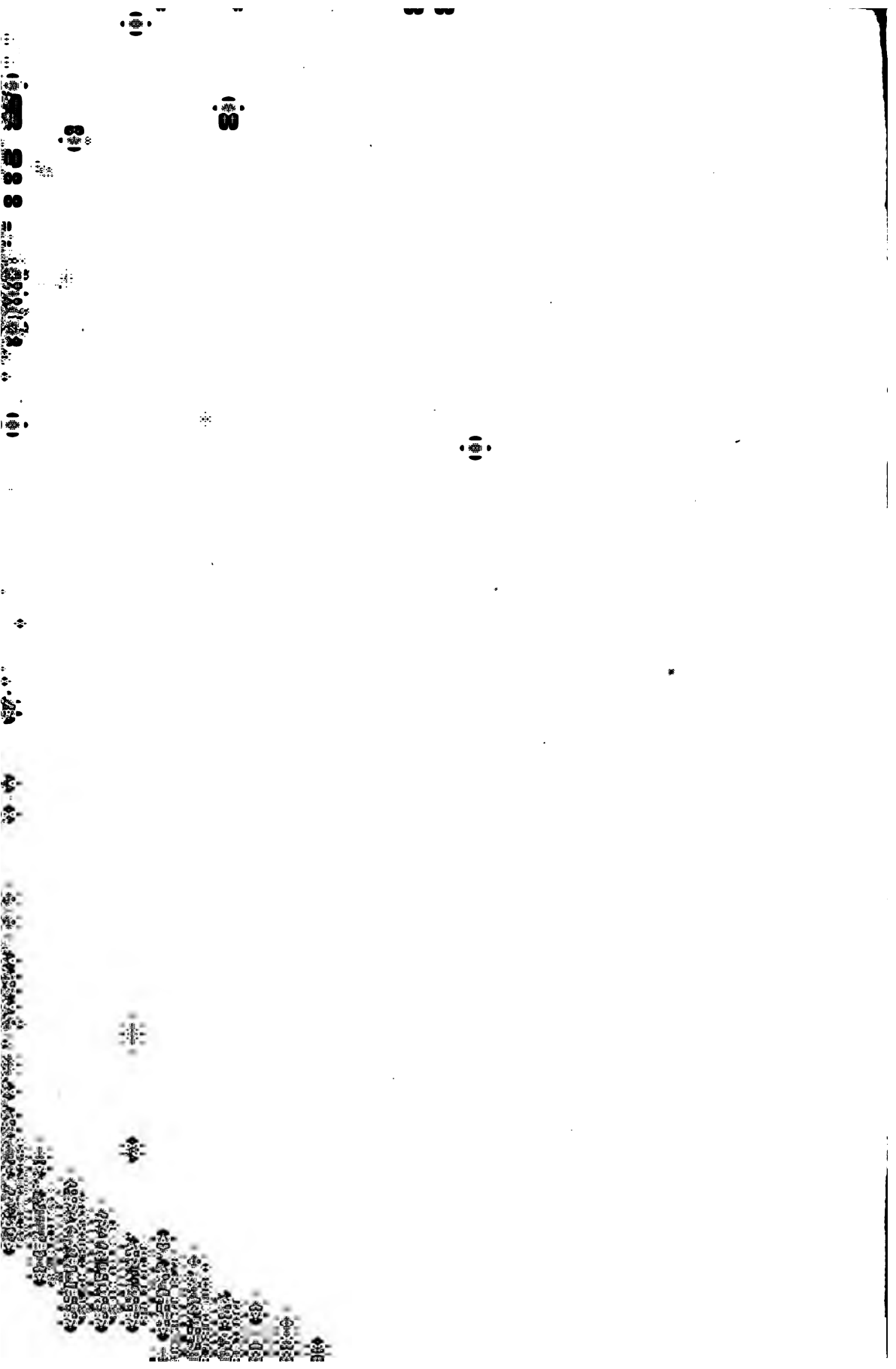
rapido e firme, pinta-nos o
adã. Como? Revellando-nos
e, que elle planta como um
a sua fortuna — o *érable*.

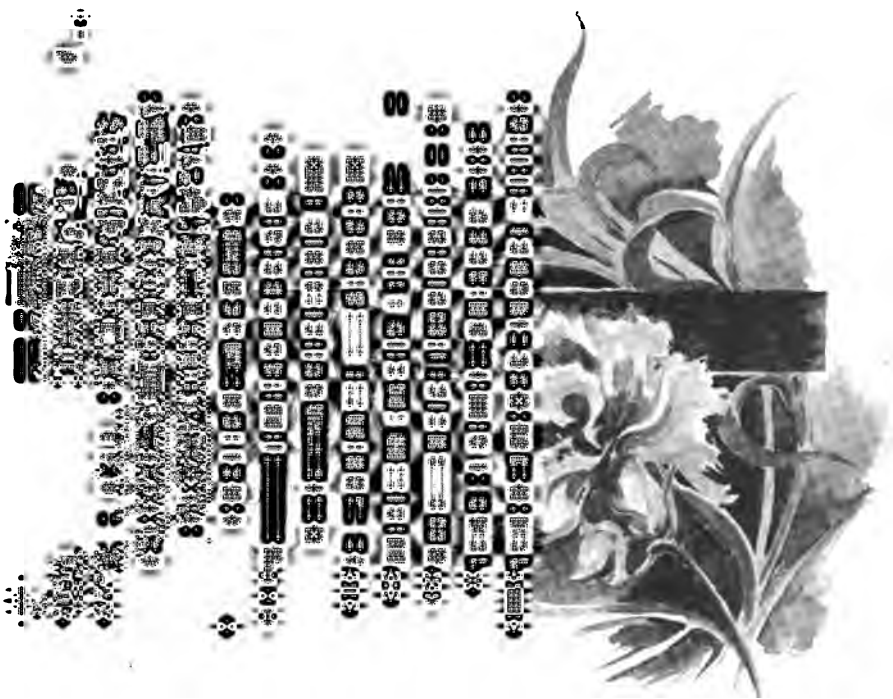
trancal-o, nenhum machado
os vigorosos, nem lhe lanha
povo, que são como as iras
sobre a mão que o bran-

inha terra, sob a cupula illu-
o jubilo do sol, sacudi as ves-
cahir no chão da floresta a
sementeira. Nem sempre o
em que a vossa belleza im-
raço que tente erguer contra
ferro.

que vos fazemos e sa-
 sas ou indiferentes,
 lo poeta Alfredo de
 a sua sepultura.







Escrevo estas linhas pensando
em minhas filhas. Ellas me com-
preenderão quando forem mu-
lheres e plantarem rosas para dar
as abelhas e perfume á sua

Organizar para setembro
uma exposição de flores no
qual se faria nesta cidade.
Eu, porém, visto que expo-
zi já annos em terras civi-
lizadas, a curiosidade amiga
do desejo de as vêr muito
queridas, convido-me a essa exposição

as não quero omittir tal
es, presidido pelo olhar das
pretendo insinuar o amor
mais suaves e melhores da

am e que as obras ficam;
e que só na palavra fugi-
Não fallarei da exposição
mim, mas pelos seus in-
que continuo a achar ex-
deite-se-lhe em cima a terra
que ella seria poderá ainda
tem cabimento esta insis-
d'essa exposição era isto

tras mais bellas, que iriam
limadas dos nossos jardins
dos nossos campos e das
res vicejam por esses ser-
salões mais exigentes! Eu
tada por uma rapida visão
ir do interior de S. Paulo
sgraça de pensar, não ima-
ce em um catalogo? Com o
tas pessoas trariam a con-
s, e ignoradas porque são

que não devemos acceitar
ras, desde que temos flôres
andancia em nosso paiz.
nunca são de mais, e ha



The image displays a highly detailed, abstract texture that resembles a complex barcode or a microscopic view of a material. The pattern consists of numerous vertical, slightly wavy lines of varying thicknesses, creating a sense of depth and movement. The color palette is primarily grayscale, with subtle variations in tone that enhance the intricate details of the structure. The overall effect is one of intense visual complexity and organic yet structured form.

naria com o maior cuidado todas as variedades apresentadas no certamen, raras ou não. Ah, no artigo das orchideas havia paragraphos que valiam capitulos pelas suas intenções.

Imaginae que se aventava a idéa de fundarmos no Rio um pavilhão para exposições permanentes, em que a orchidea seria protegida e defendida como um thesouro. .

Faz rir a idéa, não é verdade? Nesse pavilhão, organizado por competentes, todas as orchideas vindas dos Estados proximos, para exportação, seriam sujeitas a um exame para o competente passaporte... Esta prática, que á maioria parecerá absurda, seria considerada naturalissima, se o respeito pelas orchideas, que são as joias das nossas florestas, já tivesse sido implantado no povo. Ha orchideas e parasitas que tendem a desaparecer, pela devastação arrebatadora com que naturaes inconscientes e estrangeiros especuladores as arrancam das arvores para as metterem nos caixotes em que as mandam para os portos europeus. Póde dizer-se que é nas estufas da Inglaterra, da França, da Hollanda e da Alemanha e até da Republica Argentina, que se vêem as mais bellas flôres do Brasil ! Não seria justo que, exportando as variedades mais raras das nossas orchideas, guardassemos d'ellas, na capital, exemplares que garantissem a sua reproducção no paiz e abrilhantassem a exposição permanente, visitada ao menos por todos os estrangeiros em transito ?

Mas a nossa attenção não estava voltada só para as orchideas.

Cada dia da exposição de flôres seria dedicado a uma das especies mais estimadas entre nós.

Teríamos um dia só para rosas. Em roseiras ou cortadas, nessas flôres se concentraria a atenção do jury, constituido pelos nossos mestres de botanica e pelos donos dos principaes estabelecimentos de floricultura do Rio de Janeiro. Nesse dia apurar-se-ia, aproximadamente, a quantidade de variedades que temos d'essa flôr, para estabelecer depois a comparação com as que se apresentassem em exposições consecutivas. Tudo isso ficaria consignado em um livro, documentado por nomes conhecidos e insuspeitos.

Assim como as rosas, os cravos não teriam razão de queixa.

Têm reparado como a cultura de cravos se tem desenvolvido e embellezado no Rio de Janeiro? Acreditava-se antigamente que essa flôr, uma das mais originaes, se não a mais original, só desabrochava bem em Petropolis, em São Paulo e não sei em que outras terras. Pois estavam enganados. Nem mesmo do alto da Tijuca são esses formosos cravos que ahi estão de tantas côres variadas e tão opulentos de fôrma; são do valle do Andarahy; são do Engenho Velho; são dos suburbios; são de Santa Thereza, etc. Quem tiver um canto de jardim, um peitoril largo para vasos de barro, um pouco de terra, póde com segurança semear os seus craveiros; as flôres virão.

Como incentivo, a exposição distribuiria mudas de cysanthemos a um certo numero de moças, emprazando-as a apresentarem na estação d'essa flôr a planta florida para uma exposição, em que seriam distribuidos os premios do primeiro certamen.

Inoculando o gosto pela jardinagem, ella desen-

S E DONZELLAS

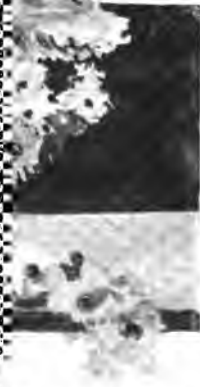
flôr brilhante e a que o

primeira exposição, te-
amos, além de conferencias
estimulando o amor das plan-
tas, mostrando-as
em todos os seus
multiplos aspectos
seductores, lições de
jardinagem prá-
tica

Essas li-
ções, dadas
com a mai-
or simpli-
cidade, sem
termos em-
phaticos,
por um ho-
mem illus-

do e amigo das flôres, nos
nariam como deve ser
parada a terra para o jar-
como se devem fazer as
enteiras e as podas e os
ertos e matar os pulgões,
ormar as variedades mais
agua fresca os altos tron-

ca eu prestar simultanea-
e, demonstrando a possibi-



lidade de se fundar aqui uma escola para jardineiros, e ás moças a quem o tempo sobre para essas brilhantes phantasias. A jardinagem fornece ensejo para distrações e estudos proprios para mulheres.

E, depois, que encanto o de vêr-se o nome de uma senhora ligado ao de uma rosa !

Em todas as capitães do mundo civilisado ha o culto da flôr. Ellas symbolisam as nossas grandes alegrias, como as nossas grandes tristezas, imagens materializadas das maiores commoções da vida. Nas alegres visitas de boas festas e de anniversarios, ou nas romarias para os cemiterios, as flôres exprimem o jubilo ou a saudade, tão bem como a lagrima ou como o sorriso.

Na Allemanha, disse-me uma amiga que por lá andou viajando, ha nas portas dos hospitaes, em dias de visita, floristas com ramos para todos os preços; abundam os baratinhos, de flôres agrestes ou mais vulgares. Naturalmente, quem vae vêr um doente de quarto particular, escolhe as camelias mais puras ou os narcisos mais raros; para os pobres e os indigentes das enfermarias publicas vão *bouquets* modestos e pequeninos, comquanto vistosos e alegres.

Que é aquillo ? Um pouco de poesia e de primavera, que vão errar com o seu aroma e as suas côres vistosas e alegres naquelle ambiente triste e aborrecido. O olhar desconsolado do doente encontra naquillo um pouco de distracção e de consolo.

É assim que nós precisamos gostar de flôres. Gostar tanto, que ellas sejam para nós uma necessidade; tanto, que até o povo das enfermarias gratuitas não

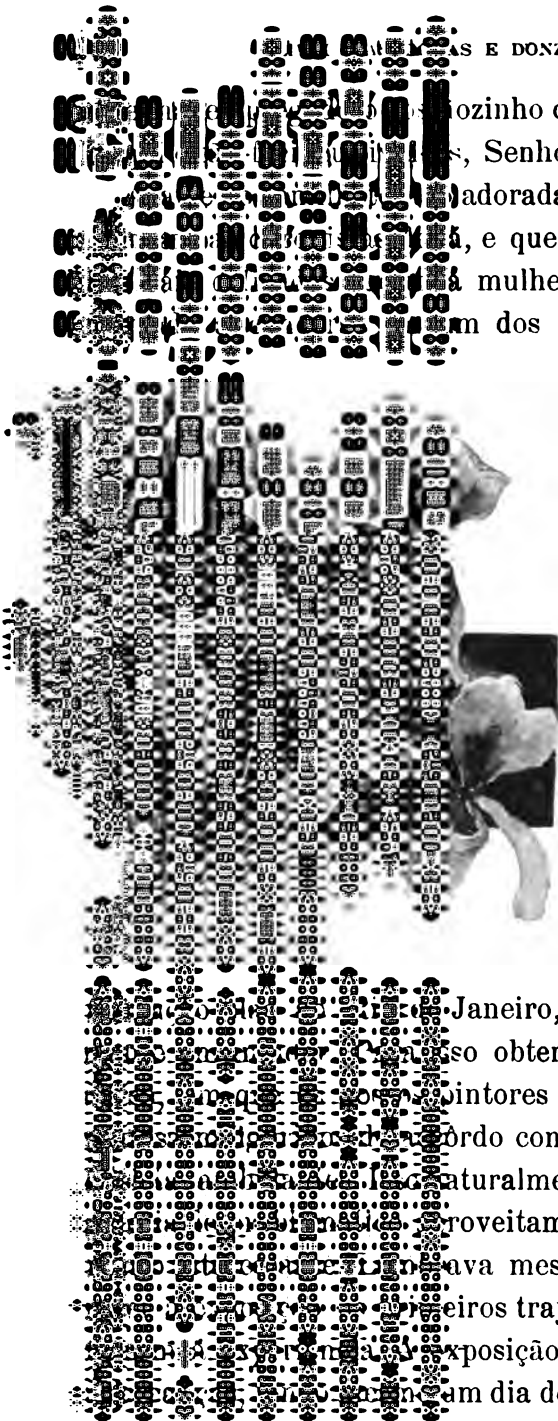
ozinho com que as adquira!
s, Senhor!

adorada no Japão, segundo
s, e que é com certeza uma
mulher póde exercer, era
m dos dias da exposição.

A moça que fizesse
o ramo com mais
harmonica com-
binação no colo-
rido e de fôrma
mais elegante,
seria premiada.

Uma das mais
curiosas velleida-
des d'essa exposi-
ção era o interes-
sar-se pelo typó
das floristas da
rua, procurando
induzir a trans-

Janeiro, que não é positiva-
so obteria tambem um con-
sultores e desenhistas apre-
sordo com o nosso clima para
naturalmente constituiria uma
proveitamento; em todo caso,
ava mesmo o alvitre de offe-
reiros trajas aos que se sujei-
xposição seria gratuita para
am dia destinado ás escôlas.



ensinar a amar as
de o berço, articu-
prehensíveis, e agi-
as mãozinhas! No
lanta deve entrar na
bellas-artistas ensinam
bem possível que o

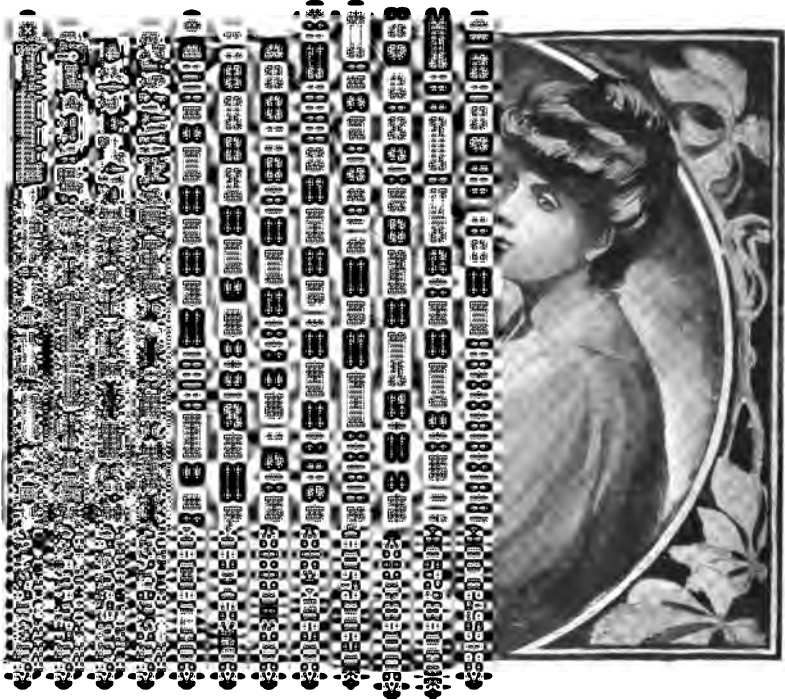


ahi ficam para de-
de andam às vezes

elizes na mesma ba-
das esperanças dece-
almas mais novas e
mais forte enverga-

S E DONZELLAS

chamma que escrevo estas
ado adquiri a certeza de que
cutar grandes obras só duas



as ostras cantam !
 surpresa magnifica.
 vido ninguem mais,
 o *Jornal do Com-*
 como affirmação de
 não póde ser posta
 dos a uma tão bella

E DONZELLAS

Esse será de um materia-
que ha de ser todo cheio de
embora que tudo é velho
Mentira ; ahi está a prova :
Expandem as queixas da sua



dos, seguidos de murmúrio
ia. Ora, onde ha expressão
latinosos moluscos, feios e
tão saborosos, dão para a
as noites o seu contingente
o !
mãe da perola. Tal gloria

não a eleyou nunca no pasmado conceito das multidões. Essa preciosa concreção calcarea que as mulheres adoram e os ourives exploram, é, bem como o aljofar, o nacar e a madreperola, de tamanha impassibilidade, que nunca suspeitamos, por via d'ella, que na concavidade das conchas em que a ostra se espapa, molle e gommosa, resoasse a voz do goso ou do soffrimento !

Foi preciso que a orelha, naturalmente cabelluda, de um grave e sabio professor se inclinasse para as anfractuosidades de um rochedo, para que o divino mysterio da alma ignorada do molusco se revelasse ao mundo.

Se as palavras que esse facto denunciaram, em vez de terem sido pronunciadas solemnemente em um — congresso de pesca — por um homem cogitador e insuspeito, tivessem saltado da lingua da Sirineta, que foi feita *per contare solamente* as bellezas do mar, de que é o espirito, a gente levantaria os hombros com o sorriso com que acolhe as mais lindas phantasias e iria continuando a comer ao almoço, sem remorso e com appetite, as famosas ostras cruas.

Mas d'aqui em deante ja virá uma pontinha de desgosto amargar esse prazer maldoso. A gotta de limão que contrahir o molusco ainda vivo, nos dará a sensação de que estamos a espremer torturas sobre um ser digno da nossa veneração, porque sabe conhecer o sacrificio !

Antes de a metter na bocca é preciso aproximar do ouvido a ostra que temos de deglutir.

Foi esta a nova preocupação que inventou o tal senhor sabio, como se já não tivessemos tantas ! mas,

não faz mal! ficamos assim sabendo que não ha na creação nada que seja absolutamente mudo.

Quantas e quantas vezes a litteratura allude ao decantado *rumor do silencio*, que nos traz da solidão dos campos ou da vastidão das aguas murmurios fraudulentos de ignota magia? Foi talvez num d'esses instantes em que a orchestra universal toca em sordina, que o sabio investigador, deitando-se sobre a areia fofa de uma praia, junto a uma velha rocha ostreira, percebeu a tenue voz dos moluscos atravez as camadas das conchas sotopostas.

Vamos, que a surpresa não devia ter sido pequena, nem tampouco desagradavel. Não tardará muito que alguém nos venha dizer o diapasão em que cantam essas pobres enclausuradas, cujo estylo trará á mente, já presumo! a fórma de um hymno sacro... O passo rude está dado; sciencia e acaso, de mãos dadas, descobriram o segredo das ostras; ellas cantam, e um homem, naturalmente barbado e muito serio, como convém a um sabio e grande professor, cuja palavra não póde ser posta em duvida, teve a coragem de o declarar em uma sessão de congresso. O principal está feito; o resto virá depois.

Virá depois, mas levará seu tempo. A interpretação da musica e a sua definição estou vendo que não é coisa facil!

Ainda ha pouco, uma pessoa que estimo e cuja opinião em musica acato como a melhor, me disse que a opera *Saldunes* tem muita belleza e larga inspiração. Alegrei-me; mas a par d'esta, quantas me disseram que não a tinham entendido?

Não entender ! mas a musica não é uma lingua estranha, que se precise traduzir com dictionarios ! Ai d'ella, se assim fosse; deixaria então de ser arte divina para ser fria sciencia ; deixaria de ser a grande pacificadora, tão necessaria ao atribulado coração humano, para ser uma coisa impenetravel e rigida, a que só com esforço as multidões chegariam.

A maioria do publico que vae ao theatro ouvir uma opera, não trata, por incompetente, de averiguar se ella é feita d'esta ou d'aquella maneira, se a sua instrumentação obedece a todos os primores de uma orchestração opulenta, se a sua tessitura é perfeita, e as suas harmonias bem combinadas.

O que elle vae buscar lá é a emoção, o sentimento que transbordará e se evolará da musica com a espontaneidade perturbadora com que o perfume sae de uma flôr !

Parece-me que a arte, a não ser para os artistas, não é coisa que se entenda, mas que se sinta. Que importa á maioria que os processos por que tal partitura é feita, sejam complicados e ella dolorosamente trabalhada, se do seu conjunto espinhento e bravio não voou nem uma phrase que lhe fizesse vibrar os nervos impassiveis ?

Em verdade é muito frequente ouvir-se dizer : eu não gostei d'esta ou d'aquella opera, porque não a entendi.

Essa modesta confissão de incompetencia, que, aliás, só é feita em relação á musica, visto que para as outras artes toda a gente se julga habilitada e com direito a uma critica definitiva, deve, até certo ponto, consolar os maestros...

Ah, deante das harmonias da natureza é que não ha

tanto embaraço : ellas entram-nos pela alma a dentro sem que para isso tenham de forçar o entendimento. Quem comprehenderá jámais a contextura d'essa grande opera em que tomam parte desde o asqueroso sapo dos brejos, até á sentimental patativa dos laranjaes ?

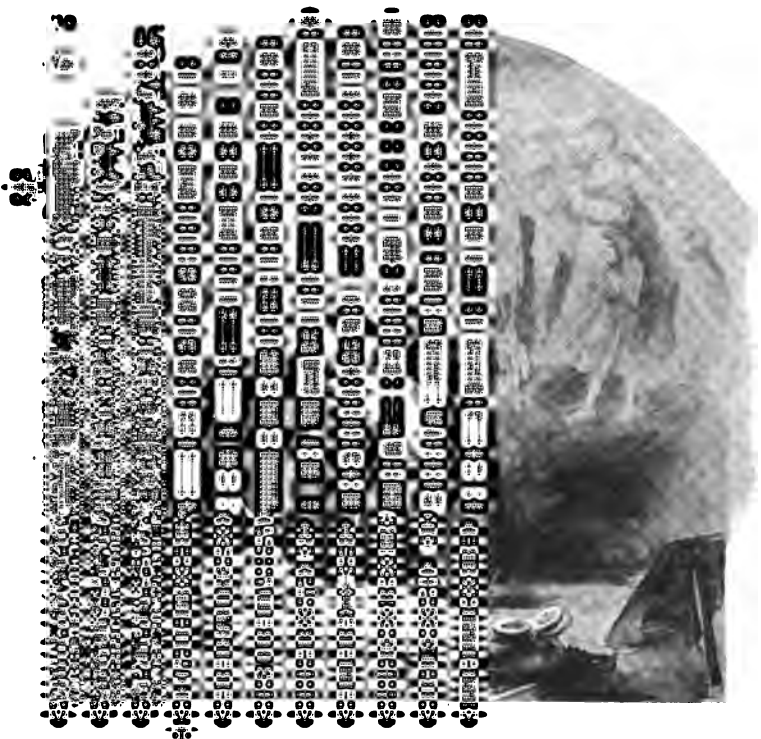
Ninguem ; e todavia todos a sentem e a adoram. É por isso que, por sobre as areias movediças ou as asperezas agrestes dos rochedos mudos, roçam na avidez de uma curiosidade insaciavel as cabelludas orelhas dos sabios naturalistas.

Certos de que neste velho mundo tudo é novo, os seus ouvidos esperam ainda, esperarão sempre, surprehender no proprio seio das coisas mudas, vozes ignoradas e perfectas.

Esta, que o grave professor do Congresso de Pescaria descobriu nas ostras, é devéras extraordinaria ! Como os cysnes, o viscoso molusco desprende na hora extrema, após um grito agudo, um canto suavissimo...

Haverá quem, depois d'isto saber, ingira sem commoção e sem remorsos as saborosas ostras crúas, crúas e vivas?! Não!





ALTO

aos olhos do mundo
A lampada de Ala-
na imaginação uma
uma chispa de pedra
thesouro accumulado
tempos e de que só
ndo solicitadas pela

E DONZELLAS

gloria da raça, a ventosa
 e rival sugando energias de
 reus e submissões de
 stãos, e é o senhor do ouro
 como o mar, recebe de
 as nascentes, e de agua
 a com agua limpida faz
 esma onda que estrondeia
 espumaradas de prata.

Rothschild não é uma en-
 tidade, é um symbolo — o



dinheiro. Elle faz tremer as nações, vê a seus pés os mais nobres governos e finca no mundo as suas garras formidaveis, enterrando-lh'as até ao amago, bem como o abutre enterra as suas na carne tenra de um cordeiro.

Como o fragil animal, o mundo sangra, — na agonia do proletario, do faminto, do sem vintem, para cujos olhos o capital é o roubo, e que ahi estão rugindo mais alto que o balir tremulo do cordeirinho na afflicção da morte...

Rothschild ! Póde ser amado este nome luminoso e que retine com uma tão ampla sonoridade de ouro ? Diria não, se a leitura de um testamento me não viesse provar que elle não quer dizer unicamente : metal, negocio, lucro. É pois certo que Rothschild é nome de homem !

* * *

Tenho observado, talvez mal, que o egoismo humano em nenhuma formula tão bem se evidencia, como na testamentaria. Pessoas riquissimas e cuja fortuna ao serviço de um coração generoso se podia expandir num largo circulo, fazem testamentos em que concentram todos os haveres nos seus herdeiros da lei ou em pouquissimos mais. Assim, ninguem que as não tivesse conhecido em vida as diria capazes de matar com um bocado de pão duro, a fome de qualquer mendigo que lhes batesse á porta.

Toda aquella fortuna parece ter sido passada a outrem a contragosto, de olhos fechados, num mergulho inevitavel.

em testamento, visto que é
n que a justiça, a ternura e

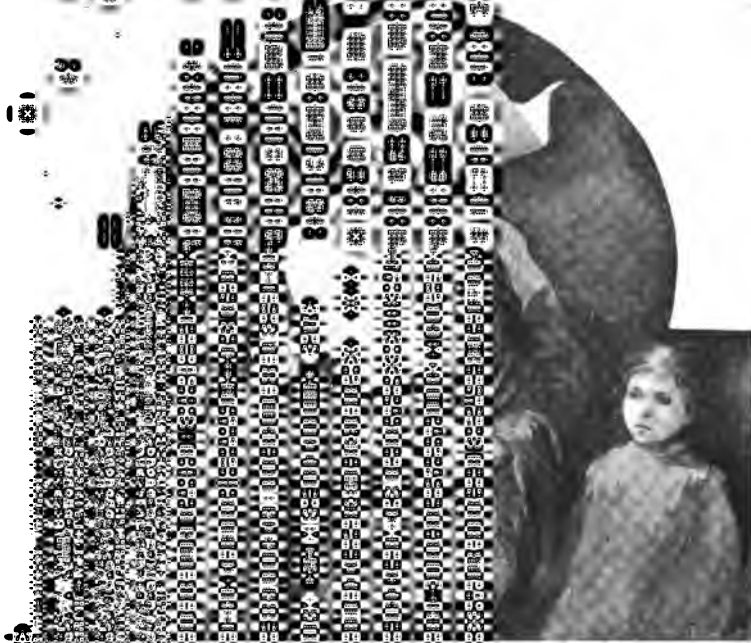
o póde ser mais consolador
omem de grande fortuna e
espalhar, após o seu com-
ferra, o bem estar e a ale-
te que sofre e que trabalha.
os ricos têm de se fazerem
idos muitas vezes pelo seu
nem por isso deixam de ser
alcancam...

cho Rothschild o testamento
nal e onde ha legados com-

s antepassados, este homem
estas paginas de clemencia.
eficio que o coração decre-
lle quarenta e quatro vezes
para desenvolver, accres-
observação da vida lhe ia

hospitaes, escolas e museus,
ntões e montões de dinheiro,
contos; sem commentar a
tinadas á manutenção dos
o croup encontram linitivo
legados que me pareceram
ação raro. Este, por exem-
tancia para auxilio de mo-
seu trabalho. Isto não tem

dinheiro aos pobres
 a uma ideia de aco-
 plauso, é como um
 ebido sem lagrimas.



eraria sacrificada, na
 só têm olhos a con-
 ou-lhe um adeus de
 dá á mulher, e que
 to para as suas fra-

sua simplicidade, o
 cuja sorte triste pro-
 que tenham traba-
 vel da decadencia ou
 em misteres brutaes,

em que o seu pobre corpo esfalfado vergue ainda no interesse do dono egoista.

Chegamos ao ultimo legado, que eu não classificarei, porque toda a sua philosophia adoravel falla por si. É simples :

Adolpho Rothschild, deixou a uns tantos sacerdotes velhos, de qualquer religião, somma que lhes permitta exercerem tranquillamente em França o seu ministerio.

Esta lembrança abre-se aos meus olhos como uma flôr até hoje desconhecida. Nem a côr, nem a fórma, nem o aroma denunciam a semente que lhe deu origem, tão sabido é que a tolerancia absoluta raro germina na Terra.

Cada um de nós pensa que da nossa religião é que ha de vir a felicidade ao mundo, porque só ella é perfeita e é verdadeira. Balsamos que outras derramem, que nos importam, se nem ellas são justas, nem os seus filhos nossos irmãos ?

Guerreêmo-nos, matemo-nos em nome da nossa Fé, que será um dia a de todos que nós tivermos vencido ou que vierem ao nosso chamamento. A esta idéa turbulenta, desorientadora e triste, responde a voz serena d'aquelle paragrapho, em que um judeu offerece amparo a velhos sacerdotes pobres, catholicos, israelitas ou protestantes, para a sua manutenção, aconselhando ao mesmo tempo aos seus descendentes, que lhe sigam o exemplo de tolerancia e de liberdade religiosa.

Pouco importa o culto; é ao homem que elle estende o bordão para qualquer dos caminhos que vão ter á felicidade e de que tantas pessoas se extraviam...

Será curioso vêr-se um dia, em uma aldeia de França, esta velha França tão irriçada e de tão má catadura para com os judeus, um sacerdote catholico e velhinho, ensinando ás suas ovelhas rudes a murmurarem com doçura o nome de Rothschild...

Quando os seus sapatões ferrados se imprimirem na neve dos caminhos em soccorro de um agonisante; quando o sino do seu campanario repicar na madrugada clara; quando as creanças se ajuntarem á sua porta para o cathecismo, com as mãozinhas carregadas de favos de mel ou de cerejas para o senhor padre-mestre; quando as suas mãos tremulas de ancião ligarem para o futuro e para o amor as mãos de um casal moço e robusto; quando os seus labios murchos consolarem com palavras de perdão e de esperança uma peccadora, ou quando a sua face enrugada e pallida sentir o afago agradecido do aleijadinho que ninguem ama, o bom pastor de almas terá a visão perfeita de que o velho judeu Rothschild lhe sorri do céu!

Assim seja.





HEROES...

Sombrosa a imaginação
 e a astúcia dos ingleses e
 a expansão dos seus
 estando os avisos que
 onde tiragem, ávida-
 e tiram mais almas do que
 os nossos jar-
 es com que enfeitam
 os cartazes de fundo
 negros (negros ali só

g-zag de raio, rabeia de alto
 aarellos, o nome da droga
 o os milhares de bilhetes
 mente pelos seus theatros,
 agões, avenidas, cerveja-
 om a mesma furia para os
 globo, cartões, livros, fo-
 pastas, com uma prodigali-
 wa.

idade e a convicção com que
 os povos de todas as raças, a
 estrias. O que nós não seria-
 ma fileira cerrada de pontos
 tra de *ahs* e de *ohs*, acom-
 cencia de muitos adjectivos
 um uma phrase secca, onde
 smagador e positivo.

não está, pois, na palavra,
 a vem assentada. Reprodu-
 nos negocioso que idealista.
 um papel barato, feio, facil
 e maravilhosa, que lhe ser-
 nuncio, escorregaria pelos
 caixa do cisco dos quintaes,
 ttenção de ninguem.

co do annuncio está na bôa
 na nitidez do seu typo, na
 está impresso, no seu asseio,

na.

de atirar para a cesta dos

papeis rasgados um livrinho, em que, sobre o marroquim bem imitado da capa, brilha um emblema dourado, e que, por pequeno e elegante, mais parece uma carteira de lembranças amáveis, do que um catalogo de chapas e de fogões!? Aberto o livro, o desencanto é completo; nas suas curtas paginas assetinadas não ha segredos, mas uma imposição clara de fabricante, chamando sem cansaço a attenção da gente para os seus productos, sempre com a mesma phrase, cem vezes repetida, e em que ainda na ultima pagina se sente folego para outras tantas affirmações.

É de se ficar agoniado! mas os inglezes e os americanos não ficam, e continuam na sua ambiciosa propaganda, a exportar para as cinco partes do mundo em annuncios de toda a especie, a dôce e encantadora effigie das suas creanças louras, vestidinhas de azul, com margaridas, ou gatos brancos no regaço.

Que vão fazer nos arraiaes africanos, nas povoações asiaticas, nos sertões americanos, ou mesmo nas modestas aldeias europeas essas carinhas rosadas e gorduchas, feitas para o beijo e a caricia do olhar? Vão dizer em inglez que a manteiga mais pura e saborosa é de tal ou tal fabricante de Londres ou de New-York.

E como a menina tem um bom ar de innocencia, todos os que entendem o que alli está escripto, lhe prestam a maior fé, e os que o não entendem, guardam, por amor dos seus olhos côr do céu, o cartão em que ella vem estampada entre dizeres commerciaes.

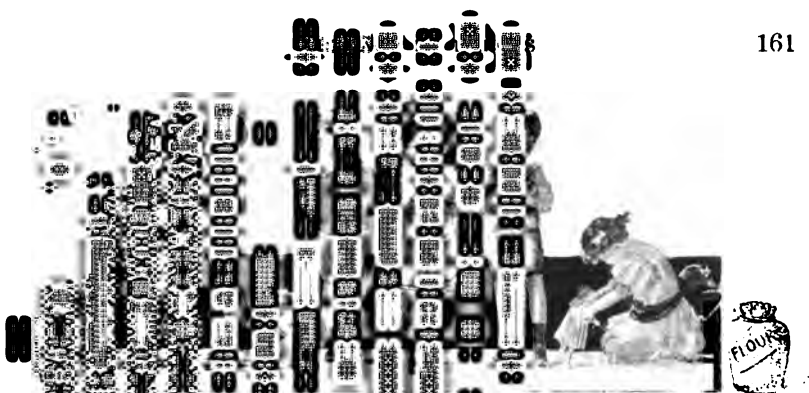
Parecia-me a mim, que nesta questão estava tudo feito e explorado, desde as paizagens suggestivas, rotulando latas de leite, onde a vaquinha gorda demonstra



as folhinhas em que, a par
te preconizam, se desen-
volos e vem a prophecia de
me; a arte do reclamo não
faz mais a sua phantasia.

rcimonia de vocabulos, os
xa, de vernizes, ou de qual-
geito de fallar ao coração
que traição! Já não basta o
meça tambem o assalto ao

minha mesa de trabalho
apa, brochura, com as ar-
e folheei-o; só continha
menos de cincoenta e seis
s. De quem eram? A pe-
explicava tudo em poucas
is creanças, cujos nomes,
, vem indicados sob cada
mundo como orphãs dos
l, a quem o proprietario de
nta gratuitamente. E bem



al fécula. São gor-

Que triste galeria
 inhas mãos tremem e
 e uma grande indi-
 não ter remedio.

o de dez mezes, re-
 ellado e sério, com
 rancos; depois vem
 ns ainda de touca,
 nas grossas, as mãos
 bôca aberta, mos-
 engivas sem dentes,
 to galantes e muito
 bastasse o serem

ondo da penultima
 ra Alice Wilson, de
 m não imagine que
 samento do pae ao
 terra, a que talvez se
 homem para só obe-

Ora, a caridade d'esse fabricante inglez, que alimenta gratuitamente creanças para exhibil-as ao mundo, em proveito seu, é de uma expressão muito singular e absolutamente nova nos annaes da philanthropia e do annuncio! A patria que lhe agradeça o desvelo que elle demonstra pelos orphãos dos seus heróes! Se a exploração do sentimento continúa d'esta maneira, não nos deixam nada para a litteratura...

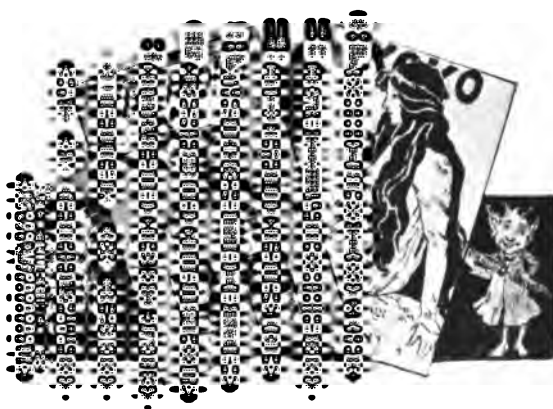
Mas não seria por amor d'isso que eu gritaria, mas por outra causa mais respeitavel e delicada. Sempre gostaria de saber com que olhos os senhores do governo da velha Inglaterra olhariam para este album de reclamo. se elle algum dia lhes cahisse sobre a sua mesa, como cahiu sobre a minha, sem eu saber como!

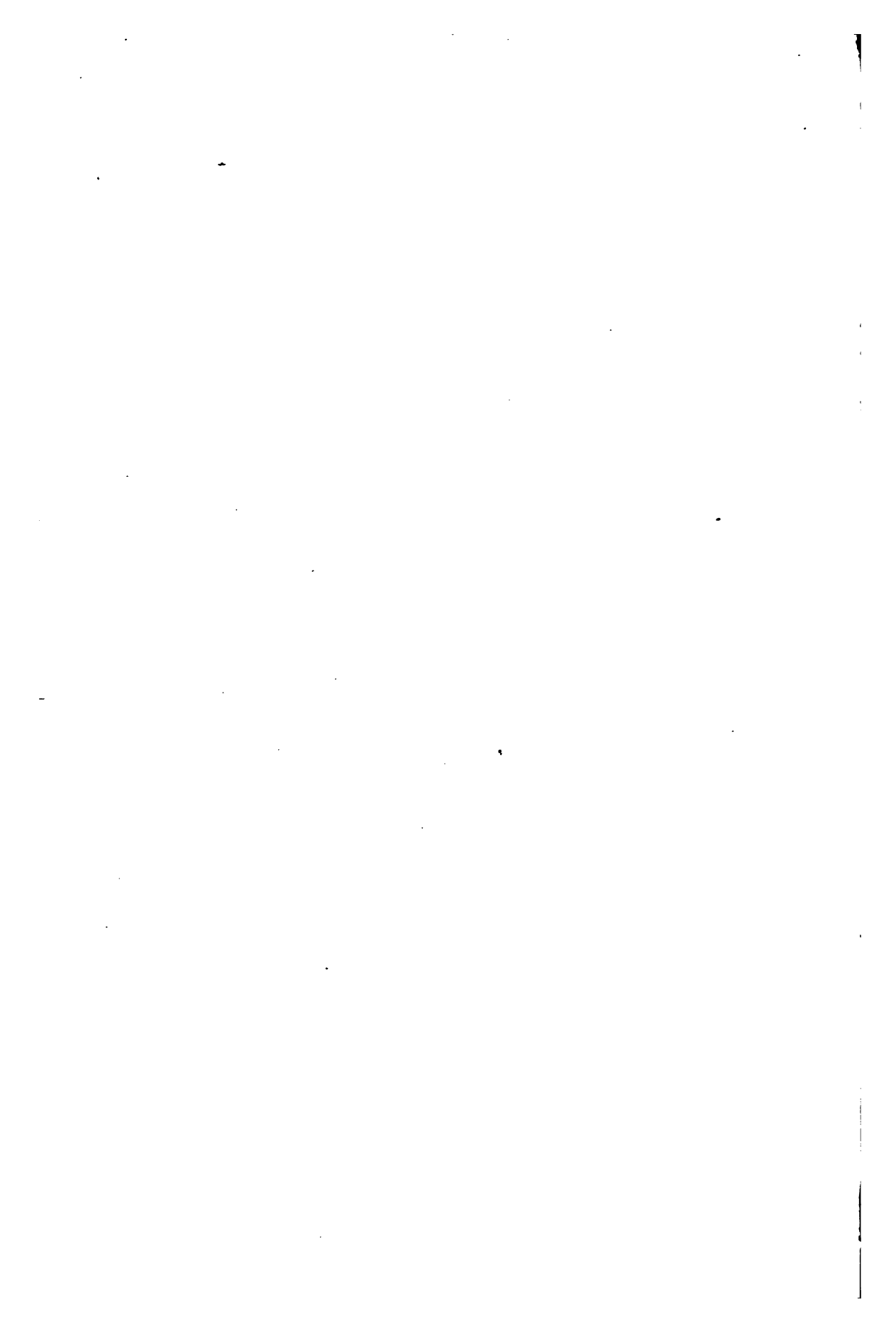
Talvez que levantassem os hombros e nem lessem os nomes dos soldados e dos officiaes, cujas mortes vêm authenticadas sob o retrato de cada orphão; talvez que não ligassem á fileira de rostinhos infantis maior importancia que a que ligam aos gordos frades emborcando cerveja nos cartazes dos *schops*, ou ás dansariñas nos annuncios das tabacarias,—tão acostumados estão ás extravagantes explorações dos seus industriaes; comtudo, á minha ignorancia de mulher sentimental parece que o olhar mudo e innocente d'estas creancinhas revolver-lhes-ia na consciencia maiores reflexões do que todos os discursos das duas camaras...

Realmente, a funebre lembrança d'esta propaganda é de fazer arrepios. Pobres orphãos innocentes! o que eu acredito que elles espalhem pelo mundo não é a fama da farinha que lhes engrossa o leite, e os prepara para

ES

da injustiça que as
ra, que semeia com
terra !







«Minha querida.

noite escura, em uma
 um clarão averme-
 es de lona suja, onde
 rythmo da charanga
 ntomima esbordoam-
 as cabelleiras e as
 as O povo ri, mas
 ulu

Vêm já umas lanternas de doceiras tropegas pela encosta, como estrellinhas cançadas. No meio da treva, mal attenuada pelos espaçados lampeões de gaz, diviso as linhas ondeantes do morro, de onde escorre o aroma agreste das plantas, que o relento refresca e activa.

Sinto-me triste; e a placidez da noite silenciosa, acolhe a minh'alma como um seio materno. Nunca a escuridão me pareceu mais dôce; posso mostrar ao céu a amargura da minha face, porque só Deus a vê, e deixar que o desalento do meu espirito se infiltre e transpareça no meu corpo.

Quem ha que não tenha tido, ao menos, uma hora d'essas, em que toda a força vital parece exgottada e não nos resta nem ao menos a vontade de reagir?

A meu lado uma voz falla, como um rumor continuado de agua rolando em pedregulhos baixos. Mal me atrevo a esboçar um gesto com que lhe responda.

Decididamente a tristeza é agente da preguiça!

A ultima bexiga da pantomima deve ter rebentado agora nas costas do estalajadeiro, que era velhaco e sonso. Calou-se a charanga, e o clarão rosado do circo sumiu-se de repente na treva. Augmenta a bulha de passos; ouço uma voz dizendo:

— O palhaço é muito engraçado!

Eu por mim achei-o estúpido, repetidor de trapações antigas, de um rancismo bolorento. Engraxou-se mal, não tocou ao violão e pouco dançou da *chula*. Mas a razão não estaria do meu lado; a razão nunca está do lado da gente triste.

O palhaço devia ter cumprido a sua missão. Lembrei-me de ter visto torcer-se toda, em um accesso de

hilaridade, uma espectadora velha, expondo no auge da expansão o seu unico dente descarnado e longo. Outras caras da archibancada foram surgindo na minha memoria.

Olhar para os espectadores é, em certos espectaculos, o melhor espectaculo, e o unico pittoresco num circo de roça.

O rosto dos velhos tem sobretudo uma candida expressão de deleite, mais demonstrativa de enlevo que os das creanças mesmo. A alegria desabrocha-lhes por entre as gilhas da face e as palpebras franzidas, com o frescor viçoso de flôres em ruínas. Aquella alegria curiosa, que eu invejo, causa-me entretanto uma certa piedade... É a profanação do riso, a abjecção do gosto. Parece-me que aquellas cozinheiras e operarias que pasmam radiantes para as misérias da arena só se deveriam sentir á vontade em um circo de sedas claras, com festões de lampadas electricas e ramos de violetas em cada camarote.....

Um equilibrista fechava a primeira parte, sustentando maravilhosamente uma penna na ponta do nariz. A vaidade do homem devia ser grande naquelle individuo! Cruzaram-se fardas de belbutina e casacas luctuosas dos ajudantes na arena.

Cerrei as palpebras, aspirei o aroma de meu lenço e fiz de conta que estava vendo a *pompa circensis* com que se precediam os jogos no circo de Maxencio... e a illusão talvez se prolongasse, se uma preta moça e tafula se não lembrasse de roçar pelos meus joelhos, exhalando o cheiro de um raminho de arruda espetado na carapinha. Entonteci ; e logo tudo me pareceu ignobil :

as desafinações da charranga, as pernas grossas das *écuyères* mal calçadas, o ondear das fitas e das tarlatanas baratas, a repetição das sortes tantas vezes vistas, os assobios do povo, os estalos dos chicotes e das bofetadas, o ruído da mastigação de um visinho, que enchia a bocca de mendobi, o fumo dos cigarros, a deficiência das luzes, e os pregões de um hespanhol maltrapilho annunciando biscoitos.

Restabelecido o equilibrio, notei com surpresa que alguns d'aquellessaltimbancos tinham logrado prender-me a attenção em uma *matinée* do S. Pedro. Sim, era a mesma gente, era o mesmo trabalho. Sómente a atmospheria atravez da qual eu os via era outra.

Não se comia mendobi, mas pastilhas de chocolate; a sala era clara, limpa, e nos camarotes apinhavam-se creanças lavadas e cheirosas. Nesse dia os artistas tinham trabalhado bem, pareceram-me até pessoas de qualidade, que vinham por excepcional obsequio divertir a gente.....

Para penitencia relembro uma pagina de Tolstoï, sinto sobre o meu hombro fraco a sua mão pesada e como que o seu espirito sussurra ao meu :

— A alegria e a verdade estão neste barracão armado á pressa, como uma tenda de campanha, para a cambalhota e as miserias mal disfarçadas.

Sedas? flôres? luzes electricas! são phantasias para gente de casaca, que não sabe rir. Só a gente rude conserva frescura e sensibilidade de alma. Os unicos velhos que têm riso gostoso são os ignorantes. . Vae-te embora.

E eu vim-me embora, pensando nessas coisas quando, eis passa por mim um medico illustrado a quem ouço dizer :

— Pois senhores, o palhaço tem graça!

A opinião dos homens confunde-me. O homem, pelo simples motivo de ser homem, está determinado que tenha de tudo uma visão mais positiva, mais clara e mais perfeita do que a minha. Relembro a scena principal do clown :

Um sujeito de casaca e de chicote dá-lhe a incumbencia de levar um embrulho de dôces a certa moça.....

Procuo fixar o resto : não posso, foge-me a idéa para outro assumpto.

O céu está estrellado, o ar dôce, o aroma das ma-

envolve-me toda, como uma
minha alma uma pureza de

ar de fulgurantes esmeraldas
volto a vista para o local do
noite como que suspira de

vez pelo espirito o romance
explorado pelos
velhos contis-
tas : o riso agu-
do do palhaço
que se rebola
na arena e que
se tras muda em
soluços quando
nos intervallos
se atira sobre o
corpo moribun-

creanças roubadas, nos estudos
écuyères, virgens e recatadas.

haço tem sempre no bastidor
as as creanças signaes de pau-
dos.

e este circo de roça, grotesco,
mostram tanto a nú, não con-
ssipar-me a tristeza.

regando a casa, está o palhaço,
ciros refazendo as forças com
e rindo-se, ainda por cima,

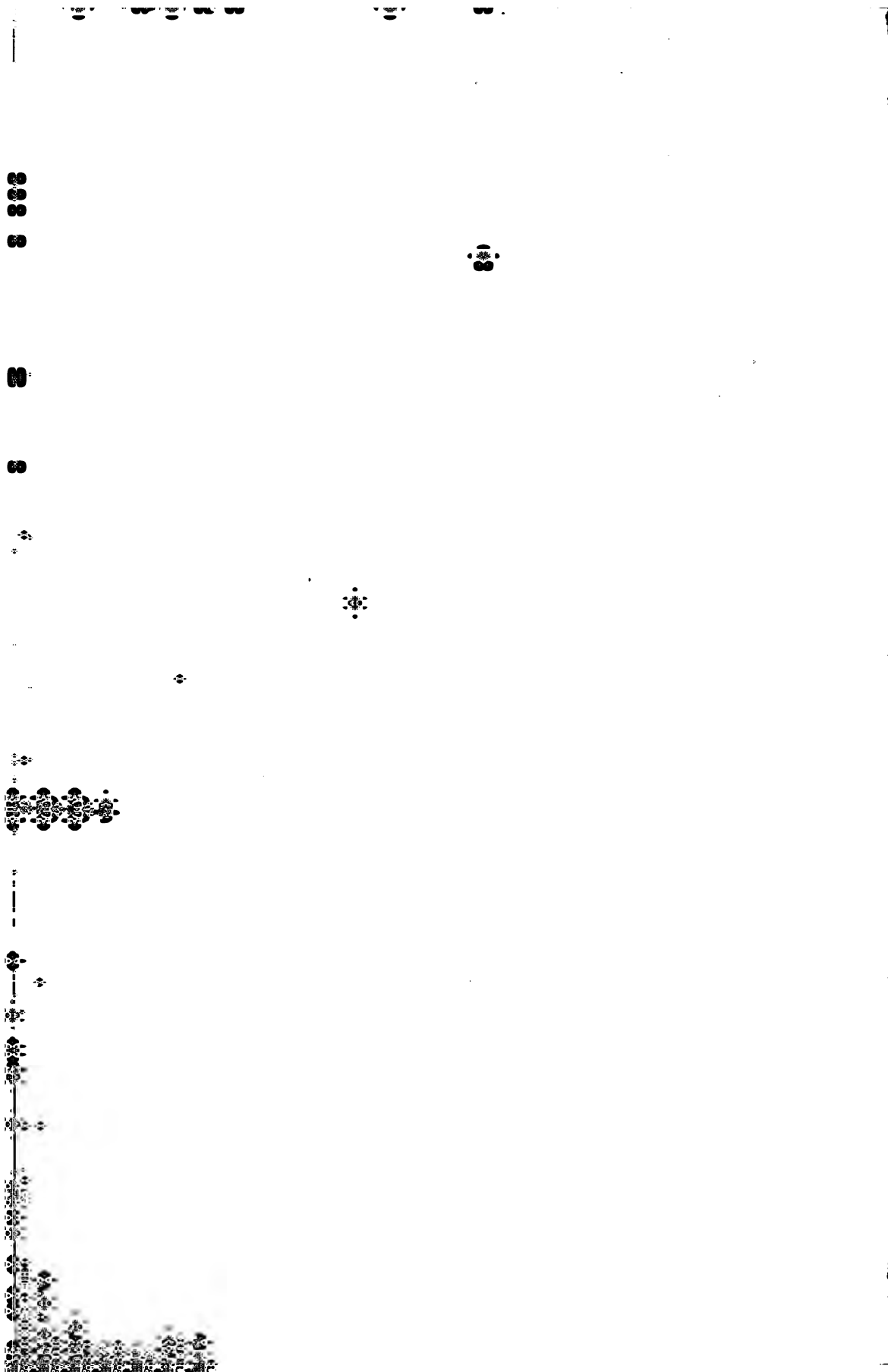
Entretanto, (oh ! prodigios da imaginação enfeitada pelos romancistas !) como que distingo no ar, lá muito perto do céu, o senhor *cloacn* enfarinhado e choroso sustentando nos braços um filhinho morto !

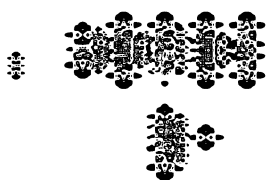
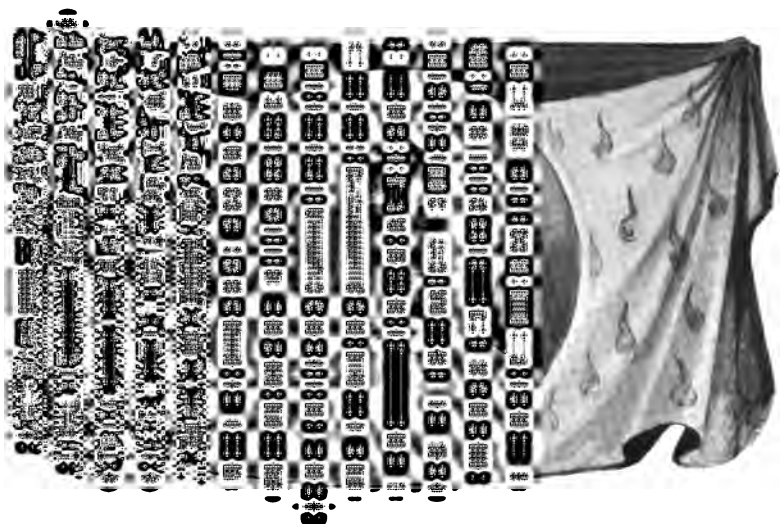
E como são horas de dormir, digo-te adeus ! »

Tua

FRANCISCA







... annos, quem fôr
... culo XX, que des-
... e bondades aper-
... a dizer que nestes
... sua dama quebrou
... -a, expulsou elle
... o-o para fóra do
... amigos, no desam-
... os labios d'ella a
... arcar com a basta
... A pobre não era
... ada pelos subditos
... punham a que o

er, que nem era moça como
de um titulo de princeza,

ente, fascinada pelo presti-
nhava para elle como a fina
grande pedaço de iman. As
e tanto mais amam quanto
o perigo, augmentava o en-

*quando se recebeu do céo
amor, é privar-se, a si e a
felicidade. Seria como uma
cesse com medo de peccar,*

em escriptor de então... É ver-
cante elle accrescentava, em
*sa de uma mulher que resiste
nis admiravel que pôde exis-
tras procas possiveis de cora-
estú, tão forte e tão penosa.*

ue esses heroismos são bons
ndo a missão da mulher obe-
quadrava a allegoria da laran-
via, a vontade ao seu senti-
com elle.

já não a via com bons olhos,
ra que todas as antipathias
abeça fraca, o velho rei exi-
mpre de amores ephemeros e
nge da patria, e logo começa-
finára de paixão, resentido
que a culpada de tudo era a
e estirpe real não devia me-

go uma trama de
e falsidades, di-
que ella mentia á
gião e á sua cons-
O beijo do amor
cundára, e na sua
esterilidade ella
ra um sonho que
cia a corte e o rei.
sonho da mater-
idade.



Gente do palacio, muito embusteira, inventou logo que a rainha simularia um parto, vindo uma creança extranha occupar no berço principesco o logar que só deveria competir ao filho do soberano... Intriga foi esta que se espalhou por toda a nação e transbordou para paizes alheios e terras de além mar. E, como formiguinhas, iam as perfidias entrando pelos ouvidos do rei...

No seu grande palacio sumptuoso vivia a misera rainha desconfiada, sem se poder lavar das maculas que lhe attribuiam. Assim, a flôr da sua belleza outomniça enlanguescia, e o rei, aturdido, cheio das queixas dos vassallos, que lamentavam a morte de um rei que nunca tinham amado, só por acinte á rainha intrusa, cahiu em acreditar que a esposa só o quizera por vaidade e ambição de reinar. Por isso, quanto mais ella se debulhava em pranto, mais elle se enfasiava d'ella, que sempre as lagrimas foram causa de aborrecimento aos olhos dos maridos. Todo o seu grande affecto se tornou depressa em ogerisa, que tambem do pae naturalmente herdára uma certa inconstancia no amor; e vêr sempre os mesmos olhos, de mais a mais queixosos, não lhe sabia bem.

Correram mezes nesse desagrado, até que um dia, em pleno palacio, a macia e régia mão de um rei da culta Europa cahiu com bruteza sobre a pallida face de uma rainha.

No triumpho da alegria correram damas de honor e fieis criados de el-rei a soprar aos quatro ventos aquella ignominia, rindo da triste rainha offendida.

Esta, humilhada, quiz matar-se; mas não a deixa-

ram acabar com a vida, guardando-a dia e noite de perto, com os olhos arregalados e as unhas afiadas.

Os vendavaes desnudam as mais floridas laranjeiras; a alma da rainha já não tinha perfumes, só tinha espinhos; e o rei, por onde andasse, lá ouvia o echo das canções maliciosas das ruas e dos theatros, em que se dizia a aventura de uma mulher que só se unira a um rei pela vaidade e o desejo de reinar...

Entendiam no seculo XX que o Amor devia viver encarcerado, e ainda com muitos sellos nas portas e nas janellas gradeadas, que lhe attestassem a legalidade.

De modo que, quando cansado da reclusão, elle quizesse fugir, teria de debater-se e deixar na cadeia o sangue de seu corpo e as pennas de suas azas.

Elle arrependido, ella resignada, parecia até que tinham voltado a amar-se, foram uma alta noiteprehendidos no seu castello por uma immensa horda de assassinos, que arrombando portas, derrubando sentinellas, alcançou-os a ambos e os matou sem dó...

Não fosse elle fraco; não fosse ella ambiciosa...

*
* *

Dirá mais coisas a lenda do rei da Servia, tratando com injustiça a pobre Draga, sua mulher, só porque não tinha nas veias sangue real.

Outra lenda, sua contemporanea, provará d'aqui a uma centena de annos, que as mulheres, mesmo rainhas, não tinham no começo d'este seculo XX as prerogativas que hão de ter então. Esta será talvez em fórmula de balada. Uma soberana moça, de perfil dóce, ele-

Príncipe estrangeiro, recebeu
pobre Draga, do seu real
linda Guilhermina acudiu
quanto que á outra...

Esso tempo os futuros com-
cer-se-á de perto com o
ades, em que esposos ciu-
ças ao ferrolho dos seus
s pelo seu ciume.

Deixa ouvida e que perdure
exhalada pelos labios femi-

etrou no coração da mulher,

es são mudos; o passaro
homem tem a linguagem
luminosa, o verbo limpo.
do do homem e do canto do
magica com que intercala
anhelo, o suspiro apaiço-

o ser mais sensível do uni-
andicias ou ás crueldades
homens escolheu e a quem
a sua paixão, porque as
balbucios com que inter-
gria ou os temores do seu
pune, mata ou esquece;
quetibá para a roseira, do
a sua grandeza, não per-
e dõce, a voz da mulher,

como o perfume das rosas, póde chegar muito mais alto, até ao céo, que só se abre para a sinceridade dos sentimentos grandes e verdadeiros!

E é por não a comprehender que ainda um ou outro a brutaliza.

Ainda não ha muitos annos uma pobre rainha asiatica sentiu no rosto a pesada valentia da mão de seu marido. Como no palacio da Servia, o mesmo alvoroço no da China.

A pressa com que o telegrapho annuncia ao mundo estas miserias!

Mas o que não deixaram fazer a Draga, consentiram que fizesse a imperatriz chinesa. Matou-se.

Afigura-se-nos que uma imperatriz, mesmo da China, deve olhar para todo o seu povo, não com a dôcura com que um pastor olha para o seu rebanho, mas com fria altivez e soberana indifferença. Ella está alli, no throno brilhante e forte, para que a vejam e para que a amem. Não querendo deixar penetrar os seus pensamentos, torna-se impassivel e austera; sentindo em cada beijo a baba da adulação, começa a desgostar-se da humanidade e a ter repugnancia dos cortezaos mentirosos. Os seus pensamentos devem ser extranhos, bem analysados, sentidos com intelligencia. Nós não comprehendemos as rainhas senão assim. Uma imperatriz que ame o marido, que discuta com vivacidade, que o censure com paixão, e que (santo e misericordioso Deus, como isto até custa a escrever!) leve d'elle pancada... uma rainha que, em vez do cynismo de salvar apparencias para que o seu povo a julgue invulneravel, encontra rancor no peito e sangue vivo nas veias, para

offensa recebida, é digna dos ultimos tempos, como os de mulher.

Supportavel a idéa de que, por, possa levantar a mão contra uma mulher, seja *ella quem for tambem*.

Se elle se julga e se proclama o forte, o

senhor dominador e poderoso, deve encontrar na palavra todo o fel da censura, sem se rebaixar num aviltamento que o amesquinha. É melhor matar

uma punhalada poderá perdoar, nunca!

Em sentimento, quando não fique sem a coragem da vin-

dezas que apanham pancada. Não acrediteis! A mulher é incapaz de tudo. É preciso, afinal de contas os mesmos golpes no corpo do homem o nascem na mulher os mesmos machucados. Somos mais tenazes,

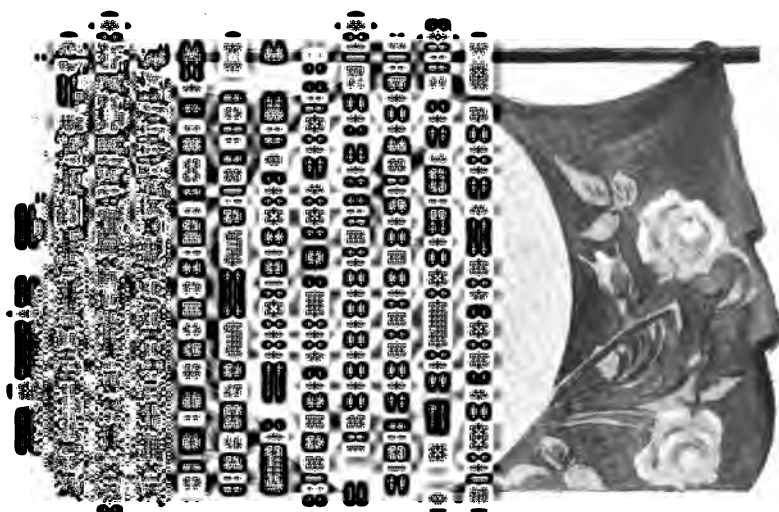
talvez, mais frias no amor, mas mais excessivas no odio.

O exemplo do imperador da China levou tempo a medrar, mas medrou e desponta na velha Europa civilisada, em velhos thronos de ouro e purpura, que dão norma ao povo, como uma lei de justiça e um direito da força indiscutivel.

Dizem que a mulher do povo gosta do amor cruel, que a brutalize ; se assim é, que bons maridos e que magnificos trabalhadores de enxada se perderam naquelles regios senhores coroados !

Balladas e lendas d'estas rainhas, nossas contemporaneas, attrahirão a maguada sympathia de outras mulheres que, chegado o tempo do amor, do céu azul e do sol doirado, se vejam, como laranjeiras floridas, cobertas de illusões !





DA RAINHA

me Victoria, now ».
 phia da rainha da In-
 ornaes do mundo in-
 sua morte, em lamen-
 ha talvez que mais
 ue esta, com que ella
 em a meu lado para
 cerimonia, proferido
 soaria aos seus ouvi-
 stava na bocca do prin-

cipe o nome da mulher, ficando só para a Vida o da magestade.

Rainha! não ser mais que rainha, é pouco. Mãe? Não basta. Filhos e subditos têm pela soberana prestigiosa o mesmo respeito incondicional, a mesma obediencia passiva.

Ella sente, na sua viuvez, não só a falta do amigo, mas a da sua propria personalidade humana.

Havia uma voz só, entre tantissimas vozes, que a tratava como a companheira de jornada, a confidente, a alma irmã, a creatura filha de Deus, sujeita ao erro, domavel ao conselho, com as qualidades e os defeitos inherentes aos mais; havia só uma voz que lhe lembrava que ella era uma mulher como as outras mulheres, affectiva, nascida para o goso e para o soffrimento, e que o seu papel na Vida, sahia todo do coração.

Dizersómente: Victoria, era o mesmo que significar, aos seus ouvidos aturdidos de honrarias e lisonjas confusas: — « Para mim tu és mais do que a soberana, a poderosa Rainha da Inglaterra e Imperatriz de todas as Indias; tu és a Mulher, creada á minha semelhança, para companheira da minha existencia, bonança dos meus dias, e bençã da minha prole. Nasceste para mim; somos eguaes, amemo-nos! »

Percebo a sensação de isolamento que a rainha havia de sentir, quando, olhando em torno, só visse cabeças curvadas deante dos seus olhos interrogativos, e joelhos vergados nos degraus do seu throno.

A unica voz que a tratava por tu, extingui-se; e só então ella percebeu como essa expressão de egualdade e de intimidade é dôce...

Todas as suas confidencias se voltam para o seu diário.

É preciso abrir uma valvula ao sentimento, — e escreve. É também a unica maneira que ella tem de se fazer lembrar a si mesma que ella é — Victoria — a mulher de carne e osso, da mesma especie, portanto, que as pobres camponesas que andam pelos campos ceifando, e vão á tarde para as pontes e as cercas tagarellar com os noivos. Este livro é como que uma janella aberta numa prisão.

Eu gostaria de lê-lo, certa de que elle será um excellente estudo de uma alma, revelação de uma tortura desconhecida e nobre, cuja interpretação é esta : aancia de uma rainha por ser antes, e mais que tudo — a Mulher.

Em toda a sua biographia só entrevi, talvez mal, um traço ligeiro de vaidade. Sua Magestade Britannica, offerecendo o seu *jornal* ao grande romancista Dickens escreveu :

« *Como o dom de um dos mais humildes escriptores, ao maior de todos.* »

Talvez que este livro expontaneo, espelho de uma alma em toda a sua intimidade, dê direito ao titulo que a rainha se arrogou.

Que observações finas e curiosas teriam essas paginas commentadoras de actos e de personagens da Côte, se a mão da soberana, trocando o sceptro pela penna, a empunhasse, não como derivativo de saudade amarga, mas como um instrumento que tudo revolve em busca da Verdade!

O livro de uma rainha tem de ser nublado pelos pre-

Muitas linhas teriam sido de ser album intimo, esse ser livro publicado.

ente o torna encantador, é genua da felicidade ao al-

segredo da popularidade a rainha. O povo ama os amples e reverencia, sobre todas, as qualidades do co-
ação.

Não tardará que essas virtudes decantadas,

atravessem con-
tos inglezes e can-
ções idyllicas,
como embryão de
formosas e futuras
lendas. O tocante
episodio da offerta
de um brinquedo

anos depois de feita a pro-
gens e altas preocupações
tanto magnifico para historias
s que hão de vir, antes de
ria, comecem a amar a mu-

ada, surgirá em varias pa-
s d'aquelle a quem ella se
ptora.

gencia da perfeição! que,

para a apothéose de tão clara e amorosa existencia, a velha Rainha da Inglaterra e Imperatriz das Índias, soerguendo-se no leito de morte, com o esforço supremo da sua vontade soberana, tivesse pedido aos seus ministros e ao novo rei, seu filho, a terminação da guerra sul-africana.

Dizem que do mal d'esta guerra se finou a velha senhora. Quero crê-lo ; e só assim concebo a suavidade da sua morte.

A dôr, que não pôde ser expressa, por conveniências e por orgulhos de Estado, e que ficou abafada no ultimo suspiro, deve vibrar agora como um remorso na consciencia dos que a provocaram.

Triste, o brilhante destino dos reis, que nem os deixa morrer como os demais christãos : perdoando !

A alma da rainha-imperatriz muito se mostrára ao seu povo para que elle não a conhecesse. Com a percepção aguda do instincto, elle lê nella como em um livro : por isso affirma que era infinito o desgosto da sua soberana ao fechar os olhos para o ultimo somno.

Era infinito o seu desgosto ; mas, se em vez de oitenta annos a Rainha Victoria tivesse quarenta, teria sabido morrer de outra maneira.

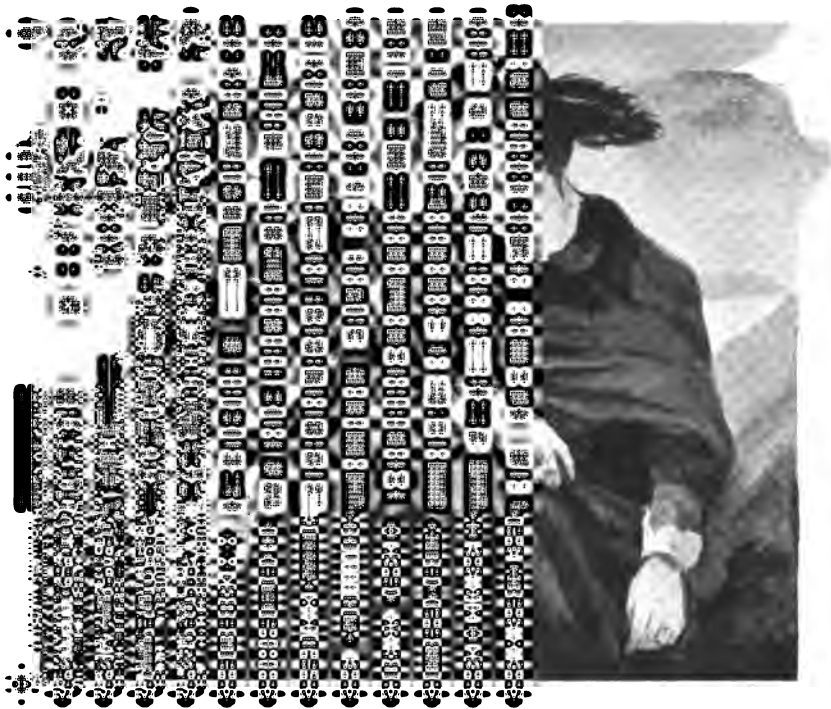
Então, o rumor surdo das armas em combate, descançando no solo ainda fumegante da batalha, soaria mais alto que todas as orações e que todos os sinos das abbas e das cathedraes. Esse devia ter sido o ultimo sonho da Rainha.

Advinhando-o, todo o seu povo se cobre de lucto sincero, os jardins do Reino despojam-se das suas fiôres, e as viúvas e os orphãos não a amaldiçoam.

AS E DONZELLAS

do seu espirito e do seu ca-
todas as linguas da Terra;
nome pelo mundo inteiro, e
um respeito singular e pro-
selho, cuja prudencia e cujo
apararam e enriqueceram a
o, e que afinal, morre calada
izar o seu ultimo sonho!





DEBENAO!



ssaram depois d'a-
de Shakespeare es-
t :

hearth, Horatio,
phy. "

a um languissimo
mo que o principe

da Dinamarca affirmava ao amigo : que ha coisas no céo e na terra que não são suspeitadas pela philosophia....

Por mais que as sciencias victoriosas dêem ao homem moderno uma idéa positiva da vida, elle sente-se acorrentado por um dôce phantasma ao mundo invisivel que abre á sua imaginação inquieta perspectivas infinitas. O mais independente e, quiçá mais feliz, que tudo nega, lá encontra um dia no seu caminho uma interrogação a que não sabe responder e que o obriga a levantar os olhos com espanto.

Uma crença que nasce, uma visão que passa, um presentimento, um aceno do nada, um sopro, bastam para ligar muita vez, mesmo que momentaneamente, o espirito mais livre ao singular encanto do mysterio. De resto, não ha quem não conte, ainda que vagamente, com o auxilio da sorte, o que é ainda acreditar nas determinações do desconhecido, certos como estamos que nem tudo dependerá nunca de nós mesmos. O — « se Deus quizer », — que é para os déistas uma formula sem contestação, não deixa de ter na bôca dos atheus uma significação, inexplicavel, mas sincera.

Toda a gente conta com uma força superior que vae regendo os destinos humanos, impassivelmente, atravez dos seculos, e de que se emana todo o bem e todo o mal da nossa alma.

Haverá quem viva na terra só pela terra, sem outra preocupação que a da hora porque está passando e o trabalho sobre que está curvado? Não conhecendo o embalamto da esperança-amiga, a mais perceptivel das creações sonhadas, como poderá esse ente archi-

teectar os castellos em que nos abrigamos nos momentos de susto ou de enfado ? Sem o mundo irreal, já não me lembro quem perguntou, não seria insupportavel o mundo visivel ? E para que nos cançarmos procurando em vão, sempre em vão, adivinhar o que nos parece apenas presentir ?

Para esta fome da alma, nunca satisfeita, nunca apaziguada, nasceram as religiões, que se transformam mas não acabam, e que ainda assim não bastam, visto que mesmo os homens mais religiosos não são alheios á superstição.

Fatalidade ! eis a palavra que sem explicar nada tudo explica, e é como que um grande manto de clemencia atirado sobre todos os crimes e todas as obsessões.

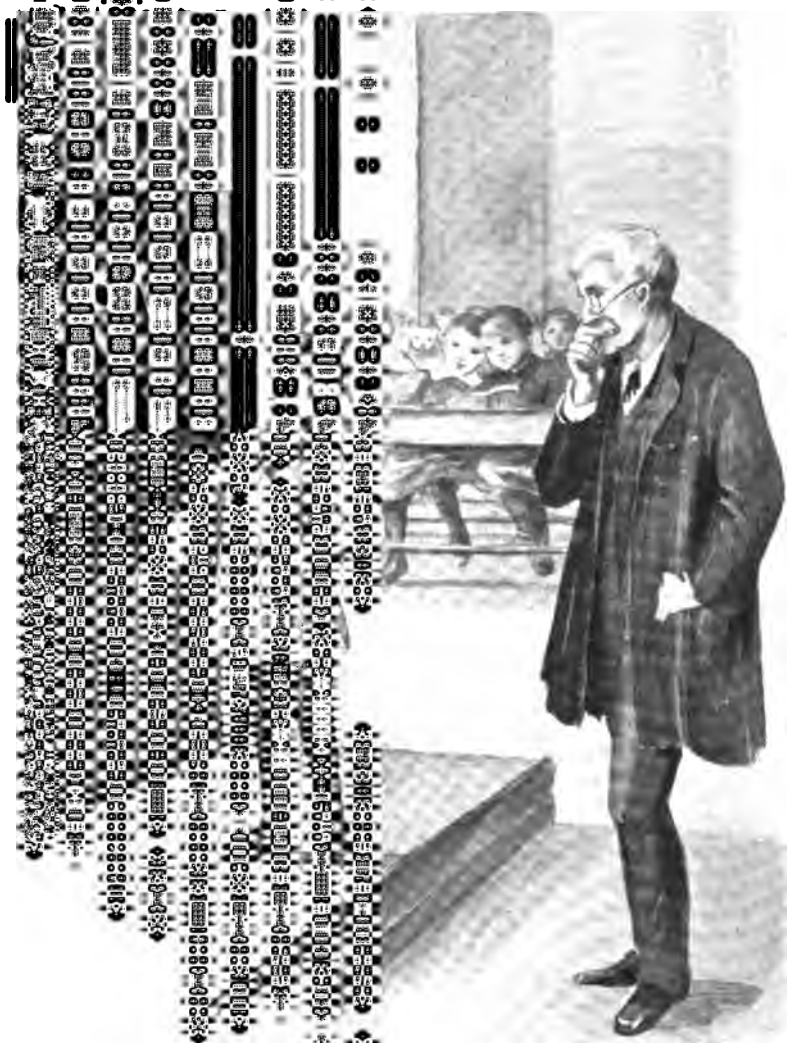
Um dia entrou-me em casa um cavalheiro de cabellos brancos e mãos tremulas, cansadas do trabalho bemdicto de apontar ás creanças as lettras do A B C.

Deve ser conhecido ahi pela cidade; tem setenta annos, ainda moureja, e passou toda sua vida clareando o espirito dos analphabetos. Ahi está um trabalho !

Quando o vi entrar, por elle ser velhinho dei-lhe a melhor cadeira, e como sou da raça dos que amam ouvir historias, prestei-me a ouvir a sua.

Têm reparado ? Para os velhos não ha prazer comparavel ao de contar a sua vida. Relembrando as horas rapidissimas do prazer, ou as lentas da agonia, luzem-lhes nas pupillas, atravez da nevoa da velhice, que com mais acerto se deveria chamar — nevoeiro da saudade — uma claridade branda, de primavera.

É uma ternura, um rejuvenescimento da alma, que



Como a vida é boa e amada!
 Lembrados os dias da mocidade,
 ...a!
 ...dizia-me elle; não acredita
 ...ezes o fogo reduziu a cinzas

os meus haveres e me deixou nú, quasi a pedir esmolas! Nasci para reagir... »

Na primeira vez, contou-me, elle ainda era moço quando um incendio lhe devorou o negocio. Forte e sereno, levantou os hombros e disse — Paciencia!

No dia immediato ao do desastre recommçou a trabalhar para reconstruir o que as labaredas tinham desfeito. Pouco a pouco, com economia e ambição de fortuna, angariou alguns contos de réis. Casou então, teve um filho, e quando maior numero de promessas lhe fazia o futuro, veio outro incendio que lhe levou até o berço do filhinho.

Mas elle ainda era moço e tinha confiança em si — Paciencia! — murmurou ainda, e recommçou na canceira.

Não me lembram as minucias do drama em que esse novo Job cavou e perdeu successivamente sete fortunazinhas, duramente adquiridas. O que me impressionou não foi isso; á força de lêr e de ouvir misérias vae a gente ficando preparada para as mais dolorosas confidencias. O que me deu uma sensação de novidade foi este desfecho, contado com simplicidade e tristeza :

« Depois do setimo incendio, fiquei sem ter que vestir. A mulher tinha morrido, o filho estava fóra. Um vizinho, condoído, deu-me umas roupas e dinheiro para um par de botinas, visto que eu nunca me acostumára a andar descalço e as que trazia estavam em misero estado.

Fui ao meu velho sapateiro, unico homem que sabia ageitar o couro nos meus pés doloridos; fiz-lhe a

aguei-lh'a e voltei resignado para o
 limo em que eu descansava os ossos

, mas não desanimado; mais uns
 repouso, embora poucos, e eu voltaria para o
 cepo a recommençar a vida pela oitava vez!

Uma manhã, appellando para toda a minha energia
 de homem, desci á cidade a trabalhar para o ultimo
 filho que me restava. Havia ainda alguem que preci-
 sava da minha coragem e da minha força, e esse alguem
 seria servido.

Para apresentar-me no emprego era mister que eu
 fosse antes calçar as botinas novas; dirigi-me para a
 sapataria e encontrei-a transformada em um montão de
 cinzas: ardera toda na vespera; só havia de pé uns
 restos de paredes e humbraes carbonizados! Minha
 surpresa foi tamanha, que não cria nos meus olhos; e
 eu, que já sete vezes tinha visto destruida pelo fogo a
 minha propriedade, ganha com tanto esforço e tanto
 sacrificio; eu, que por causa de incendios passára por
 humilhações e trabalhos sem conta, sempre com uma
 resignação que nem sei de onde me vinha, por amor
 d'aquelle par de botinas succumbi e, pela primeira vez,
 chorei como uma creança!

Percebi então claramente que em vão luctaria contra
 o meu destino. Agora, já serenado, espero o oitavo in-
 cendio, que consumirá os meus ossos e purificará a
 minha carne. »

Assim fallou o velho de barbas brancas e mãos tre-
 mulas, que tão vivamente me trazia á lembrança o
 experimentado varão da terra de Hus. Job, tosquiando

antou-se num mon-
ta a immundicie do
mandados de Deus.
e uma perseguição
acta, trabalha com
nde ouve fallar em
al-as a lèr!

», resumiu elle ao

tigos, ha coisas no
quer sonhadas pela
maneira de gosar
coisas impenetraveis,
muito differente da



INDICE



PRIMEIRA PARTE

Minhas Amigas	7
Natal Brasileiro	11
Conventos	17
Vestuario Feminino	23
Arte de envelhecer	29
A mulher brasileira.	35
Uma carta.	41
A agua	47
Em guarda	53
Porquê ?	61
Formalidades	67
Para a morte !	71

SEGUNDA PARTE

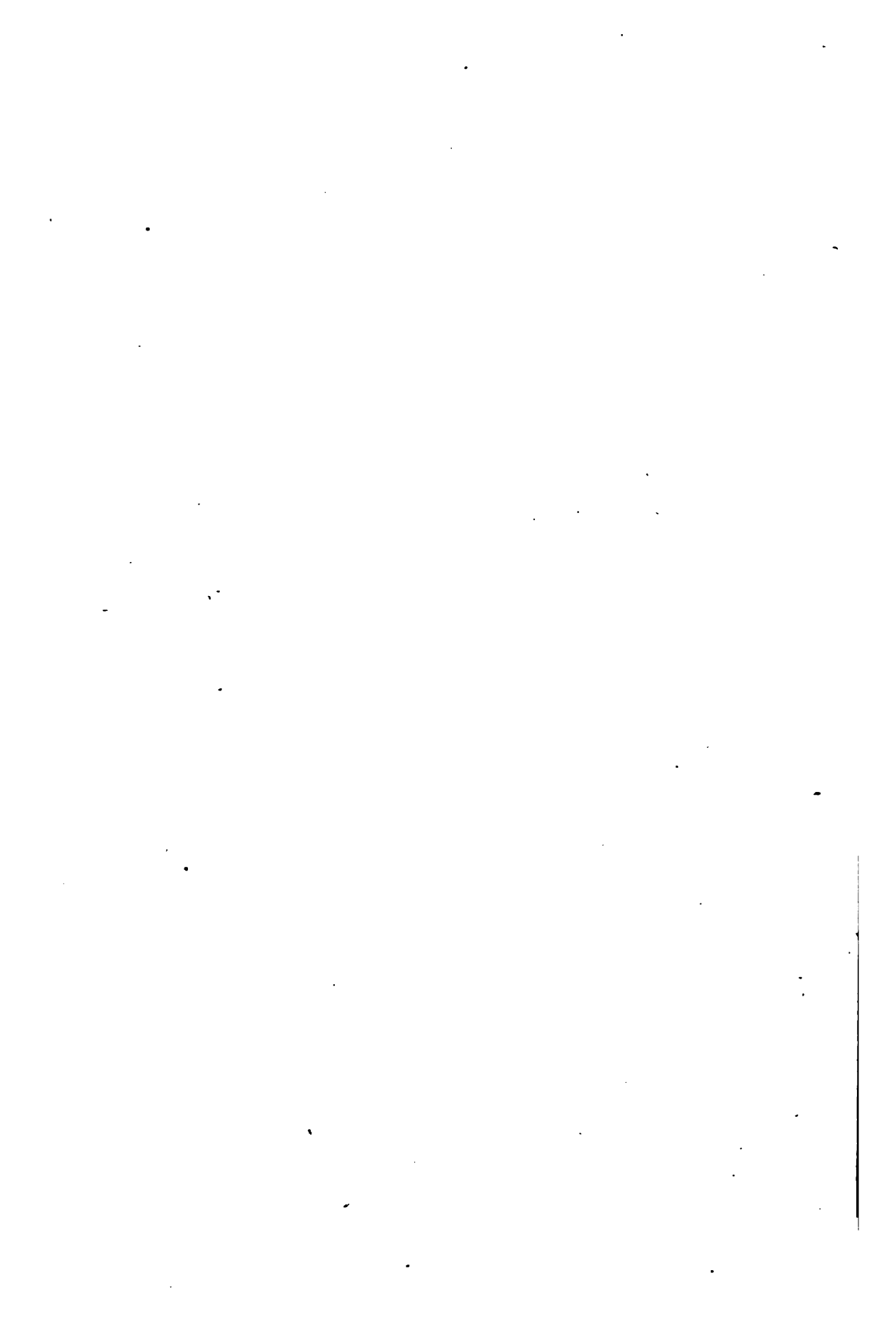
Folhas de uma carteira	81
Chiromancia.	99
Arte culinaria	105
Amuletos	111
Os Beijos	117

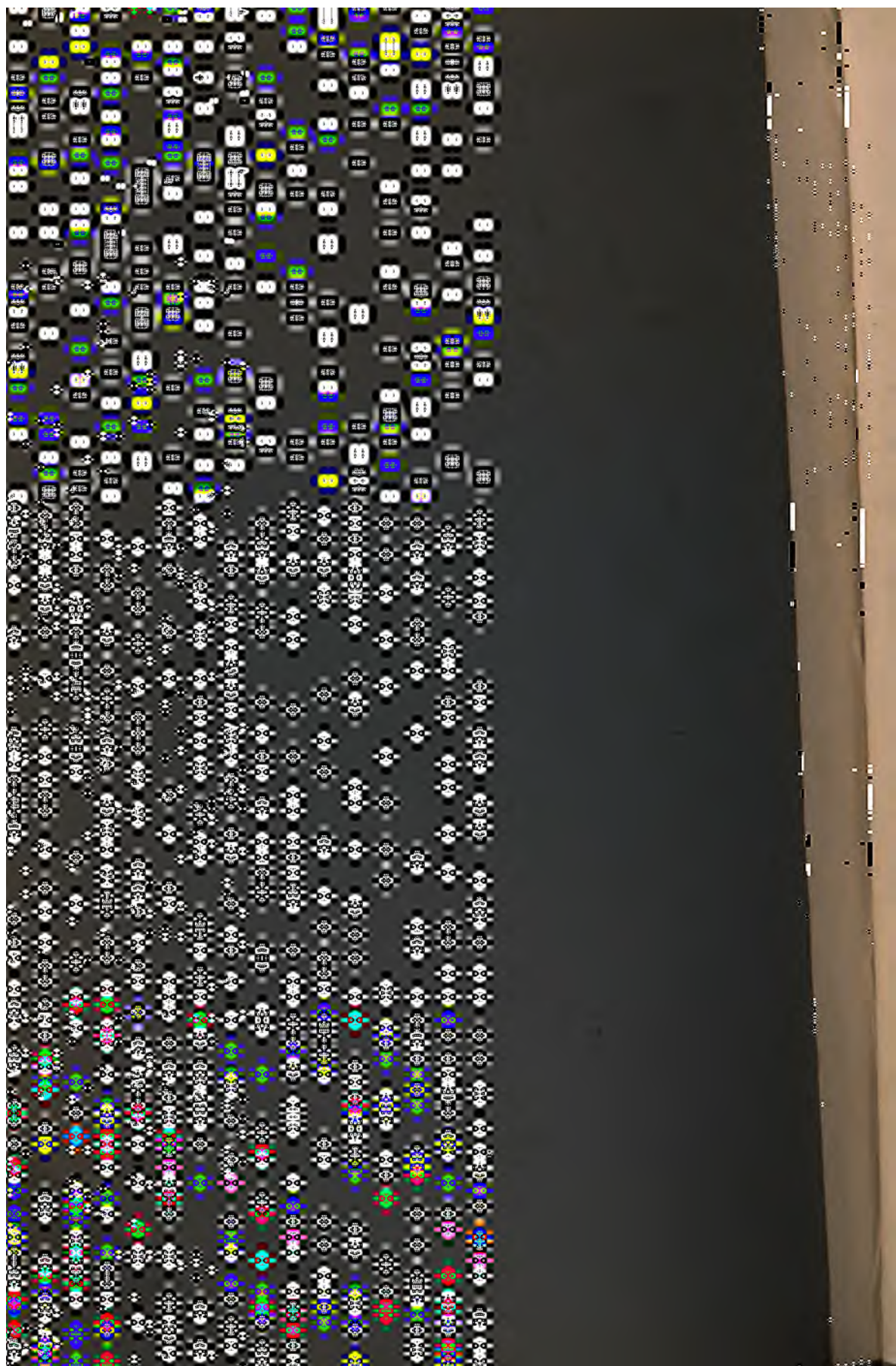
TERCEIRA PARTE

As arvores.	125
As flôres.	133
Harmonias.	143
Um testamento.	149
Orphãos de heroes	157
Carta	165
Brutos!.	173
O ultimo sonho	183
Predestinação	189

Parte do programma referido no capitulo das Flôres
foi realizado pela Associação das Creanças Brasileiras
na sua exposição de Flôres de 1903.

TYP. AILLAUD. — PARIS







C038162515

**HOME USE
CIRCULATION DEPARTMENT
MAIN LIBRARY**

This book is due on the last date stamped below.
1-month loans may be renewed by calling 642-3405.
6-month loans may be recharged by bringing books
to Circulation Desk.

Renewals and recharges may be made 4 days prior
to due date.

**ALL BOOKS ARE SUBJECT TO RECALL 7 DAYS
AFTER DATE CHECKED OUT.**

NOV 21 1975

✓ DAVIS

INTERLIBRARY LOAN

REC. CIR. DEC 24 '75

LD21—A-40m-8,'75
(S7737L)

General Library
University of California
Berkeley